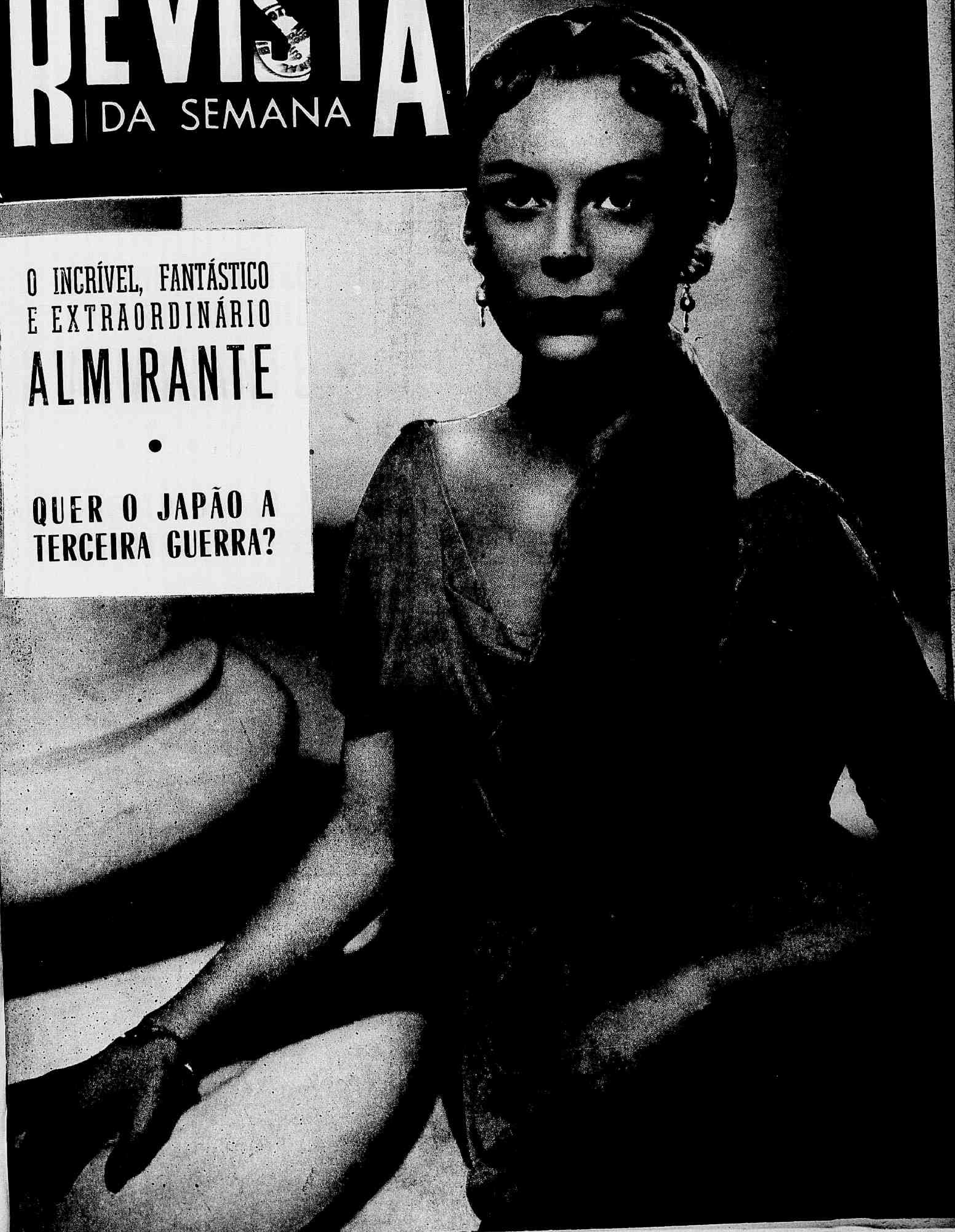
REVISTA DA SEMANA



COMO CONSUMIR MENOS

ELETRICIDADE

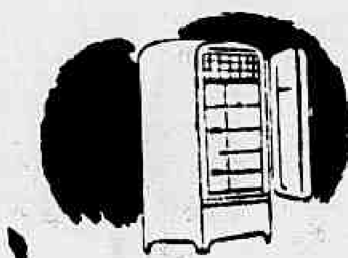
Seguindo os conselhos abaixo, a Senhora conseguirá consumir menos eletricidade, sem prejuizo dos serviços domésticos.



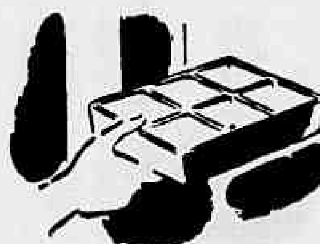
No caso do ferro de engomar que é um dos aparelhos de uso doméstico de maior consumo, proceda da seguinte maneira:

As peças a serem passadas devem estar preparadas antes de ligar o ferro. Use de preferência ferros automáticos ou com regulador de temperatura. Não sendo automático, desligue o ferro quando atingir a temperatura necessária.

Com a sua geladeira proceda assim:



Evite abrir constantemente a geladeira e examine sempre as borrachas da porta, substituindo-as assim que estiverem defeituosas. Verifique se o termóstato funciona regularmente.



Evite o congelamento excessivo, fazendo, semanalmente o descongelamento de sua geladeira.

Durante as horas de carga máxima, das 17,30 às 20 horas, evite a utilização de aparelhos elétricos, principalmente os de ar condicionado, ferro de engomar, aquecedor, fogareiro, etc. e observe as medidas de racionamento de eletricidade em vigor.

A PEQUENA COLABORAÇÃO DE CADA UM, CONCORRERÁ PARA ALIVIAR A SOBRECARGA DO SISTEMA GERADOR DE ELETRICIDADE.



DA RESERVA NAVAL A ALMIRANTE ★ PANDEIRISTA ★ ORADOR DE CEMITÉRIO ★ "REI DA EMBOLADA" ★ TINHA VERGONHA DE GANHAR DINHEIRO E RECEBE MAIS DO QUE O PRESIDENTE DA REPÚBLICA ★ O BANDO DOS TANGARÁS ★ QUERIA SER DETECTIVE ★ TRÊS CÚMPLICES DA FORTUNA ★ COISAS GOZADAS DE NOEL ROSA, CUJA VIDA VAI SER CONTADA POR ALMIRANTE NA "REVISTA DA SEMANA"

Reportagem de JIM DAQUI

ALMIRANTE — a mais alta patente do Rádio — é quase uma instituição nacional. Quem não o conhece? Quem não o viu? Quem não o ouviu? Quem não o admira?

Desempenado de físico e de espírito, falando com desembaraço, com verve inestinguível, conhecendo a fundo a nossa música popular e o nosso folklore, musicista e cantor, autor, realisador e animador de numerosos e famosos programas, que se tornaram célebres, Almirante, que é assim conhecido e chamado, até na intimidade por sua própria espôsa, por seus amigos fanáticos e pelos milhões de fãs que possue pelo Brasil afora, fazia jus a encabeçar a série de reportagens que pretendemos fazer em torno às figuras predominantes em nosso broadcasting.

Os dois telefones de sua residência não param e aí está a única dificuldade para a aproximação com o astro democratíssimo e afável.
— Alô, alô, Foreis! E' Henrique Domingos Foreis quem está falando?

Como que percebendo uma blague, no ouvir pronunciar, assim, inesperadamente, o seu próprio nome, porque acreditem ou não, é assim que se chama Almirante, êste desata a rir, naquela sua maneira caraterística, um riso picadinho, um riso em série, como a explosão da bomba atômica. Quem julgar absurda a comparação telefone a outra alta patente, por signal o almirante Álvaro Alberto, e indague se não é em série mesmo que se desintegra o átomo...
E parando de rir:

— Mas eu não estou devendo nada ao impôsto de renda!



O INCRÍVEL, FANTÁSTICO E EXTRAORDINÁRIO

ALMIRANTE!

— Ora, essa, diz-lhe intrigado o repórter. E que temos nós com o impôsto de renda?

— E' que só a gente do impôsto de renda sabe que êsse é o meu nome... e antes não soubesse... Mas, quem é que está falando?

E ouvindo o nome de um velho amigo, o querido artista desfaz-se em amabilidade. Momentos depois estavamos na casa do Mestre Almirante, pois merece êsse tratamento quem conhece a fundo nossa música típica, nosso folclore, nosso Rádio e a tantos tem ajudado e continua ajudando, ensinando, abrindo caminho para a notoriedade e para a Fortuna.

Esta Deusa, linda e fugitiva, quase sempre, foi por êle virilmente agarrada pelos cabelos e devidamente maltratada, quer dizer convenientemente domada, como do agrado dessa feminil dis-

VOCÊS DECIDAM: Diz minha mulher, que o diabo do Almirante não é tão feio como o pintam... Será?



A HISTÓRIA DO TATU — Almirante, no Jardim de Inverno, explica em família como caçou o tatu, cuja carcaça guardou como relíquia. A história tinha todo o pitoresco que êle sabe imprimir ao que conta. Conhecíamos Almirante como emérito caçador de assuntos folclóricos, humorísticos e musicais. Mas que para explicar a origem do "Tatu subiu no pau" fôsse caçar de verdade, como de fato veio a acontecer, é que não esperávamos, confessamos francamente.

tribuidora dos mais cubiçados dons. Almirante, não é segrêdo para ninguém, é hoje o artista talvez mais bem pago do broadcasting nacional. Ganha mais que o Presidente da República. Percebe cinqüenta mil cruzeiros, enquanto que o Presidente recebe o subsídio de cinqüenta e cinco mil cruzeiros. Mas, em verdade, ganha mais que o Presidente, pois além dos salários mensais tem direitos autorais sôbre músicas e discos, sôbre artigos e programas para a imprensa, que são outros... quinhentos cruzeiros... (500 hein, Almirante, como é essa moamba? Pode dizer, que não somos mesmo do impôsto de renda...)

A casa de Almirante, casa própria, está bem visto, só podia ser em rua de igual patente. Por isso êle mora na rua Almirante... Cocrane. E é o nº 178, nos dois últimos andares de altíssimo arranha-céu... No primeiro andar fica a residência, o lar feliz, o "sweet home", que, segundo êle traduz, é o lugar onde vive o Homem que deu o suite... no celibato, o que êle fêz há alguns anos, casando-se com d. Ilka Braga, irmã do Braguinha. Êste é o queridíssimo João de Barro, o musicista e compositor, seu companheiro de aventura e de ventura artística, que começou numa brincadeira de rapazes, como êles, Noel Rosa, Henrique Brito, Paulo Neto, Helvécio Barros, Jacy Pereira e Hélio Rosa.

Deu nesse sucesso louco, com que nunca esperaram. Infelizmente só o pobre Noel não o pôde ver nem desfrutar, o que é a maior pena dessa rapaziada de talento, cheia de entusiasmo, de inspiração e de paixão pela música regional do Brasil.

Almirante recebe-nos em casa, com aquela simplicidade amiga. Esperava Aracy de Almeida e alguns músicos, que vinham ensaiar com êle um "show", que apresentariam na noite seguinte no Tijuca Tênis Club, em honra a Noel Rosa. Almirante e Aracy, como se sabe, formam a dupla da amizade indestrutível e da veneração que não cansa à memória do general artista do "Com que rompa" e "Vou p'ra Vila".

SUA FÃ NÚMERO 1

D. Ilka, a espôsa do artista, mignon é loura, é a fã número 1 do marido. Considera-se a espôsa mais feliz dêste mundo. Almirante foi seu primeiro e único namoro e ainda a música e o início da vida artística foram os cúmplices do Destino nessa união que deu certíssimo. D. Carmen Braga, sua mãe, que mora com o casal, é o tipo radioso da mãe que sabe tornar simpático êsse nome caluniado de sogra. Participa das conversas, conta detalhes da carreira do genro, que começou sob suas vistas, pois, mãe de Braguinha (João de Barro), foi em sua casa, vivo ainda seu marido, diretor da Fábrica de Tecidos Confiança, que começou a brincadeira daquela buliçosa turma de rapazes amadores, que mais tarde ficariam celebrizados na história de nossa música típica brasileira.

Depois de batidas algumas chapas, na sala de visita e na varandinha, que é a amorável seqüência desta, passamos para o bar, onde o barman Almirante, em pessoa, obsequia os amigos com fartura de uísques e de blagues.

COMO PASSOU A ALMIRANTE

— Mas, Almirante, afinal, como é que surgiu êsse nome?

— Foi na bagunça.

— Na bagunça?

— Sim, na bagunça que êles, isto é, nós fazíamos, há uns 20 anos, na Reserva Naval. Eu era empregado no comércio. Chegara a idade do serviço militar e, para não irmos parar um ano na caserna, fazíamos o serviço militar na Reserva Naval, à noite, sem prejuízo de nossas obrigações diárias.

— E que tem isso com o pôsto que v. assumiu?

— Espere. E' o que estou contando. Um dia — lembro-me da data — 5 de julho de 1927, fazia cinco anos o primeiro 5 de julho

Eldorado

Avenida Rio Branco, 166 - Tel. 2-4218
Ponce & Irmão

PROGRAMMA PARA
3 a 9 de Agosto

Um formidavel programma de
PALCO e TELA!

Na téla:
Toda a alma brasileira num film que reproduz maravilhosamente o immortal romance de **José de Alencar**

IRACEMA

— A virgem dos labios de mel —
com **Dora Felly** e **Ronaldo de Alencar**

No palco:
A alma brasileira nas suas melhores expressões: A grande interprete da canção brasileira
ELIZA COELHO
em canções admiraveis, acompanhadas ao violão por **Jacy Pereira** e **Paulo Arnaud**
E o estupendo "Rei da Embolada"
ALMIRANTE
com o seu famoso
BANDO DE TANGARA'S
Um conjuncto extraordinario de musica typica regional, do qual fazem parte **Noel Rosa**, o autor do "Com que roupa", **Paulo Netto**, autor de "Diva", **Jacy Pereira, Paulo Arnaud, Henrique Britto, Helvecio Barros, Helio Rosa.** — Canções! Emboladas! Toadas! Modinhas!

A ESTRÉIA — Programa do Cine Eldorado em 1931. No palco: — Almirante — "o Rei da Embolada" — o famoso "Bando dos Tangarás", com Noel Rosa, Paulo Netto, Jacy Pereira, Paulo Arnaud, Henrique Brito, Helvécio Barros, Hélio Rosa. ←

revolucionário do Brasil e 3 o segundo. Chegou afinal o Jaú, o primeiro avião brasileiro que fazia a façanha de atravessar o Atlântico, com Ribeiro de Barros, Newton Braga, Cinquini. Ora, nós os rapazes da Reserva Naval resolvemos oferecer aos herois, no dia da chegada, um avião todo feito de flores. Festa brasileira sem discurso, não é festa. Era preciso um orador. Eu já tinha feito uma saudação no aniversário do comandante. Fui escolhido pelos companheiros para orador da solenidade. Os aviadores, depois da chegada, rumaram, no meio do Rio de Janeiro em pêso, para o Hotel Glória, onde se hospedaram. A Reserva Naval, formada em duas alas, veio no cortejo, o avião de flores à frente, sôbre um canhão. Atrás, num daqueles automóveis abertos, vinha o comandante e eu, na cadeirinha em frente ao mesmo. Mas as minhas pernas já eram compridas e elas não chegavam bem, eu tinha de encolhê-las e isso fazia que eu estufasse o peito assim... Todos riem. E êle prossegue. O resultado é que dei muito na vista e o povo ia perguntando aos "reservas": quem é aquêle que vai dentro do automóvel?

— E' o comandante!

— Tão moço ainda. Parece até um Almirante, disse alguém. Os reservas ouviram.

→



POETA DO SAMBA — Hangará é um pássaro do norte. Elegante e cantador. Sobretudo cantador. Reunem-se em grupos, enquanto um canta e marca o compasso. Assim começava uma crônica do jornal "Diário da Noite" de 1931.



COMO "VIROU" ALMIRANTE — Henrique Domingues Foreis, evocando o passado, conta, no barzinho de sua luxuosa residência, como, por piada dos Reservas Navais e consagração geral do povo, passou a Almirante no dia da chegada triunfal do "Jaú", o primeiro avião brasileiro a atravessar o Atlântico. Vale a pena ler como, por causa de um discurso, êle foi promovido pela multidão carioca — presente ao ato — ao pôsto que nunca mais deixou.



Almirante e Aracy de Almeida são os maiores cultores da memória de Noel. Aqui os vemos ensaiando, perante um diretor do Tijuca, algumas músicas de Noel.

E ali mesmo começaram as troças. Olhavam-
me, piscavam o ôlho e iam dizendo, para me
debochar, sem imaginarem que estavam me
batisando com mais sucesso e duração do que
o padre que o fêz pela primeira vez: Almi-
rante! Almirante! E assumi, sem querer, sem
pedir, e sem fazer fôrça, o pôsto de Almi-
rante...

Todos riram. E Almirante, que já deixara,
no recanto interessante, imitando bambu, que
é o seu bar, o pôsto de mais graduado barman
do Rio, sentado num puff, em frente à amada
sogra (acredite, que é verdade) continuou:

— Não fiz fôrça para virar Almirante, mas
fiz para fazer o discurso aos herois do "Jau".
Quando chegamos ao Hotel Glória, havia tan-
ta gente, que os da turma da Reserva Naval,
para que eu me aproximasse dos herois, fo-
ram fazendo assim e o artista junta viva-
mente os gestos às palavras: Empurre! Em-
purre! Bancamos tropas de assalto. Nin-
guém pôde conosco. E paramos diante dos
heróis do Jaú. Eu, de papel na mão,
agredi covardemente os aviadores, que, de
olhos fechados de sono, de pé, pratica-
ram um heroismo maior do que a tra-
vessia do Atlântico: ouviram o meu discurso!
Mal sabiam que estavam sendo saudados...
por um Almirante... Começou aí minha car-
reira de... orador, imaginem. Um mês de-
pois, a 5 de agôsto, morria o comandante Can-
tuária, diretor do Loyd Brasileiro, assassina-
do. Era oficial de Marinha, querido na Re-
serva e fui escolhido para falar no cemitério,
onde parece que em vez de comover aos ou-
tros... comovi a mim mesmo. Eu não conhe-
cia o comandante Cantuária e devo ter dito
só banalidades. Acantece que fazia um sol
medonho e o reflexo dos mármores e do papel
branco, batendo-me na vista, foi me fazendo
ficar com os olhos vermelhos, vermelhos e as
lágrimas não custaram a rolar pelo rosto. —
Como está comovido o rapaz. Que senti-
mento, diziam em redor. Êsse sucesso quase
mata no cemitério a minha nascente carrei-
ra de improvisado humorista. Assim como há
oradores de banquete, quase que passo a ora-
dor oficial de enterros, contratado para cho-
rar, assim como as carpideiras, aquelas ve-
lhas que em Portugal ganham para chorar
nos funerais...

— Mas, Almirante, como passou você do
cemitério para o palco e para o Rádio?

TRÊS CÚMPLICES DA FORTUNA...

— Ah! Essa é uma história comprida e três
são os maiores responsáveis: Eduardo Dale,
da Casa Pratt, o velho Braga, diretor da Com-
panhia Confiança, que mais tarde acabou meu
sogro e o então deputado Generoso Ponce, que
formava, com o irmão Altamiro, a emprêsa
Ponce & Irmão, do Cinema Eldorado. Dale or-
ganizara no Trapicheiro um conjunto de ama-
dores chamado "Flor do Templo", que atuava
em casas de ministros e figurões de então e
fazia grande sucesso com músicas e instru-
mentos regionais. Um dia houve um ensaio
na Fábrica Confiança e eu, que era amigo de
um dos rapazes, fui assistir. Notei que o pan-
deirista era horroroso, horroroso porque não
dava no couro, quero dizer, não dava direito
na bexiga esticada do pandeiro, atravessava
o ritmo, um inferno! Num momento em que
êle saiu, peguei do pandeiro, eu que desde guri
era louco por música, e comecei a tocar cá
do meu geito. Foi um sucesso maluco. Gos-
taram. Levaram-me ao Dale. Êste fundara o
cunjunto com rapazes do colégio Batista e o
nome Flor do Tempo era o da casa que êle,
com sacrifício, construira. Entrei para o con-
junto já com o nome de Almirante, em 1928.
Não ganhava neca, nem pensava nisso, tinha
muita honra em ser apenas o "pandeirista
cantor", especialmente de emboladas.

GALO GARNIZÉ

Foi quando cantei "Galo Garnizé..."
Pediram que Almirante cantasse e, no gran-
de salão do homem bem instalado na vida
que êle hoje é, ecoaram os sons da embolada:

"Tome cuidado com êsse galo garnizé...
Tome cuidado que êsse galo pica o pé...
Tome cuidado que êsse galo não respeita
Nem Manduca, nem Mané..."

São desse tempo as primeiras anedotas com
que Almirante sempre entremeiou seus pro-
gramas e dessa época aquela história:

"Um peixe que eu pesquei lá numa pes-
[caria...
Botei no galinheiro, êle se acostumou..."

(Cont. nua pág. 54)

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ N.º 39 ★ 27-9-52

SUMÁRIO

REPORTAGENS

O incrível, fantástico Almirante (J. Daqui) ... 3/ 6 e 54/57
Três astrônomos a procura de um eclipse ... 11/13
Comemorações de 7 de Setembro ... 16/19
Shikataganai! ... 27/29
Não existe congestionamento do trânsito (A. Migueis) ... 32/34
Quo Vadis (Luiz Alípio de Barros) ... 41/45
A condêssa espiã ... 9

LITERATURA

Perigo para o Brasil ... 7
Jacaré (Lourdes Júdice) ... 23
Memórias de um juiz ... 26
Semana literária (Edmundo Lys) ... 39

SEÇÕES PERMANENTES

A Revista há 50 anos ... 8
A semana em revista ... 8/ 9
A personagem da semana (Lucas Garcez) ... 9
Puxe pelo cérebro ... 14
Lido... visto... ouvido... (Jim) ... 20/21
Conta-me teus sonhos (Maria Paula) .. 22
Passatempo (Renato Cartaxo) ... 40

ROMANCE

Um príncipe em minha vida (Michel Davet) ... 24/25

FOLHETIM

Filho, meu filho ... 48/49

FEMININAS

Duas sugestões ... 35/36
Vestidos com ou sem alça ... 37
Chapéus ... 38
Cena de bar (Isolette) ... 46
Rotina de beleza ... 47
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) .. 50
À luz da psicanálise (Dr. Luiz Fraga) .. 51

CURIOSIDADES

Uma heroína de oito anos ... 30/31

ATUALIDADES

Tudo isto aconteceu ... 46/47

CARICATURA

Êste mundo e o outro (Darcy) ... 15

CAPA

Deborah Kerr (Foto APIA)

PERIGO PARA O BRASIL

TELEGRAMA de Londres, não comentado pelos jornais, divulga momentoso fato, a meu ver, de importância excepcional para nós. Trezentos parlamentares, pertencentes a 25 países, responderam, diz o despacho, ao convite feito pelo grupo de parlamentares britânicos partidários de um govêrno mundial. Deve ter sido iniciada, com êsse objetivo, no dia 21, no Colégio Bradford, da capital britânica, uma conferência de uma semana, em cuja ordem do dia, além de outros problemas, se inclui a discussão da modificação da carta das Nações Unidas, para a instituição de um govêrno universal. Os parlamentares, termina o lacônico telegrama, que passou em silêncio, preparariam, ou devem ter preparado já, à hora em que escrevo, a constituição de uma associação internacional dos parlamentares, favorável àquele órgão supremo para o mundo.

Estamos caminhando, pois, mais ràpidamente do que se possa supor, para a realização do grande sonho, belo ideal, por sem dúvida, teòricamente, de um mundo só, aquêle mundo só, sonhado desde séculos atrás pelo padre Suarez, por Grotius, vulgarizado há poucos anos pelo **best seller**, que foi o interessante livro dêsse turbilhonante Wendel Wilkie.

Mas que iminente perigo para o Brasil representa a rápida realização dêsse belíssimo ideal! Dividido já pràticamente em dois mundos, o ocidental e o oriental, caminhamos, sem dúvida, para a unificação. A Organização das Nações Unidas foi já o primeiro passo decisivo para êsse govêrno mundial, que há de ser fatalmente outra etapa da civilização humana. Em fins da última guerra lemos uma grande obra de escritor inglês sôbre o "Fim do princípio das nacionalidades", no qual, paradoxalmente, era um súdito de Sua Majestade britânica, quem sustentava, baseado na célebre teoria do famoso general alemão Haus-heoffer a tese do "lebessraun", a teoria do "espaço vital". Não era possível, sustentava o publicista, com os meios necessários à guerra moderna, senão a duas nações no mundo, os Estados Unidos e a Rússia, enfrentar uma guerra total. E por isso preconizava a divisão do mundo em cinco grandes governos: um europeu, um da comunidade das nações de língua inglêsa, um das Américas, um dos Estados Unidos e finalmente um da Rússia e seus satélites.

Tôdas essas tendências e movimentos irão conduzindo o mundo, em ritmo acelerado, para um poder deliberante e um executivo mundial. E aí é que para a nossa vastidão continental está, no meu modesto modo de ver, o grande perigo, se êsse govêrno vier a ser estabelecido em prazo curto, apanhando-nos neste despreparo, que nos forçaria a aceitar inermes uma decisão como a que porventura tomasse o govêrno mundial de enviar para estas paradisíacas regiões do globo que ocupamos e ainda não soubemos desenvolver, na proporção devida, — digamos cinqüenta ou cem milhões de habitantes das regiões superpovoadas do planêta. Seríamos, assim, absorvidos nesse imenso **mettingpot** de raças e crenças diversas.

Ora, o dever que nos incumbe, detentores dêste continente, cuja unidade é uma glória de nossos antepassados, o nô-lo haver preservado, é o de acelerarmos o nosso progresso, num ritmo tal, que nos permita venha nos encontrar o govêrno mundial numa situação de grande potência, para então, colaborando com as demais nações de primeira grandeza, podermos fazer valer nossa voz e não nos afogarmos nas avalanches humanas que para aqui seriam mandadas.

Euclides da Cunha, vai para quarenta anos, sentenciou: "estamos condenados à civilização: ou progredimos, ou desaparecemos".

Nas circunstâncias atuais do mundo, com a precipitação fulmínea dos acontecimentos, ouso acrescentar uma palavra só à sentença verdadeira do sociólogo: ou progredimos **depressa**, ou desapareceremos.

Quando os estrangeiros se unem para apressar o govêrno mundial, de conseqüências imprevisíveis para o futuro de nossa nacionalidade, não seria demais que os brasileiros, acima de tôdas as questiúnculas partidárias, e acima de tôdas as considerações, que passam a plano secundário, se unissem para apressar o desenvolvimento de nossa terra e para nos preservar de todos os perigos que nos ameaçam.

GENEROSO PONCE FILHO

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ...	Cr$ 200,00
Seis meses ...	Cr$ 100,00
Registrada — Um ano ...	Cr$ 230,00
Seis meses ...	Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano ...	Cr$ 350,00
Seis meses ...	Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: venda e publicidade na Capital a cargo da Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1589

Redator-chefe
GENEROSO PONCE FILHO

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Desenhos de
ALBERTO LIMA

Redator-Chefe de Publicidade: J. M. COSTA JÚNIOR

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA
Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

Diretor
GRATULIANO BRITO

Assistente
RENATO DE ALENCAR

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa" Florida, 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. — Êste número tem 60 páginas

TELEFONES:
Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-9570 ★ Portaria: 22-5602 ★ Gerência: 22-8847 ★ Contabilidade: 22-2550

A REVISTA há 50 anos

28 DE SETEMBRO DE 1902

CHRONICA

A França abriu contra os rufiões, miseraveis exploradores de mulheres uma campanha em regra, perseguindo-os e acuando-os como nas grandes montarias se persegue a acua o javardo. Graças a ella teremos em breve uma legislação internacional apertando, espremendo, asphyxiando nas suas malhas o bando immundo, sem familia, sem patria e sem lei, cujo trafico tem feito derramar por esse mundo mais lagrimas do que gottas de agua ha no oceano immenso e no espaço infinito. E o mundo ficará livre de uma das pragas que mais aviltam a civilisação contemporanea.

Como sempre que se trata de obras de verdadeira prophylaxia social, coube á França a iniciativa. E' assim que esse povo tão calumniado confunde ivariavelmente os adversarios da sua cerebração revolucionaria e os invejosos da sua incomparavel e insubstituivel hegemonia nas espheras da razão e da consciencia.

"Disseram-me que os estrangeiros — escreve Jules Claretie — ficaram surprehendidos de verem Paris, a famosa "Babylonia moderna", apaixonar-se por uma causa tão justa como a alforria moral da mulher, a repressão do trafico monstruoso. E' que nos passamos, aos olhos das outras nações, por mais corruptos só porque somos menos hypocritas, confessando, pondo a nu, as chagas que ellas velhacamente dissimulam. Alem disto experimentamos um sentimento de piedade que contrasta singularmente — e felizmente — com a rigidez das idéas entre nós proclamadas e acceitas, nos fins do seculo XVIII pelos obreiros da alforria politica. Então, a mulher galante apparecia-nos como o instrumento sorridente e gaiato do prazer; hoje,, como filha legitima da miseria. Fantina passa, tysica, com a bola de neve do farcista estupido no collo descarnado e, macilento e doloroso, Elisa surge como a irmã de uma heroina de Tolstoi".

Estou ancioso por ler a resenha official da Conferencia do Caes de Orsay e sobretudo o relatorio dos srs. Malepeyre, Hennequin, Louis Renault e Ferdinand Dreyfus. Toda a imprensa franceza e os grandes orgãos da imprensa estrangeira são concordes em affirmar que nesse trabalho monumental ha revelações tão espantosas quanto minuciosamente provadas. Por mais graves, por mais tragicas, não creio porem que nos surprehendam. No assumpto podemos fallar ex-cathedra. Desgraçadamente, o Brasil e a Republica Argentina são os principaes escoadouros desse commercio ignobil e por por isso mesmo nos incumbe o dever de collaborar com a maxima energia para que a iniciativa da França, hoje causa internacional, obtenha plena sancção.

JACQUES BONHOMME

TEU AMOR

(A ella)

No lago o branco cysne que resvala
A tona d'agua, quando a tarde expira;
O perfume das flôres que se exhala;
O ciciar da brisa que suspira;

E quando da alvorada a côr de opala
Mistura dos mares á saphira...
Tudo parece que de ti me falla,
E as cordas vibra de saudosa lyra.

Fico extactico ás vezes, um delirio
Convulso o peito com paixão me agita:
Mel de prazer e travo de martyrio!

O teu amor, meu anjo, é uma doçura,
Perto de ti, o coração palpita;
Mas longe, é a saudade amarga e dura!

C. LEAL

★

Uma menina está occupada a bordar sapatos para o pae. Junto della uma pequena amiga.

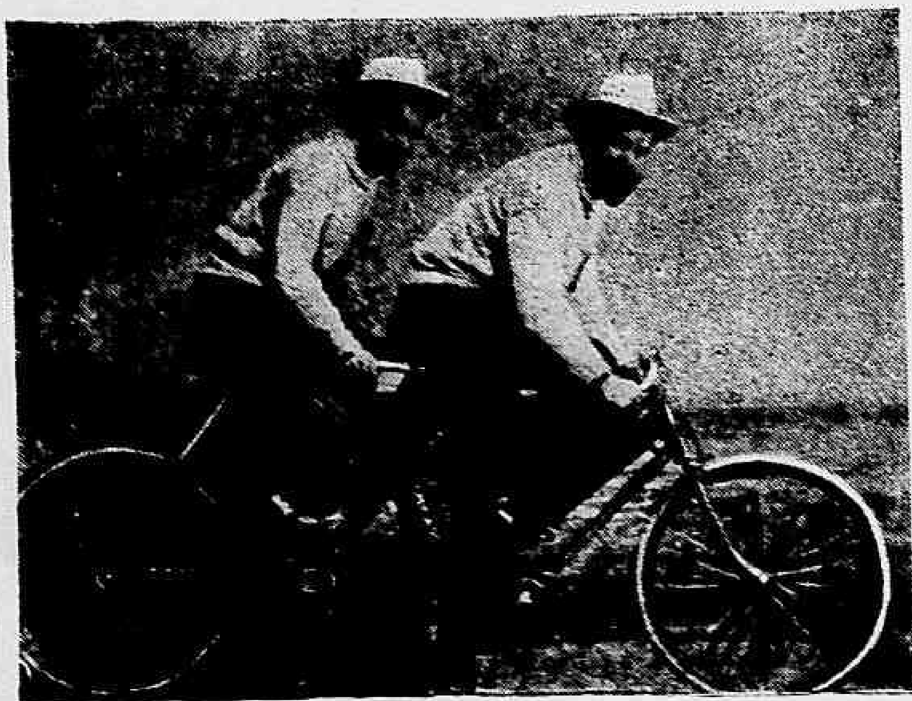
— Tu és mais feliz do que eu!
— Como assim?
— Teu pae tem uma perna de páo.

★

REVISTA DA SEMANA (Assignaturas)

Por anno (remessas com porte simples)	18$000
Por anno (remessa registrada)	28$000
Por semestre (remessa com porte simples)	10$000
Por semestre (remessa registrada)	15$000

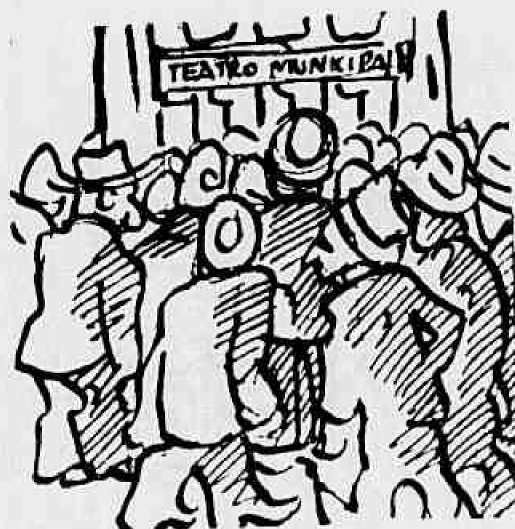
★



Os dois jornalistas italianos globe trotters Retter e Galvani, que em tandem fazem a volta do mundo e que actualmente se acham nesta capital.

A Semana E

Imigrantes mineiros



DUAS horas da tarde. O sol muito quente era amenizado pela brisa que soprava da Glória. Estávamos passando pela frente do Teatro Municipal, quando nossa atenção foi despertada por considerável ajuntamento de populares em tôrno da escadaria daquela casa de diversões. Fomos ver o que se passava. Dezesseis pessoas, entre crianças de colo, menores de 8 e 12 anos, adultos e um casal de sexagenários, estavam sentados nos primeiros batentes, exibindo uma miséria física, de enternecer o coração de um agiota. Uma particularidade chamou a nossa curiosidade. Seriam estrangeiros? E' que todos êles eram muito alvos, olhos azulados, feições regulares, semelhando gente de raça nórdica. Mas eram brasileiros, brasileiros de Minas, mineiros de Ouro Fino. E o chefe da "tribo" explicou: "Deixamos nossos trabalhos na lavoura, lá em Ouro Fino. Não era possível mais güentá a vida. Um dia de trabalho valia apenas doze cruzeiros, e para quem tem família, isso é pior que esmola. Viemos para o Rio; mas aqui é impossível ficar. Vamos pedir passes para São Paulo. Será o que Deus quiser". O velho estava embalando sua netinha de dois anos e meio, muito branca e linda. Parecia um anjo que caíra do céu pela chaminé. As vestes de tôda essa gente era um sortimento de trapos. Sujos, imundos, os homens de barba crescida, as mulheres com os cabelos desgrenhados, quase todos descalços, alguns com sapatos rotos, cambados, num atestado de grande miséria.

Um problema sério

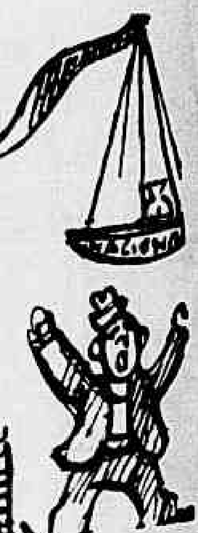
O Sr. Benjamim Cabello, à frente da COFAP vem demonstrando uma atividade louvável, ninguém pode negá-lo. Diante da arremetida dos preços para as nuvens, êle reúne seus auxiliares, fiscais, produtores, mantém com os mesmos bate-bôca esclarecedor, pede recursos ao Tesouro e se propõe a deter a marcha da elevação constante do custo da vida, pelo menos no Rio. Mas, um dos seus expedientes é o de ameaçar o produtor nacional com a importação de gêneros estrangeiros vendíveis a mais baixos preços. Mesmo como solução de emergência traz isso uma grande inconveniência: a debilitação brasileira de divisas no estrangeiro. Sabemos que o assunto é de sacrifícios; mas, não seria mais curial, que a COFAP procurasse, antes de recorrer ao estrangeiro, analisar desapaixonadamente, a razão "por que" determinados produtos rurais brasileiros sobem... sobem... sobem...? Tem-se notado o seguinte: quando chega ao Rio o produto estrangeiro para concorrer com o nacional, o preço do brasileiro baixa. Foi assim com a manteiga, foi assim com os ovos, que caiu sensivelmente apenas com a notícia de que a COFAP ia importar um milhão de dúzias da Noruega! Em virtude de tais fenômenos, a COFAP está em condições de ir verificar nas origens, o motivo de tais explorações. Quem é responsável pelo elevado custo de determinados artigos? O produtor camponês? O intermediário? O atacadista? O retalhista? Há uma cabeça, ou algumas cabeças que conspiram contra o povo.



na

le. O sol
amenizado
da Glória,
frente do
nossa aten-
considerável
s em tôrno
asa de di-
ue se pas-
entre crian-
e 12 anos,
exagenários,
rimeiros ba-
séria física,
e um agiota.
nou a nossa
angeiros? E'
muito alvos,
egulares, se-
nórdica. Mas
os de Minas.
E o chefe
ramos nossos
á em Ouro
mais güentá
abalho valia
e para quem
que esmola.
s aqui é im-
pedir passes
o que Deus
a embalando
nos e meio,
Parecia um
u pela cha-
a essa gente
rapos. Sujos,
barba cres-
n os cabelos
dos descalços,
os, cambados,
nde miséria.

a sério



Em Revista

A crise no I. B. G. E.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), instituição idealizada e posta em execução pelo Sr. M. A. Teixeira de Freitas, que foi o seu primeiro Secretário-Geral, entrou em crise desde o princípio dêste ano, com a gestão do General Djalma Polli Coelho, pelo fato de o mesmo, que recentemente assumira a presidência do instituto, ter declarado que as estatísticas brasileiras do IBGE eram "caras, atrasadas, e, pior que tudo isso, de duvidosa precisão". O plano esboçado pelo General incluía uma reforma radical em tôda a organização estatística brasileira, o que seria feito em breve prazo. Diante dêsse fato, quase todos os técnicos e funcionários de categoria se sentiram feridos em seus brios profissionais e pediram exoneração dos quadros do Conselho Nacional de Estatística. Surgiram na imprensa os protestos e as respostas do novo presidente, confirmando suas palavras iniciais. Era a luta. Em face da agitação e da inevitável desarticulação que sobreviria aos serviços de Estatísticas por todo o país, o govêrno nomeou uma Comissão Investigadora a fim de examinar as causas da crise e oferecer fundamentado parecer sôbre "as bases em que assenta o sistema estatístico brasileiro", no ponto de vista da atualidade, exatidão e economia. Faz pouco tempo a Comissão se desincumbiu de sua missão, tendo reconhecido a excelência do sistema estatístico brasileiro, e proclamado que eram baratas, atuais e precisas. O General Polli Coelho se exonerou.

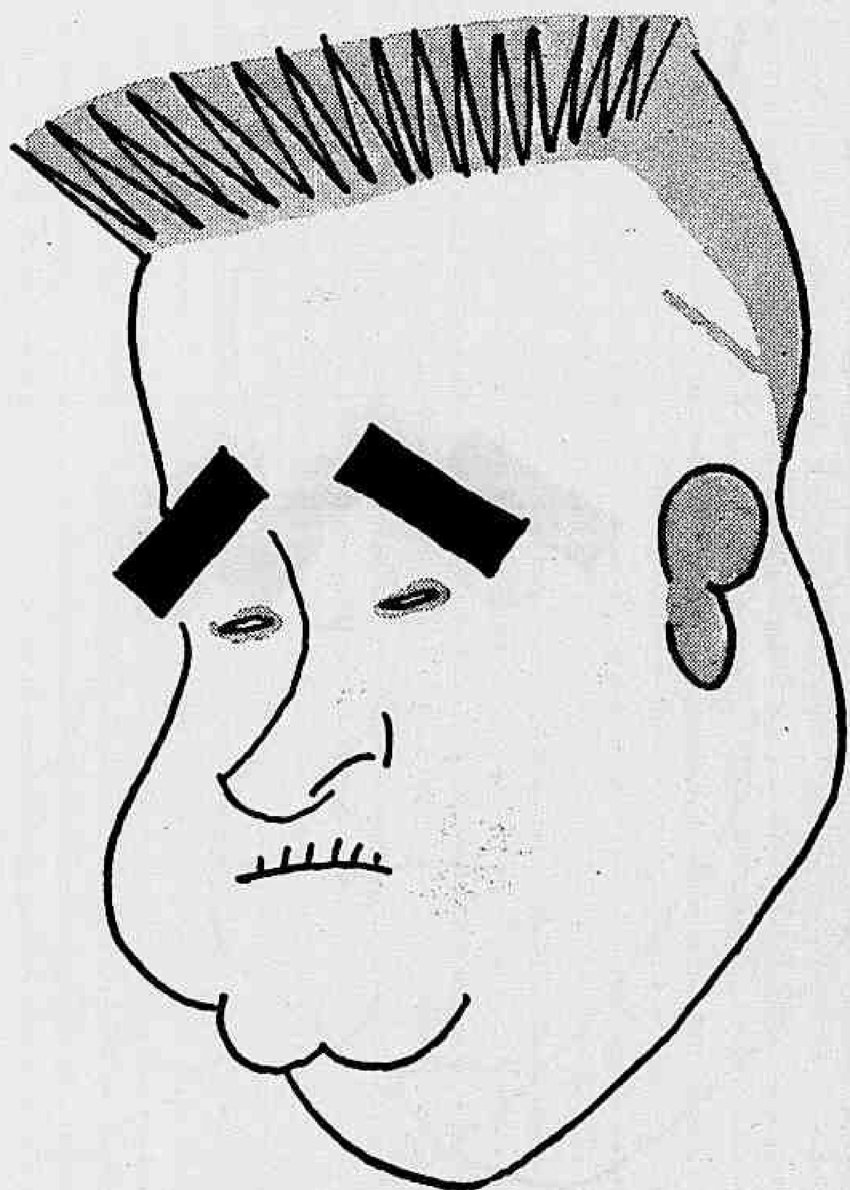


Brasileiro, ou brasilista?



NOSSA terra tem umas coisas curiosas. Durante mais de quatro séculos discutimos a grafia de Brasil, se com S, se com Z. Ainda discutimos se o nosso país foi descoberto "por acaso", ou se voluntàriamente, de acôrdo com certos mapas que podem ser vistos em Museus brasileiros. Também não sabemos ao certo, qual a área do Brasil. E por êsse andar a fora. Pois bem. Já não nos bastavam tantas incertezas e especulações, e vem à tona uma nova dúvida: somos **brasileiros**, ou **brasilistas**? Não é nova a impugnação, uma vez que o sufixo **eiro** só deu dois patronímicos: brasileiro e mineiro. Se há mais algum, queiram informar, em defesa de todos nós. Mas, francamente, se estamos procurando um substituto para **brasileiro** que não seja o explorador do pau brasil, por que então não nos servimos do legitimíssimo **brasilense?** Ou **brasiliano**? Ou ainda **brasilês**? Para que adotarmos o têrmo **brasilista**, quando a terminação **ista** não dá, integral e suficientemente, o sentido de filho, natural do Brasil? **Brasilista** pode também ser aquêle que defende o Brasil, os seus interêsses, mas que não é filho do país; veja-se o exemplo que há no Paraná: **paranista** e **paranaense**. Um, é o que pode dizer-se "amigo do Paraná"; o outro, o natural daquele Estado. Podem apontar gentílicos em **ista**: santista, paulista, campista, e outros poucos em nossa toponímia; mas ninguém vai dizer que **paulista** também não possa ser um cidadão que explore o comércio e indústria de madeira, com um L eufônico.

PERSONAGEM DA SEMANA



O governador de S. Paulo, engenheiro Lucas Garcez, foi ver o seu colega de Minas, Sr. Justicelino Kubitscheck, pagando uma visita que êste fizera àquele, recentemente. O acontecimento provocou imediato reboliço na política nacional, acentuando-se a ebulição pelo fato de o Sr. Ministro da Justiça ter voado à capital mineira, para tomar parte nas conversações entre os dois governadores. Não houve quem não visse no caso uma parte do plano político para tratar-se da sucessão presidencial. Mas o chefe do Executivo paulista contornou tôdas as armadilhas que a reportagem lhe armara e fêz ver que não fôra a Minas para tratar de um assunto absolutamente inoportuno. Cumpria apenas um dever social pagando a visita de Minas a S. Paulo, e aproveitava o momento para tratar de maior vinculação entre os dois grandes Estados, inclusive a abertura de estradas que beneficiem os bons vizinhos. A discrição com que falou o governador Lucas Garcez e o seu caráter de homem que fala depois de pensar, lhe dão muito prestígio e ares dos antigos estadistas que vieram do Império à República.

A CONDÊSSA ESPIÃ

Por equívoco lamentável da revisão, deixou de sair no número passado a continuação da reportagem sôbre Christine Granvile — A Condêssa Espiã. Publicando-a abaixo, apresentamos excusas aos nossos leitores pelo lapso.

ro. Durante trinta meses trabalharam no Oriente Médio. Foi pára-quedista na região de Vercors, com o nome de Jacqueline Armand, e salva três oficiais aliados de um campo de prisioneiros. Ao terminar a guerra tem ela grande número de condecorações; mas, por uma ironia do destino, desejando naturalizar-se inglêsa, não pôde conseguir porque não lhe foi possível provar que residia no país há mais de cinco anos! E' como estrangeira que tem de enfrentar a vida. Muito ciosa de sua procedência, e não desejando argumentar com as condecorações que possuia, sujeitou-se a trabalhos modestos no comércio, um dêles a 14 dólares semanais, passando depois a servir de criada de bordo de um navio mercante da Inglaterra para a Africa do Sul. Estava só no mundo. Tôda a sua familia havia morrido, e sua velha mãe, de origem judaica, fôra assassinada pelos nazistas. Separada, durante muito tempo de seu marido, fôra viver sòzinha naquele hotel, quando voltava de suas ocupações. Quando lhe disseram que ela teria que fazer limpezas nos lavatórios de bordo, ela se despediu do emprêgo e foi para Londres, à espera de nova colocação. Mas o seu patrão a bordo, Dennis George Muldowney, seguiu-a até Londres e a perseguia impertinentemente. Uma vez chegou Christine a pedir a intervenção da polícia, para livrar-se daquele importuno. Parece que ela estava procurando fugir dêle e ir visitar seu amigo o major Kennedy em Bruxelas, quando, voltando de um jantar, subia as escadas do hotel e morria assassinada de maneira trágica e inesperada. E assim terminou a vida aventurosa e dramática de uma das mais famosos mulheres que a última guerra criou.



ROBERTO INGLÊS

na PRA 9

RADIO MAYRINK VEIGA

1.220 Kcs.

Uma série de maravilhosas audições às 3as e 5as feiras às 20 horas, sob os auspícios da

CASA GARSON

UMA GARANTIA REAL PARA SUAS COMPRAS

RUA URUGUAIANA, 107/109 – exclusivamente –
RUA DO OUVIDOR, 137 – Entre Gonçalves Dias e Avenida

Três astronomos

A PROCURA DE UM ECLIPSE

A LUA CHEGOU NO HORARIO, MAS AS NUVENS ATRAPALHARAM ★ ATRÁS DE VIDROS ESFUMAÇADOS, O ENGANO DAS APARÊNCIAS ★ UM OBSERVATÓRIO "SUI GENERIS" TRABALHA GRATUITAMENTE PARA O BRASIL

DEPOIS de duas voltas à direita, fixando a câmara à luneta telescópica, informou o astrônomo amador Orlando Zambardino, em São Paulo:

— «Quando visíveis parcialmente, como agora, quase que a única observação de caráter científico será constatar os momentos exatos dos contatos, para comparação com os cálculos prévios, e dedução das correções a serem introduzidas na teoria do movimento da lua».

E focalizou o sol, que ameaçava se esconder atrás das nuvens.

Enquanto Zambardino preparava a máquina fotográfica, na alta tôrro de observação construída sôbre a caixa d'água da residência, Rômulo Argentière e Jean Nicolini, seus dois associados, assestavam outras lunetas para as observações.

O curioso é que, embora tenham dispendido (e não são ricos) cêrca de duzentos mil cruzeiros em material de astronomia, não visam qualquer lucro os três estudiosos. Seus trabalhos, executados com grande critério, são permutados com os de observatórios do mundo todo.

Como que de propósito, ao aproximar-se a hora prevista para o início do fenômeno, toldou-se o céu. Viu-se, entre tanto que, esfumaçado pelas nuvens o eclipse começava. O astrônomo Zambardino aproveitou a pausa para explicar:

— «Para a observação, não bastam apenas vidros esfumaçados. Precisa-se, pelo menos, de um binóculo ou luneta, dotados de vidros escuros. Não se deve julgar que, na prática, seja tarefa fácil assinalar, com precisão, os momentos exatos dos contactos aparentes entre nosso satélite e o sol. Ainda que, teòricamente, pudesse parecer o contrário, algumas breves explicações elucidarão as dificuldades».

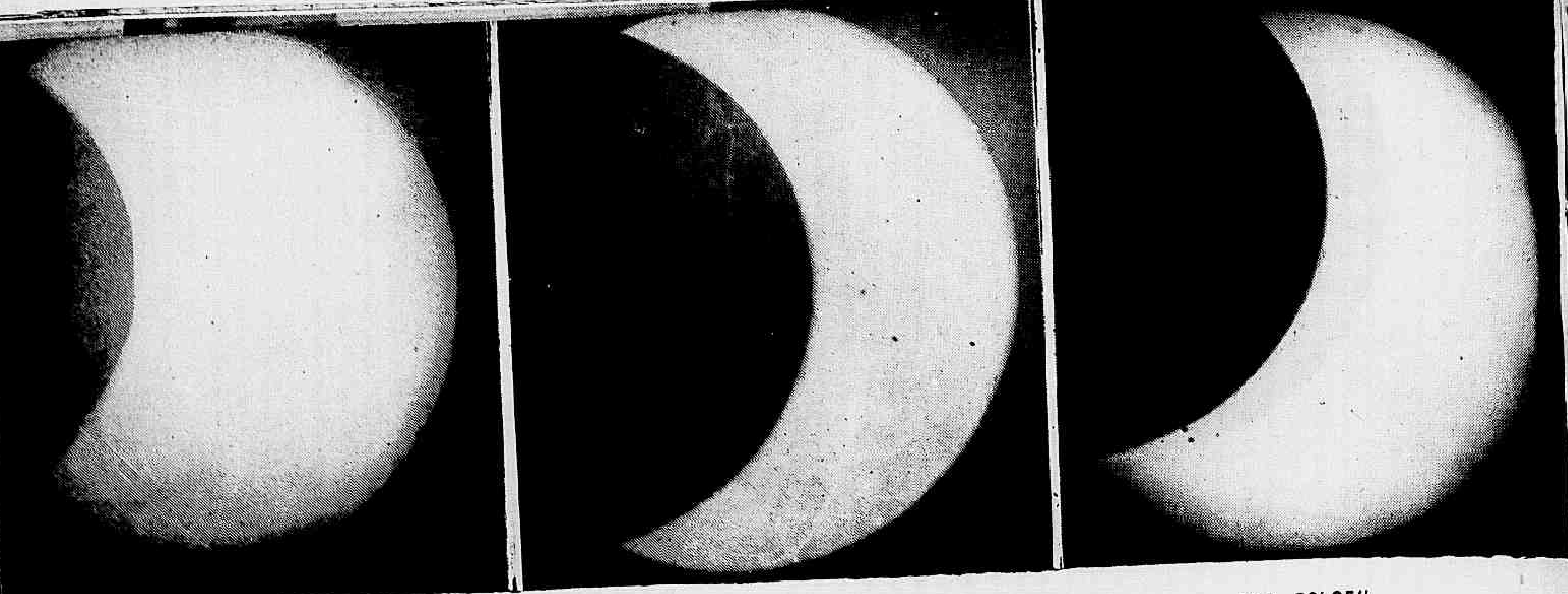
Houve um «claro» entre as nuvens. O astrônomo aproveitou para ir registrando nas chapas fotográficas o caminhar da mancha sôbre o sol. Conferiu



Os dois astrônomos amadores, que aparecem em primeiro plano, anotam dados referentes ao eclipse. O resto da família observa e se interessa pelo eclipse. A ciência astronômica é mal de família...



SEGUE



12 h. 6' 55''

12 h. 55' (fase máxima)

13 h. 22' 25''

Flagrante colhido pelo Observatório de Capricórnio, do eclipse de Agôsto, no qual podemos observar as diversas fases do fenômeno. As diferenças de tonalidades

a marcação do tempo com seus colegas Argentière e Nicolini, para depois continuar:

— «A nossa retina, todavia, por efeito de difusão luminosa, o disco solar parece ter sempre maior diâmetro que o real. Com os filmes fotográficos idêntica ocorrência se repete. Por isso, quando aparentemente a lua se acha em contato com o sol, na realidade ainda resta certo espaço a percorrer para que se efetue o contato verdadeiro. Isso, naturalmente, quanto aos contatos exteriores».

Houve outro «claro». Houve outra pausa, e novas fotografias.

O ÚLTIMO RAIO

Prosseguiu o estudioso dos problemas do céu:

— «Agora, quanto aos chamados contatos interiores, que têm lugar quando o eclipse é anular ou total, a determinação do resultado é um tanto mais fácil, pois o instante do contato corresponderá ao da formação de um ligamento negro (quando o eclipse é anular), e pelo aparecimento e desaparecimento do último raio (quando fôr total)».

Jean Nicolini veio avisar que dentro em pouco poderiam ser feitas outras chapas.

Enquanto isso, Orlando Zambardino continuou:

— «Os fenômenos da irradiação, nos quais também intervém o da difração, são diminuidos à medida que são aumentados os diâmetros das objetivas das lunetas, e que diminui, também, a intensidade luminosa do sol».

E terminou, recomeçando o trabalho com a câmara:

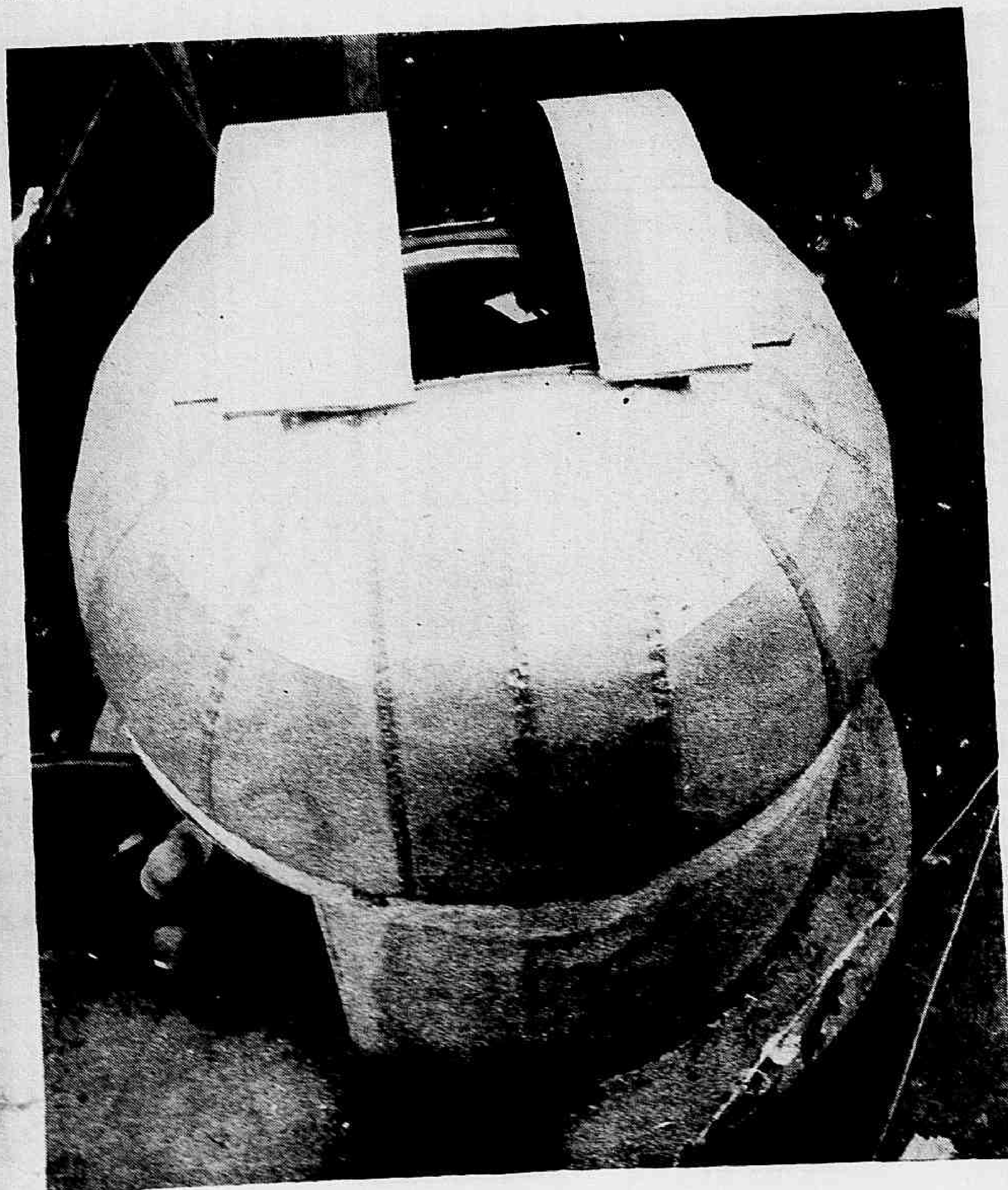
— «Para os estudos sôbre o sol existem aparelhos modernissimos, que dispensam os eclipses. Êstes, porém, continuam a ser, para o grande público, espetáculo magnífico e sugestivo».

ECLIPSE À MODA DA CASA

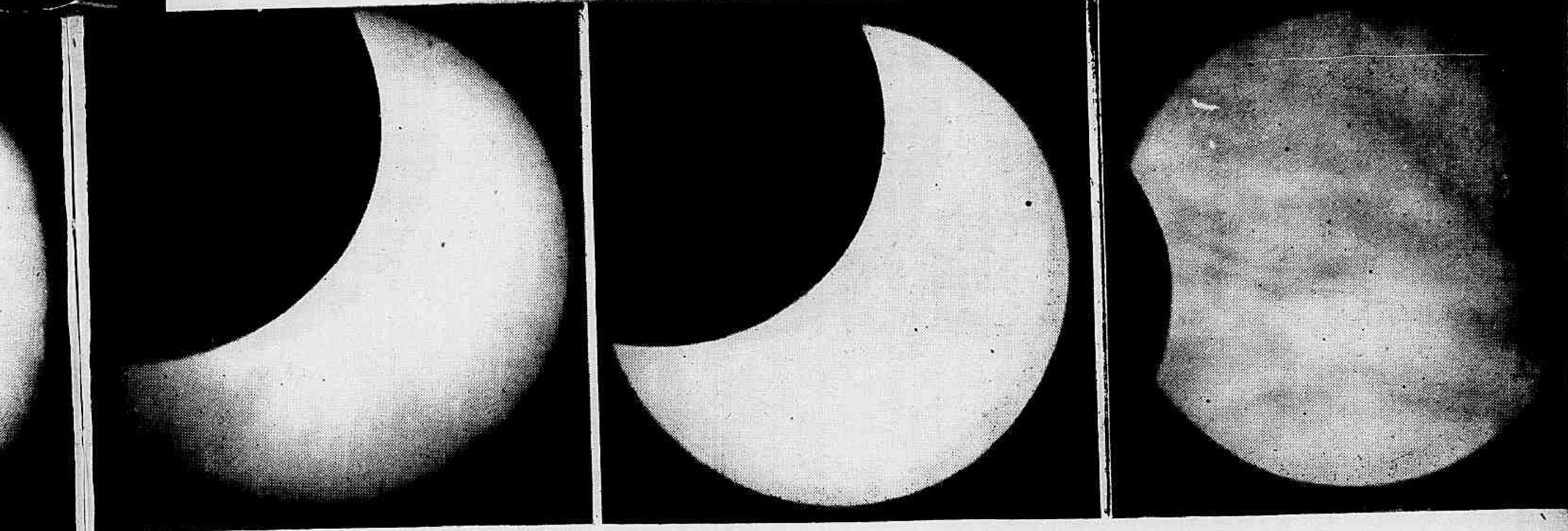
Embora com a observação prejudicada pela nebulosidade do céu, correspondeu à expectativa da população o eclipse parcial do sol, na semana passada. Prevenidas pela imprensa quanto aos perigos da observação com a vista desprotegida, as pessoas utilizaram negativos velados e placas de vidro escuro. Contribuiu para o interêsse despertado, ainda, o Observatório Capricórnio, que divulgou com antecedência comunicados elucidativos a respeito do fenômeno.

Não faltaram, também os «fatos verídicos». Contou-se, por exemplo, que um escolar ficou preocupado por coincidir o eclipse com a hora de aula. Indagou:

— «Papai, será que não podem adiar o eclipse?»



Esta é a cúpula que abriga uma das maiores lunetas do Observatório Capricórnio. Está assentada no quintal da residência da família Zambardino, local em que foi feita a presente reportagem.



13 h. 23' 55" — 13 h. 29' 5" — 14 h. 17' 10"

são devidas às nuances, que atrapalharam a exposição. Fases do eclipse parcial do sol, fotografadas por Orlando Zambardino, do Observatório de Capricórnio.

NA INTIMIDADE DO OBSERVATÓRIO CAPRICÓRNIO

Foram os pastores da Caldéia os primeiros observadores das maravilhas do céu. Na antiguidade a astronomia ocupou um lugar importante. Desde então os homens sempre se preocuparam com os fenômenos celestes. Da simples observação a ôlho nu do passado passou a astronomia moderna aos colossais telescópios. Hoje milhares de olhos gigantes devassam o infinito e novos mundos siderais são descobertos.

Entre os modernos observatórios astronômicos do Brasil, há em São Paulo, o «Observatório do Capricórnio». Uma realização científica que orgulha a Ciência brasileira. Três jovens estudiosos e empreendedores, os astrônomos amadores Orlando Zambardino, Jean Nicolini e Rômulo Argentiere, fundaram e dirigem o Observatório.

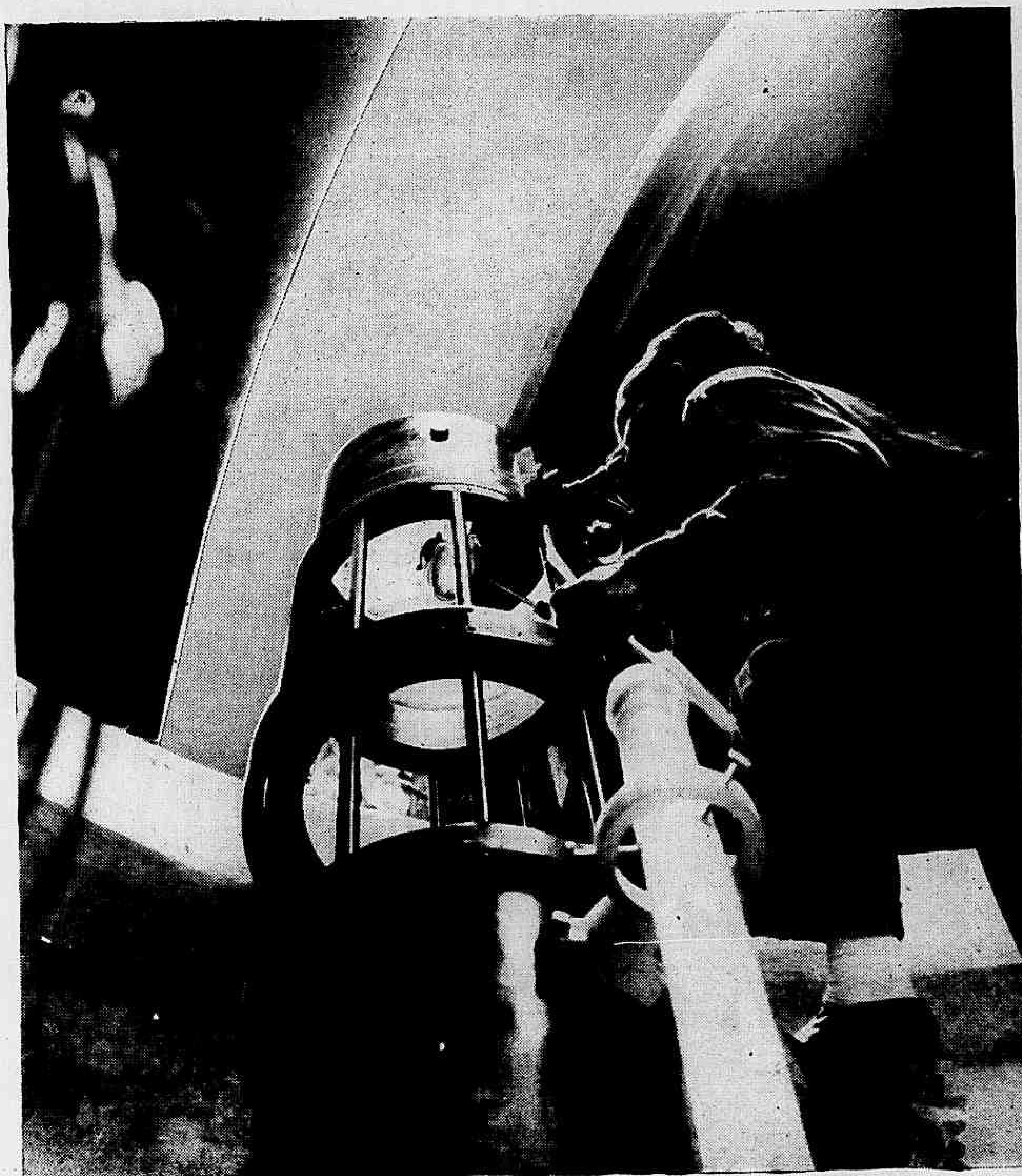
Dotado de instalações modernas e dispondo de um equipamento perfeito o Observatório do Capricórnio, se compara com as sociedades científicas congêneres de outras nações. Os astrônomos do «Capricórnio» fazem parte de várias associações científicas internacionais. Há na vida dêste anônimo centro de astronomia paulista um fato digno de registro: vive exclusivamente da boa vontade do grupo que o formou. Nunca recebeu até o momento um centavo de ajuda financeira oficial. Tem recebido auxílio desinteressado de amigos da astronomia. E por mais estranho que pareça, é mais conhecido no exterior do que mesmo no Brasil.
A escassez de recursos, ainda não permitiu a transferência do Observatório para sua localização definitiva nas montanhas, a exemplo dos grandes observatórios, como o do Monte Palomar, Pic-du-Midi, Arcetri, etc.

O recente eclipse anular do sol não foi de grande interêsse científico. Constitui fato integrante da rotina de um observatório profissional ou mesmo de amadores, registrar qualquer eclipse.

Os eclipses só têm particular interêsse científico quando são totais, e quando observados em sua zona de totalidade. O que não aconteceu com o recente eclipse de 20 de agôsto pp., sòmente observado em seu centro do cone, numa pequena faixa do Rio Grande do Sul; e parcialmente em S. Paulo, Rio e alguns estados do norte.

Minuciosamente seguido, o fenômeno despertou grande interêsse, por parte dos estudiosos do Observatório e de muitos curiosos que, munidos de placas de vidros, acompanharam todo eclipse.

O Observatório do Capricórnio honra a tradição antiga dos primitivos astrônomos da humanidade, e é um exemplo admirável da Ciência astronômica do Brasil.



Êste flagrante foi tomado durante as várias fases do eclipse, vendo-se na mesma o astrônomo amador Jean Nicolini em plena ação de observação e registro de importantes dados astronômicos.

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 6	Cultura média	Estudante ginasial
De 7 a 11	Cultura superior	Universitário
De 12 a 14	Genial	Um sábio
Tôdas as quinze		O gênio em pessoa

1 — QUAL O PLURAL DE GUARDA-MARINHA:

— Guardas-marinhas?
— Guarda-marinhas?
— Guardas-marinha?

2 — A ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS FICA NO MUNICÍPIO DE:

— Rezende?
— Cruzeiro?
— Vassouras?

3 — QUE QUER DIZER «MATUPÁ», NO AMAZONAS:

— Barrancos cobertos de mato que as águas levam?
— Comida que os seringueiros conduzem?
— Tempestade nos seringais?

4 — QUAL DESTAS ÁRVORES TEM O NOME CIENTÍFICO DE «BERTHOLLETIA EXCELSA»:

— O cajueiro?
— O abacateiro?
— O castanheiro do Pará?

5 — QUAL DÊSTES HOMENS VERTEU PARA O FRANCÊS, «MARÍLIA DE DIRCEU»:

— Eugênio Monglave?
— Barão de Ramiz Galvão?
— Machado de Assis?

6 — QUE MINISTÉRIO OCUPAVA NILO PEÇANHA, QUANDO O BRASIL DECLAROU GUERRA À ALEMANHA, NO PRIMEIRO CONFLITO MUNDIAL:

— O da Fazenda?
— O das Relações Exteriores?
— O da justiça?

7 — QUAL DÊSTES PRIMITIVOS COLONIZADORES DO BRASIL A QUEM OS ÍNDIOS PUSERAM O APELIDO DE «CARAMURU»:

— Martim Afonso de Sousa?
— João Ramalho?
— Diogo Alvares Correia?

8 — QUAL A PRIMEIRA CIDADE DO ESTADO DE ALAGOAS, DEPOIS DA CAPITAL:

— Penedo?
— Pão de Açúcar?
— Murici?

9 — EM QUE ANO FOI ATRIBUÍDA À PRINCESA DONA JANUÁRIA, A HERANÇA PRESUNTIVA DA COROA DO BRASIL:

— 1853?
— 1863?
— 1881?

10 — QUE VEM A SER «TAMBOEIRA», NO NORDESTE:

— Terra estéril?
— Uma ave noturna?
— Espiga de milho pequena e falhada?

11 — QUE NOME TEM, NO NORDESTE, A FARINHA DE MANDIOCA MUITO GROSSA:

— Bró?
— Serrote?
— Frade?

12 — QUE QUER DIZER, «CUBICULÁRIO»:

— Castiçal de uma vela?
— Criado de quarto?
— Carcereiro?

13 — QUAL DÊSTES FRUTOS É «ESTRÓBILO»:

— A melancia?
— O mamão?
— A pinha?

14 — A «PAROPSIA» SE REFERE:

— À audição?
— À vista?
— Ao olfato?

15 — EM QUAL DÊSTES ESTADOS SE ENCONTRA A SERRA DE ARARIPE:

— São Paulo?
— Bahia?
— Ceará?

(Respostas na página 52)





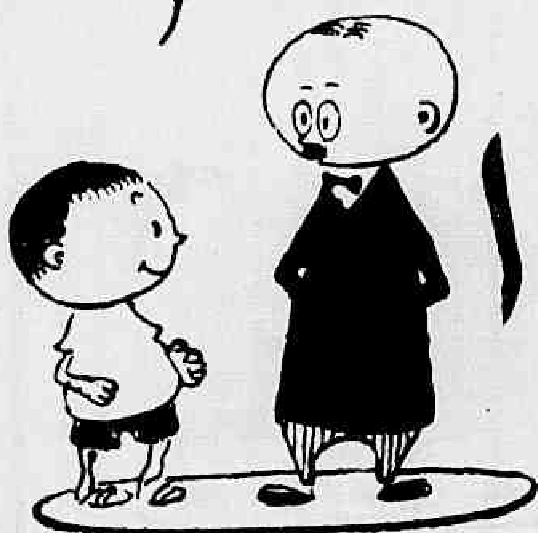
ESTRÊLA DO FRENCH CAN-CAN — Os famosos «Harlen Globe Trotters», que andaram desafiando o mundo todo e nunca acharam quem fôsse melhor do que êles no «Basquet Ball», encantaram-se — e não é para menos — com a estrêla do Can-Can de Paris, (a dança que fêz as delícias de nossos avós) e faz a de seus netinhos, principalmente quando encontra intérpretes como esta. Gaby Bruyère posa aqui para um célebre pintor, Raphael Princert. Gosta tanto de Paris esta francesinha que anda hesitando em aceitar um bom contrato de sete anos para Hollywood. Vejam só

ESTE MUNDO E O OUTRO

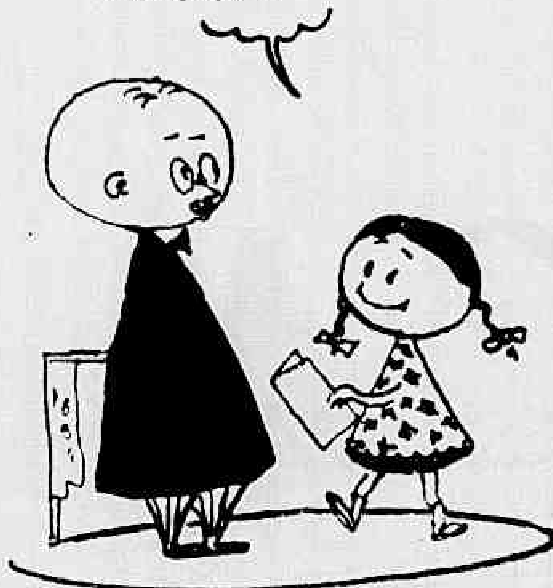
Criação de DARCY

A arte de dar facadas

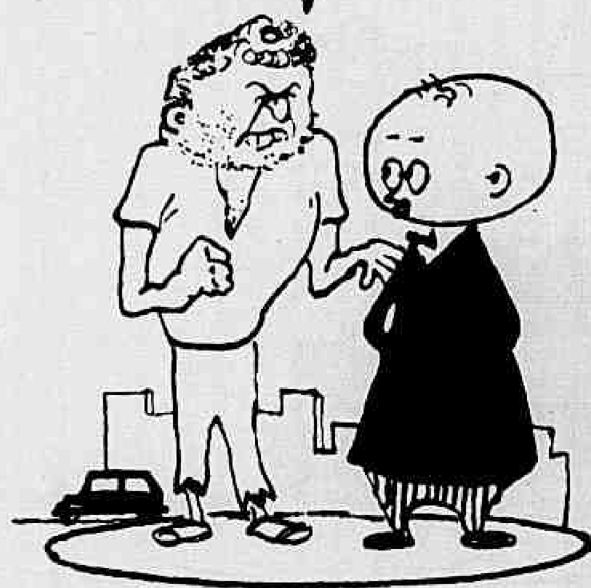
"ME DÁ "DOIS CRUZAS PRÁ COMPRAR PIRULITO?



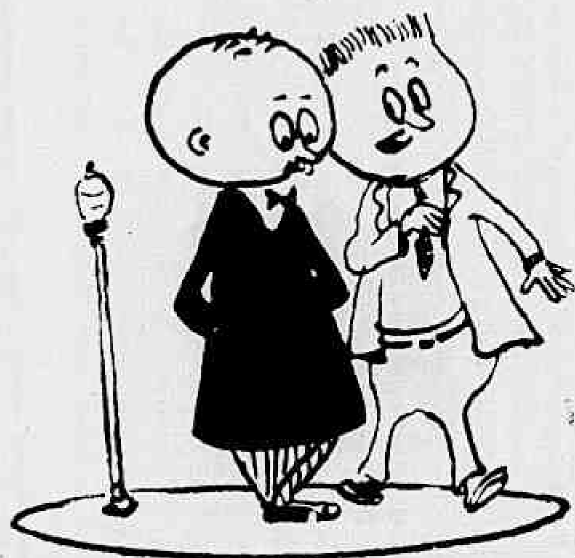
SÓ FALTA UM CRUZEIRINHO DE FIGURINHAS "PRÁ MIM" COMPLETAR O ALBUM



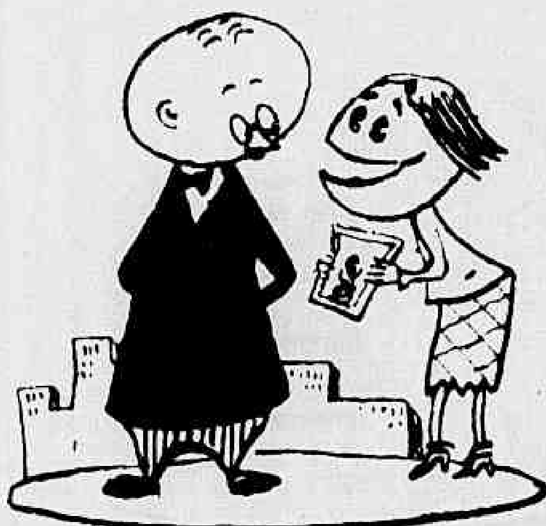
AJUDA PARA UM DESEMPREGADO, PODE SER?



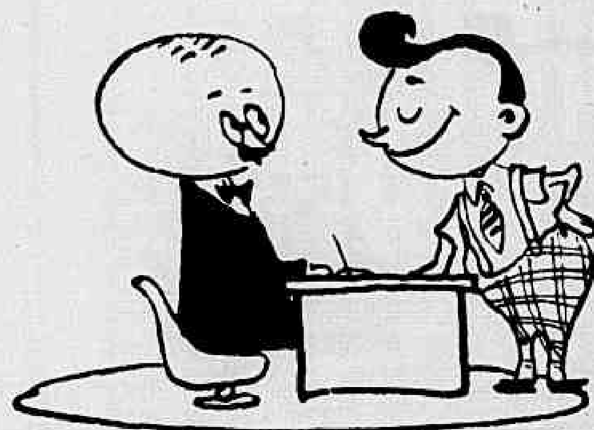
ORA VEJA! ESQUECI MINHA CARTEIRA EM CASA...



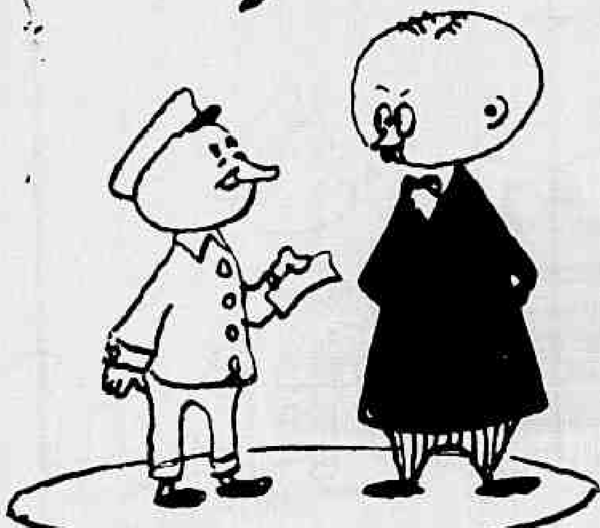
UMA ESMOLINHA PARA S. JORGE...



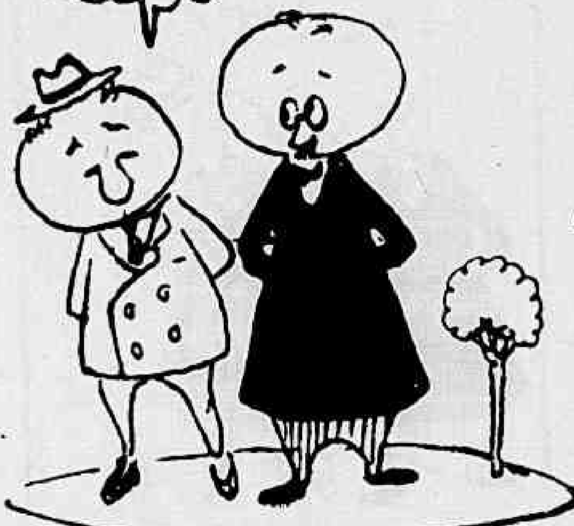
VOCÊ TEM ALGUM AÍ? É SÓ ATÉ O DIA DO PAGAMENTO...



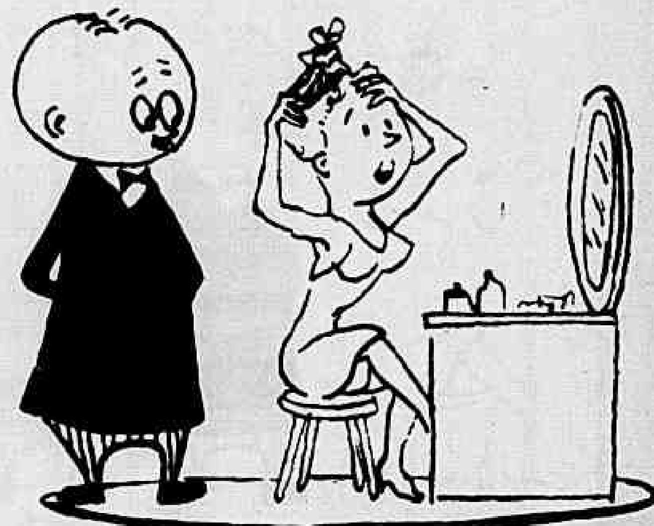
É UMA RIFINHA ENTRE O PESSOAL... UM LINDO RELOGIO FOLEADO...



E DEPOIS AS COUSAS ANDAM TÃO RUINS LÁ EM CASA... SE AO MENOS EU SOUBESSE QUEM EMPRESTA DINHEIRO A JUROS...



ESTE CHAPÉU JÁ ESTÁ TÃO BATIDO, TÃO VISTO...



COMEMORAÇÕES DO SETE DE SETEMBRO

BRILHOU O CÔRO ORFEÔNICO SOB A REGÊNCIA DO MAESTRO VILA LOBOS ★ O BOM TEMPO À TARDE ★ MUITO APLAUDIDO O CORPO DE BAILE DO TEATRO MUNICIPAL

O dia sete de setembro êste ano amanhecera terrivelmente chuvoso. O vento sul, muito frio e úmido, era enervante. Chovia desde o dia anterior e tudo fazia crer que teríamos uma parada sob aguaceiros, num domingo cinzento e triste. Com efeito, durante as primeiras horas da manhã, a chuva fôra inclemente, e a parada magnífica se processou quase tôda debaixo de chuvaradas e pequenos intervalos; mas, já depois do meio dia o tempo melhorou, o sol surgiu e a temperatura se manteve agradabilíssima, como se os elementos da natureza também quisessem contribuir para o maior entusiasmo da população carioca nas festas ao nosso glorioso Sete de Setembro.

À tarde teriam lugar vários números de arte como encerramento das festas populares em memória do grito de "Independência, ou Morte!" do nosso primeiro Imperador. Com o levantar do mau tempo, tudo decorreu em absoluta ordem e dentro do mais brilhante desempenho. Todos os anos o Dia da Pátria recebe o concurso de cantos orfeônicos, mas êste ano se verificou um número ainda inédito: o Corpo de Bailes do Teatro Municipal, com coreografia de Vaslav Valtchek, executou várias danças selvagens da ópera de Carlos Gomes, "Il Guarany", com suas evoluções em tablado especialmente erguido para êsse fim.

As danças despertaram o maior entusiasmo entre os espectadores e deram às festividades um caráter eminentemente nacionalista, relembrando-nos o Brasil ainda selvático, com seus índios e danças nativas, ao mesmo tempo que se rememorava o nome de dois grandes vultos de nossa pátria, que tanto fizeram pela independência brasileira na Música e na Literatura: Carlos Gomes e José de Alencar.

A Independência Brasileira estêve, pois, a Sete de Setembro, vinculada a vários fatôres de nossa nacionalidade: a Politica, a Administrativa e a Artística e Literária. A inclusão dêsse número foi objeto dos maiores elogios e empolgou a imensa multidão que assistia ao mesmo.

Outra novidade foi a revoada, não de pombos, mas de balõezinhos de borracha em determinado instante das solenidades populares.

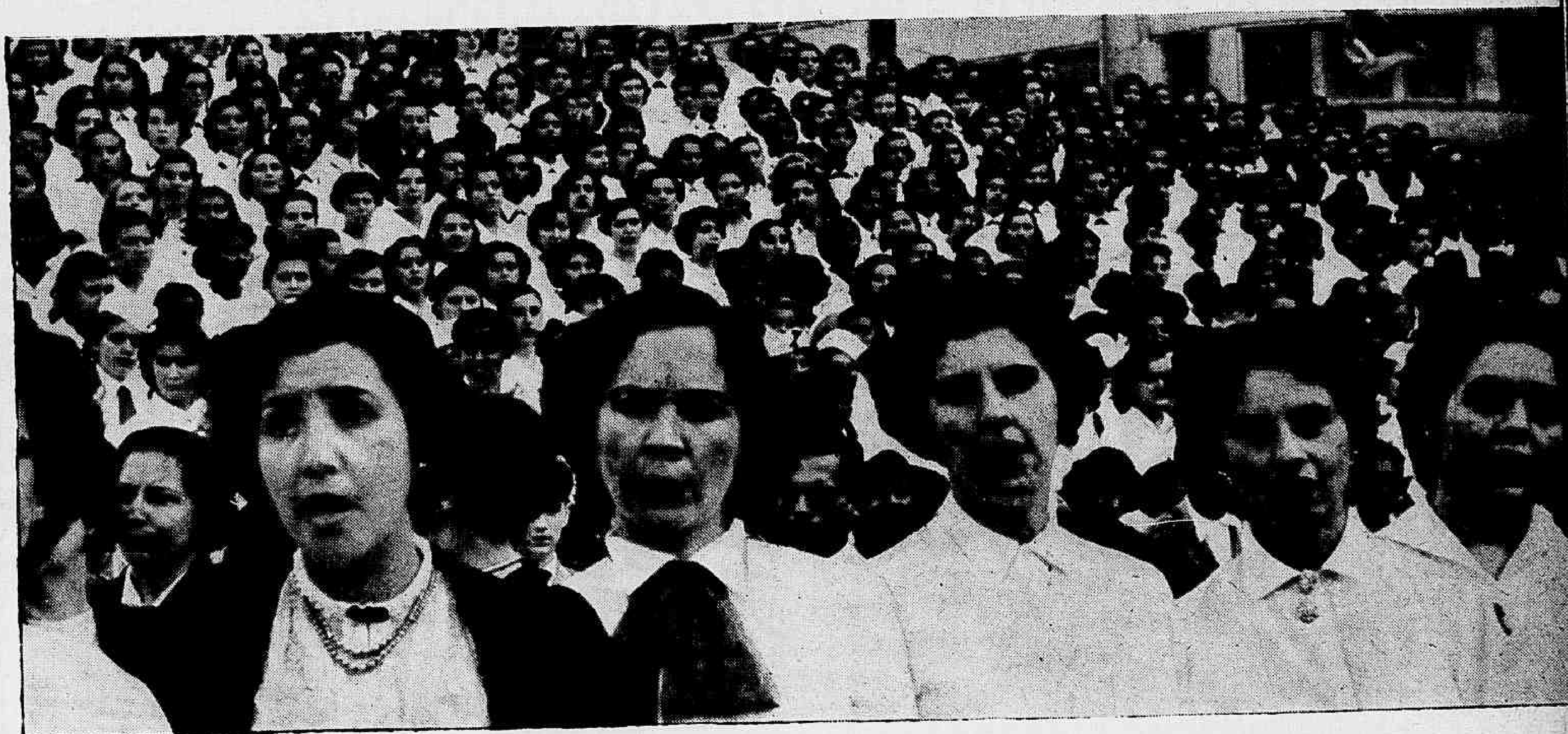
Vila-Lôbos regendo, no pátio do M. da Educação, o Côro Orfeônico Estudantil.



Alunas de várias escolas do Distrito Federal cantam os hinos da Pátria na tarde de 7 de Setembro de 1952, sob a regência de Vila-Lôbos, no M. da Educação.



Vista da magnífica tarde em que se encerraram as homenagens ao "Independência ou Morte!", quando várias composições patrióticas foram executadas.

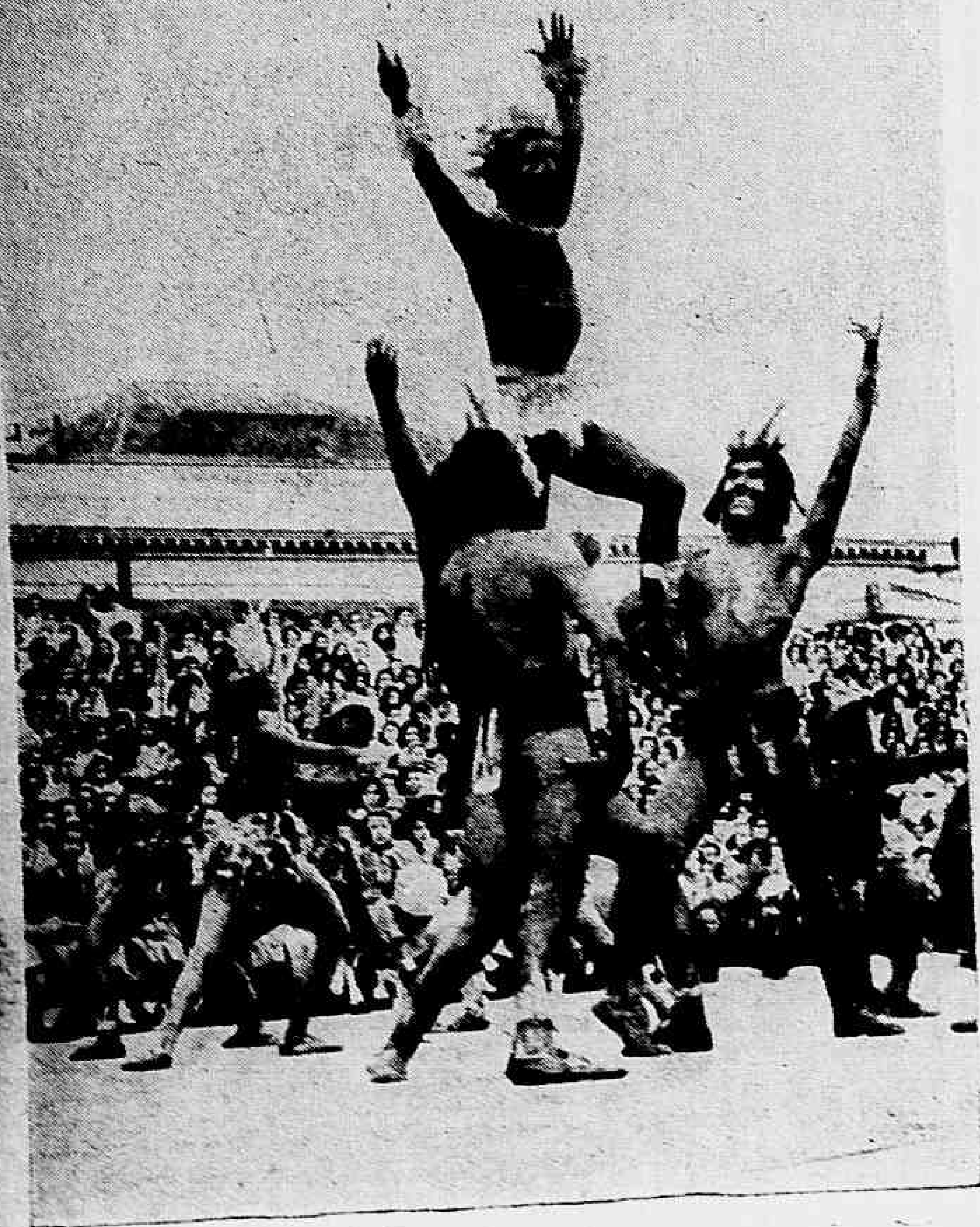


Detalhe da tarde artística na glorificação do Dia da Independência, quando as componentes do Côro Orfeônico cantavam o Hino da Independência, de D. Pedro I.

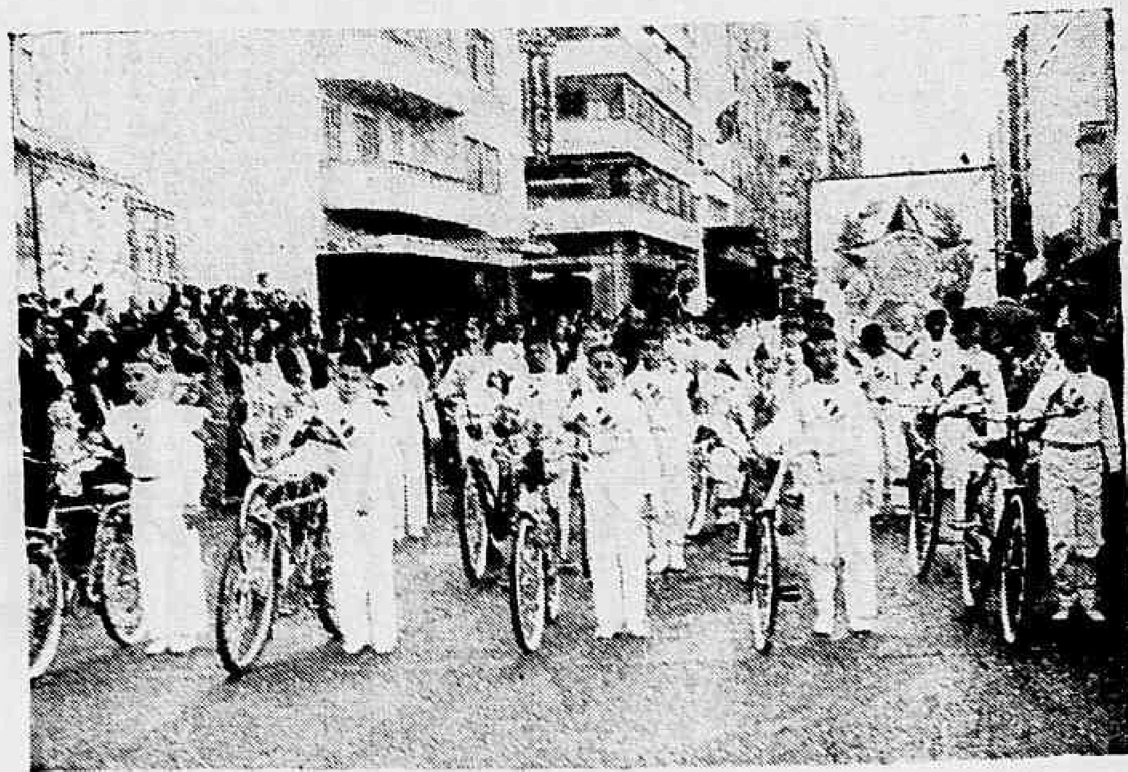
COMEMORAÇÕES DE 7 DE SETEMBRO



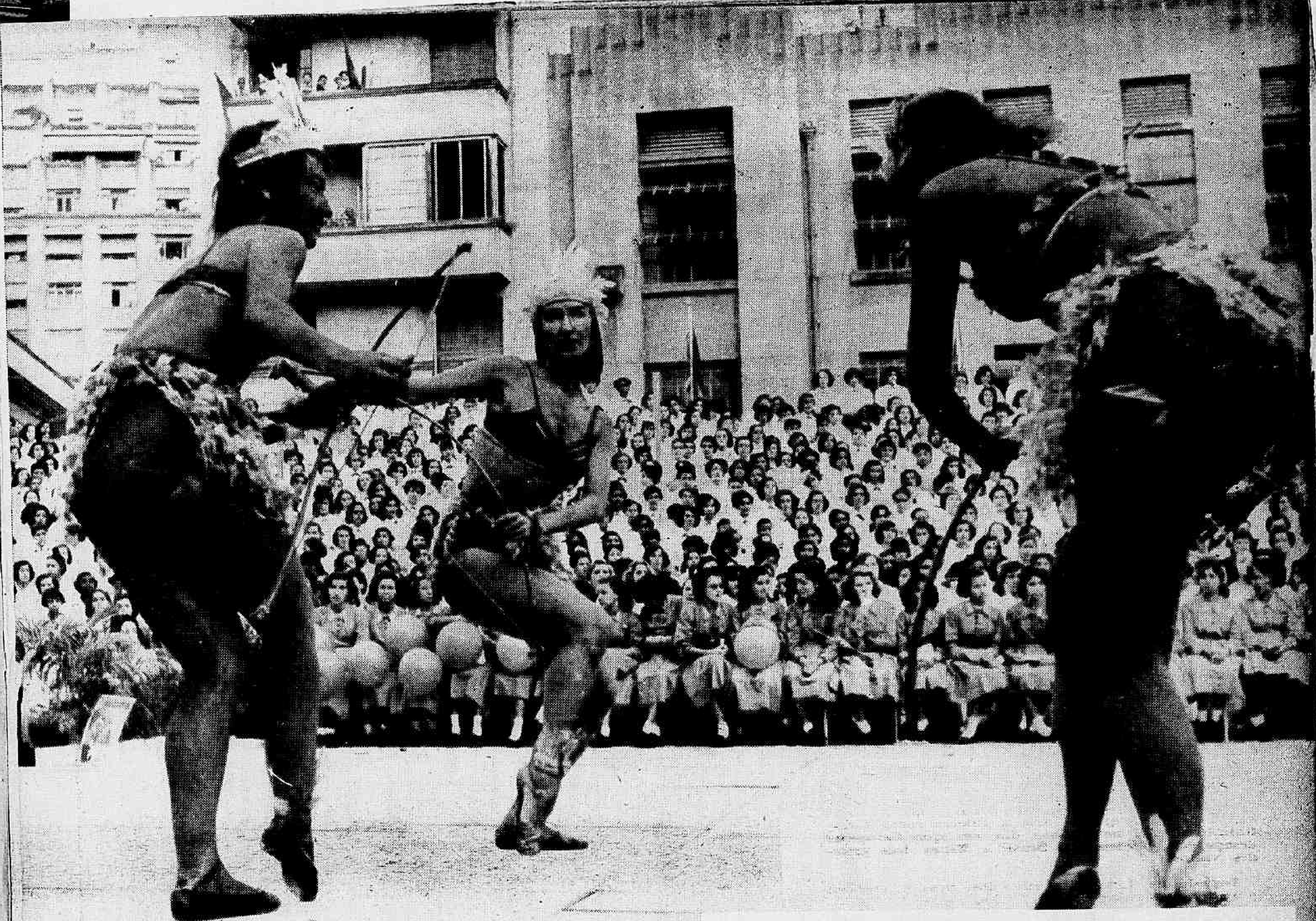
Outro ângulo do Côro Orfeônico no pátio do Ministério da Educação e Saúde, na área que dá para a rua de Santa Luzia, no momento em que eram libertados, pelas alunas de nossos estabelecimentos de ensino, os balõezinhos.



Mais uma vez se ligava a vida brasileira às festas, pois o simbolismo dessas esferas em revoada ao sabor do vento naquela tarde clara e luminosa, era bem um episódio de nossa história econômica depois da Independência, a borracha. A Amazônia, teatro de várias lutas sustentadas pela bravura dos seringueiros chefiados por Plácido de Castro, estava ali representada nos balõezinhos, enquanto os acórdes dos Hinos de nossa história enchiam os espaços de beleza e harmonia. Milhares de vozes fazendo côro com milhares de sons, eram



Uma demonstração de danças indígenas de "O Guarani", pelo Corpo de Bailes do Teatro Municipal, em palco especialmente erguido; e o desfile dos alunos do Colégio Salesiano pelas ruas centrais da cidade.



Uma cena das danças brasílicas no aplaudido número de "O Guarani", de Carlos Gomes, por elementos coreográficos do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, especialmente ensaiados para as festas do dia 7 de Setembro.

bem uma apoteose ao Hino Nacional, ao Hino da Independência, cantados por todos com o mais acendrado fervor patriótico em honra aos fatôres de nossa emancipação política em 1822. O encerramento das festas em memória ao Grito do Ipiranga estiveram, êste ano, com uma feição emocionante, desde a parada de mais de 40 mil homens de nossas armas, até aos números executados no pátio do Ministério da Educação, com um tempo magnífico e sob os aplausos de grande assistência.



Jovens de nossas escolas perfilam-se enquanto soam os acordes do Hino Nacional.



Índias brasileiras, representadas por artistas do Teatro Municipal, encerram o belíssimo número de aspecto selvagem, reprodução da ópera "O Guarani".



LIDO... VISTO...

BONITO E FEIO

É formosa mesmo a beleza, ou sòmente nossos olhos assim a vêem? — indagava Tackeray. Vai tôda uma filosofia na indagação e sirva ela para justificar o conceito do belo quando aplicado não ao belo sexo, mas ao forte.

Alguns homens têm passado à história com a alcunha de formosos. Assim Felipe, o Belo, que empunhou um cetro, e o "Belo Brumel", que ocupou o trono da elegância, na côrte da Inglaterra, no século XVIII. No Brasil o exemplo clássico seria Joaquim Nabuco, que os despeitados e invejosos cognominavam, nos doirados salões cariocas, "Quincas, o Belo".

De Pernambuco, também na República, outro homem público traria a fama de bonito: Estácio Coimbra, deputado federal, duas vêzes governador de seu Estado — e, circunstância curiosa, duas vêzes deposto, em 1911 e 1930 — e que ocupara a vice-presidência da República. Não sòmente a fama de bonito, a de Estácio, mas a de sósia de Joaquim Nabuco. E parece que êle assim se julgava mesmo e tinha certo garbo e orgulho da beleza e da semelhança. Usineiro, aristocrata, esbelto, elegante, parecia-se mesmo com Nabuco, no físico, naturalmente. Moniz Sodré, o grande político e jurista baiano, pai do jornalista Heitor Moniz, teve de enfrentar o belo homem, e o fêz com rara veemência, da tribuna do Senado, defendendo as liberdades públicas, quando Estácio presidia à Câmara Alta.

Contrastava com a beleza do pernambucano, entre outros, e destacadamente, Augusto de Lima, deputado federal em numerosas legislaturas consecutivas, presidente de Minas Gerais, logo nos primeiros dias da República e que só veio a falecer como Constituinte de 34, no mesmo dia em que Calógeras desaparecia, perdendo o Brasil e Minas dois grandes vultos.

Augusto de Lima era um dos nossos grandes poetas e, merecidamente pertencia à Academia Brasileira. Notòriamente feio, ninguém mais apaixonado pelas belas letras e pelas mais belas coisas. Seu espírito, êsse sim, era na verdade, belo. Poeta, cujos versos tinham forma e sempre formosos, profundos pensamentos, Augusto de Lima possuía uma alma delicada e sensível.

Quem conviveu com êle sabia quanto o magoavam as constantes alusões à sua fealdade. Sua bonissima alma, pois, que nos perdoe o recordar essa fraqueza de tão grande homem, cuja inteligência marcou com fulgor sua passagem na vida pública e cultural do país.

Conta João Lima, antigo cronista parlamentar, que tendo deixado publicar num semanário seu uma crônica futurista da senhora Conceição Andrade de Arroxellas Galvão, na qual se fazia leve referência à fealdade do poeta, êste foi à redação, incomodadíssimo com o caso. E exclamou:

— Que mal fiz, meu Deus, àquela minha conterrânea? Nunca disse eu a ninguém que sou bonito. Por que pois se ofende, assim, a um homem que não ofende aos outros?

QUEM DISSE ISTO?

61 "Depois de nós o dilúvio!"

62 "Faça-se justiça e pereça o mundo!"

63 "Deus, Pátria, Liberdade e Família."

64 "O dinheiro é o nervo da guerra."

65 "Voz clamando no deserto."

RESPOSTAS ÀS ANTERIORES:

56 — *"Não me toques" (Nolli me tangere) é do Evangelho de São João (cap. XX, v. 30); 57 — Emanuel Kant, grande filósofo germânico; 58 — La Rochefoucauld, em suas célebres Máximas; 59 — Machado de Assis, o príncipe dos prosadores do Brasil; 60 — Frase muito repetida pelos advogados; é um texto de Paolo, no Digesto, lei 3ª, título "De suppellectile legata".*

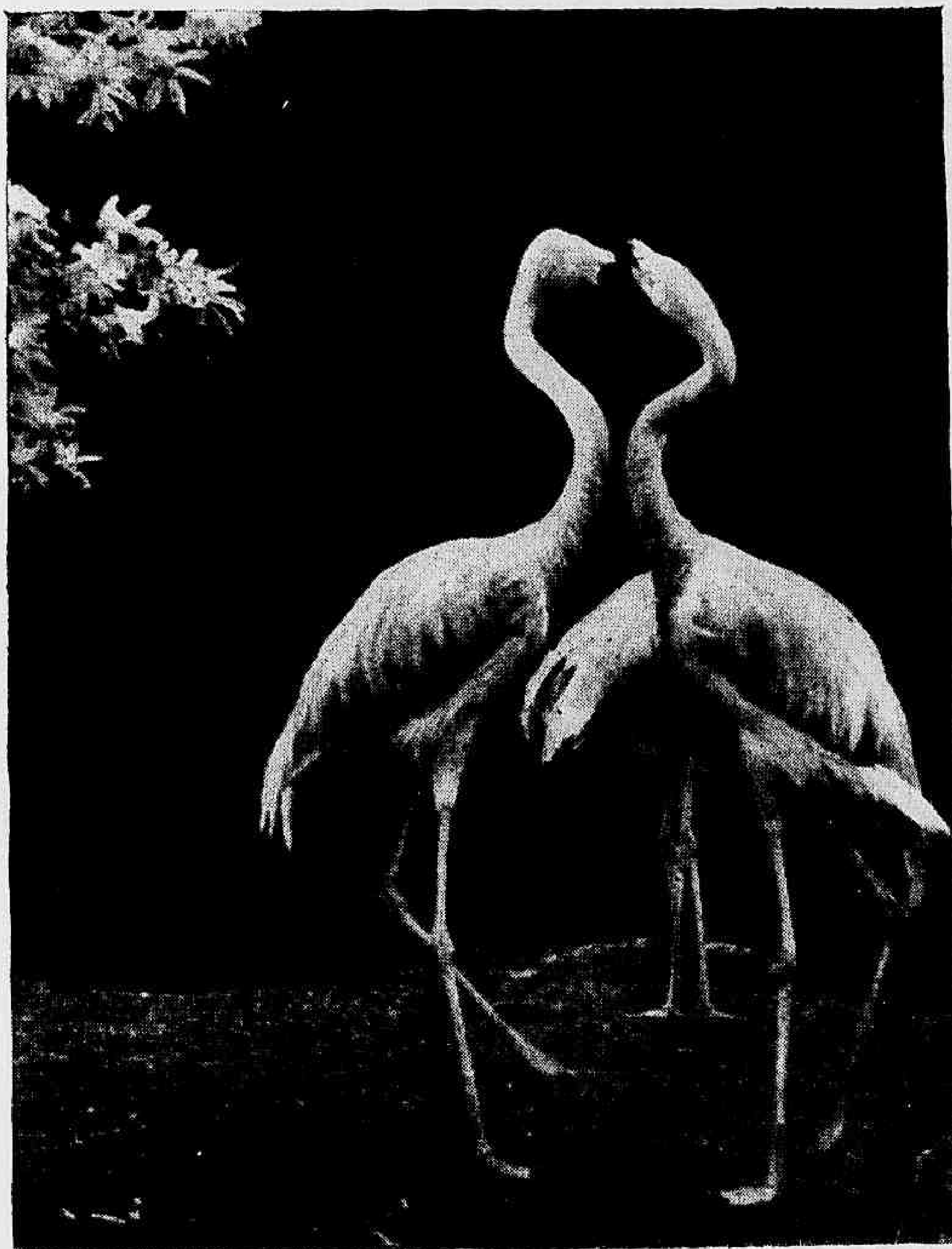
Amor... Amor...



NO princípio era o Verbo... No princípio era o caos... No princípio eram os nossos vovôs símios, diria o rabugento Darwin, pai da teoria que sempre aceitamos quando vamos ao Jardim Zoológico ou ao circo ver as proezas incríveis dos macacos e que sempre rejeitamos quando, deslumbrados, admiramos as formas lindas de uma mulher. É, êle tinha razão, o homem é um macaco aperfeiçoado, dizemos no primeiro caso. Mas será possível? — nos perguntamos incrédulos, na segunda hipótese. E se fizéssemos um ecletismo e, aceitando o Paraíso, Adão e Eva tivessem sido assim como êste carinhoso parzinho de orangotangos? No princípio o Verbo, sim, foi com grunhidozinhos, sem dúvida, que vovô símio chegou a êsse enlêvo. E as garças alvas e lindas também começam se entendendo pelas suas vozes. E antes dêste abraço apaixonado e louco, no princípio não deve ter sido o verbo, isto é "uma boa conversa"? Oh, sim, no princípio, no meio e no fim, a grande lei é essa que move "il sole e le altre stele"...

OUVIDO... ONTEM, HOJE, AMANHÃ... (JIM)

e mais Amor...





POUCAS... E BOAS...

● **PERFEITO...**

Aconteceu num vilarejo português. Depois de haver celebrado o casamento de seu secretário com a única funcionária da pequena Prefeitura, o casal pediu ao chefe uma licença, para uma viagem de núpcias.

— Não digo que não, respondeu o prefeito, mas um de cada vez, pois a Prefeitura não pode fechar.

● **CLAUDEL E PROUST**

A revista francesa "Biblio" publicou as respostas que Paul Claudel, o grande escritor, que já foi embaixador da França, no Brasil, deu ao famoso questionário de Marcel Proust, há anos atrás. Guardem estas de Claudel:

— Qual o traço principal do seu caráter?

— A estupidez.

— Qual o pássaro que prefere?

— Perdiz assada.

— Seus autores favoritos?

— Os autores dos meus dias.

Ah, os literatos...

● **YVONNE**

Pouco antes de subir o pano no "Folies Bergères", o famoso teatro de Paris, quando Paul Derval apresentava uma revista cujo forte era o nu, ou a quase nudez do sexo fraco, Yvonne Ménard, a heroina da peça, está aflitissima, vendo que vão soar aquelas clássicas três pancadas e ela ainda não está pronta, conta Soir et Blanc.

— O sr. não recebeu uma carta expressa para mim? — pergunta ela ao diretor.

— Não. Por quê?

— O vestido com que devo aparecer no primeiro ato deve vir nessa carta.

● **DEFINIÇÃO ITALIANA**

BIGAMO: o que repete o mesmo êrro.

RESPONDA ESTAS:

61 Quem inventou o whiskey?

62 Quem foi Popea Sabina?

63 Quantas espécies de peixes existem?

64 Qual a origem do nome de Niterói?

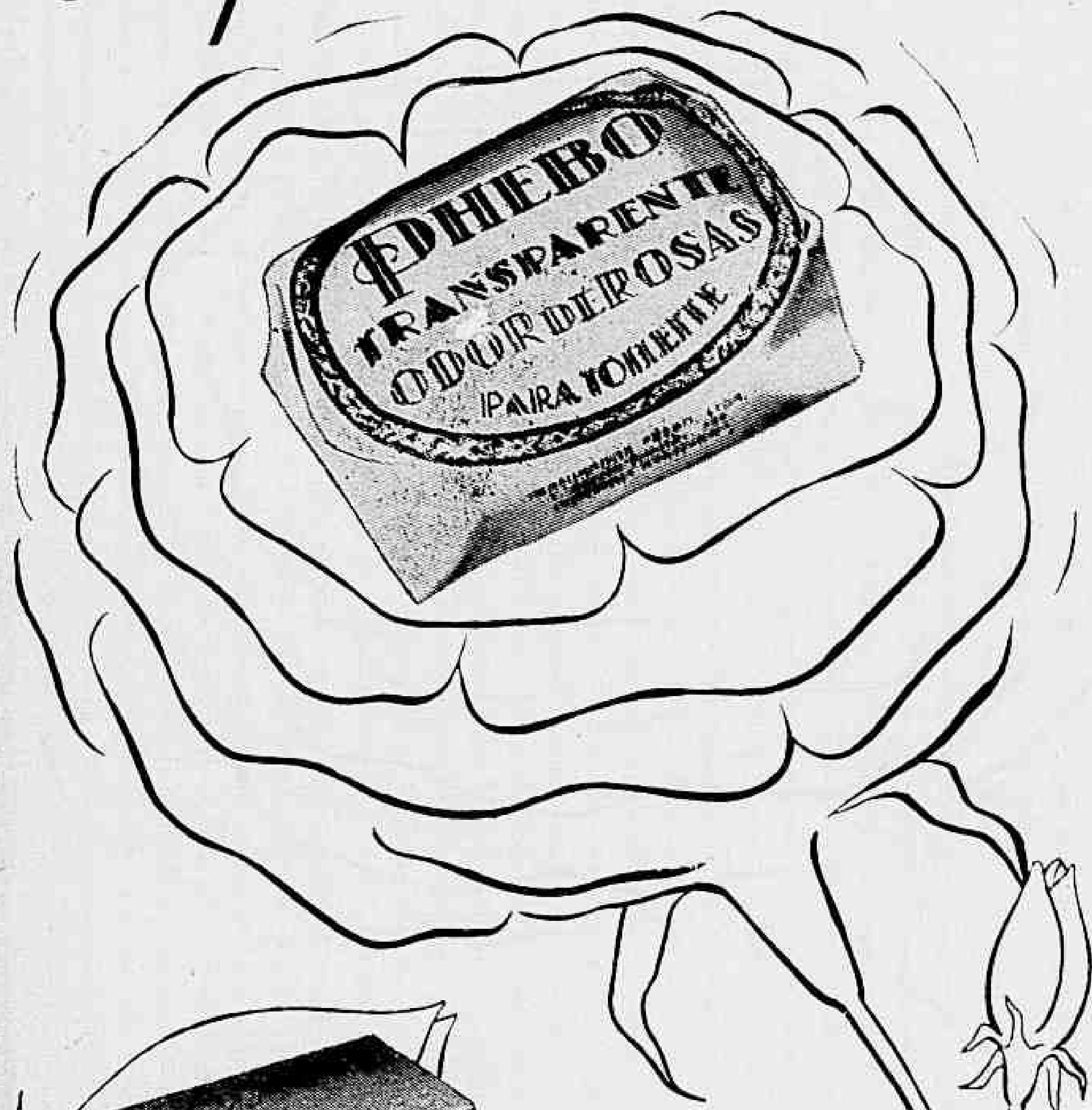
65 Como os franceses chamam o Rádio?

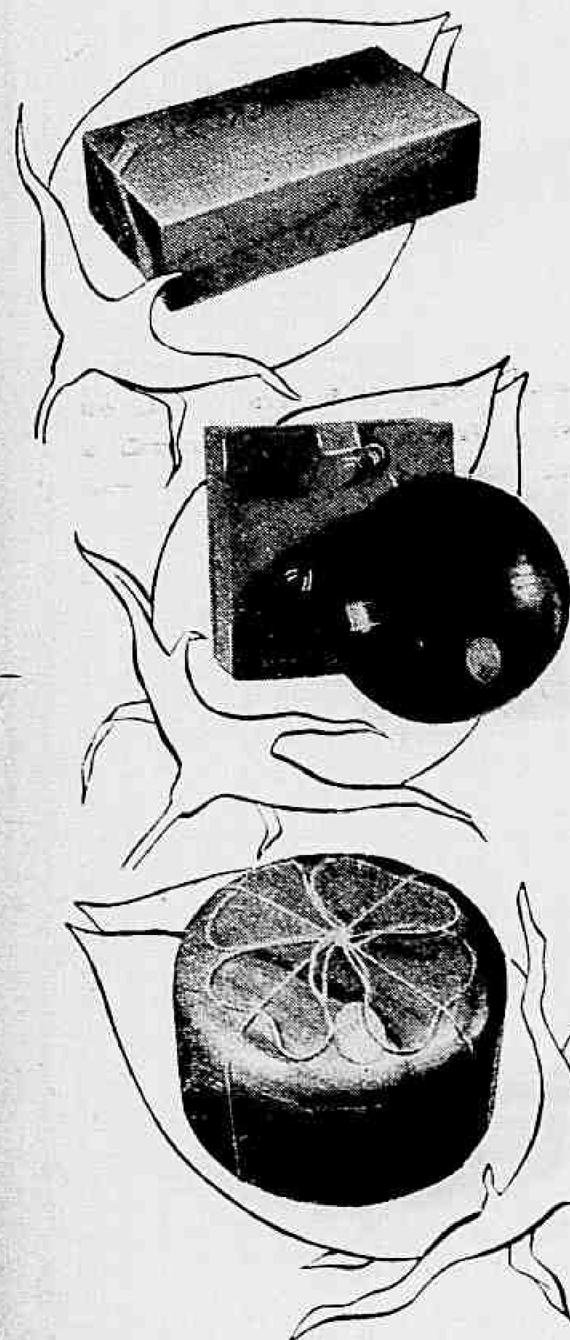
RESPOSTAS ÀS ÚLTIMAS:

56 — *As cobaias são usadas nos laboratórios porque são susceptiveis a tôdas as doenças humanas, sendo, além disso, pequenos animais e fáceis de transportar;* 57 — *O avermelhado baço do Mar Vermelho provém de milhões de algas minúsculas, que têm êsse colorido;* 58 — *Pedro Américo, aliás, Pedro Américo de Figueiredo, e por encomenda do Ministro João Alfredo Corrêa de Oliveira;* 59 — *275 linguas diferentes são faladas na Africa;* 60 — *No ano de 1641, no dia 1º de Abril (e não foi pêta) Amador Bueno de Ribeira rejeitou a coroa de São Paulo, que lhe foi oferecida pelo povo.*

Época

Perfume de Rosas

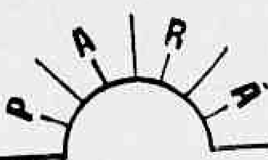




...e as Rosas do Pará são as mais formosas, as mais delicadas e de mais agradável perfume. Sinta o prazer de possuí-las, adquirindo as criações Phebo. *Sabonete, Pó de arroz e Talco.*

O melhor presente 3 Sabonetes Phebo em caixa de luxo.

Criações PHEBO



PERFUMARIAS PHEBO

CONTA-ME teus Sonhos

MARIA PAULA

NOSSA vida é uma larga estrada, onde nos encontramos como viajores. Nesta jornada, ora se nos depara um abismo, ora se eleva diante de nós uma gigantesca muralha, ora o terreno se aplaina, ora tudo nos corre às mil maravilhas. E ficamos sem saber o porque dêsse imenso caleidoscópio que gira em tôrno de nossas deslumbradas pupilas. Muito se tem estudado sôbre a pluralidade de paisagens da vida cronológica; entretanto, só o estudo da metafísica e da "psiqué" humana, — uma combinação de Ciência e de Espiritualismo — consegue desvendar os arcanos da diversidade dos nossos destinos.

● Êsse mistério preocupou um espírito da fôrça do de Freud, embora êle tivesse procurado estudá-lo unilateralmente, fazendo do sonho uma chave para a análise dos distúrbios funcionais orgânicos. Começou por descobrir que, da subconsciência, subia à consciência nossos desejos e impulsos irrealizados, em forma de sonhos. Dêsse princípio freudiano podemos tirar uma lição: Se quisermos ter uma vida menos onerada pelo sofrimento em seu tríplice aspecto — físico, moral e espiritual — devemos expulsar do subconsciente os desejos inferiores e dar-nos a nós próprios a oportunidade da felicidade interior.

● Para que possamos bem analisar os sonhos enviados a esta seção, é preciso que êles nos sejam relatados com tôda a clareza, sem rodeios e sem quaisquer amputações ou subterfúgios. Endereçados à Maria Paula — **REVISTA DA SEMANA** — "Conta-me teu sonho" — Rua Visc. Maranguape, 15. — Rio.

● CY — (Rio)

SONHO — *Você sonhou que seus dentes começavam a desfazer-se. Não caiam, nem se quebravam, mas se descascavam em camadas que você ia retirando na esperança de encontrar, enfim, uma parte sólida e perfeita. Mas seus dentes se foram, um a um. E você se angustiava pensando na impressão que iria causar aos outros. Diz você que êsse sonho se repete a breves intervalos; e que, às vêzes, no meio da angústia que a assalta, vem um pensamento tranqüilizador: a certeza de que está sonhando.*

INTERPRETAÇÃO — Você é essencialmente introspectiva e reservada. Tem horror à idéia de desvendar seu próprio Eu às pessoas que a rodeiam, e, às vêzes, se aflige ao pensar que, mostrando determinadas faces de sua vida ou de sua personalidade, a diversas pessoas, em diversas circunstâncias, acabe por se desnudar moralmente, embora pouco a pouco. (As camadas em que se desfaziam seus dentes).

● SURIMÁ — (Rio)

SONHO — *Você sonhou que entrava, em companhia de um rapaz desconhecido, num vestíbulo todo revestido de ladrilhos brancos. À entrada, foi recebê-la, um homem de cabelos brancos e luminosos que lhe ofereceu um ramalhete de cravos, também brancos, amarrado com fitas da mesma côr, e lhe disse: — Aqui você terá paz.*

Transpondo uma porta, você se viu num grande salão, cujo único mobiliário consistia numa mesa redonda, de extraordinária beleza, cujos pés repousavam no dorso de um leão, cujas garras firmadas no chão eram o sustentáculo do móvel. Sôbre ela, outro ramalhete igual ao primeiro, também amarrado com fitas.

INTERPRETAÇÃO — Minha amiga, você tem uma alma cândida e capaz de gestos generosos. Entretanto, é preciso que alguém que ainda desconhece, talvez seu próprio Eu interior (o rapaz) a leve a penetrar nos intrincados caminhos de sua alma. Você acha a vida um grande deserto por onde faz uma longa viagem, sem finalidade imediata. Seu sonho é uma verdadeira Iniciação; seu despertar interior se tem dado por intermédio dos mensageiros do Além (senhor de cabelos brancos) que a levarão, mais cedo ou mais tarde ao grande salão, onde terá, realmente, paz.

A solidão do seu íntimo (vestíbulo revestido de ladrilho) foi despertada pela centelha divina (cabelos luminosos) e em seguida vislumbrou o repouso de uma vida turbilhonada por impulsos e arrebatamentos, os quais serão em boa hora dominados (leão que sustenta a mesa) pelo seu Eu superior que ainda não conseguiu libertar-se (laços de fita) das peias dos seus desejos.

Com a alma generosa que tem, será capaz de galgar um plano altamente espiritual e ser muito feliz, bastando, apenas a aceitação do seu subconsciente.

● VIOLETA — (Rio)

SONHO — *Você viajava num avião cilíndrico, de côr prateada, em companhia de um senhor já idoso. No espaço, êsse avião cruzou com outro, cuja fuselagem estava em sentido vertical, em forma de tôrre, e que, no lugar das pequenas vidraças dos dirigíveis comuns, tinha sacadas exteriores. Numa dessas sacadas estavam duas jovens: uma de extraordinária beleza, vestida de azúl e outra de côr de rosa. Sôbre esta última inclinava-se um rapaz jovem e elegante. Ao vê-los, seu companheiro de viagem lhe disse: — Ali vai você.*

INTERPRETAÇÃO — Seu sonho pode ser analisado sob dois prismas. Sob o prisma espiritualista, é uma viagem astral, em que você se defronta com sua própria imagem, projetada no futuro, como desejaria que ela realmente fôsse.

Psicanaliticamente, a interpretação talvez lhe pareça algo *shocking*, digamos, pois, logo para começar, a forma cilíndrica do avião em que você viajava é um símbolo erótico feminino. Para você, Violeta, a vida se apresenta como uma viagem insípida e sem colorido, entre velhas paisagens e velhas coisas, em que tudo, até o companheiro que acaso tenha, lhe parece destituído de beleza e de interêsse. O avião com que cruzou, vertical lembrando uma tôrre, é um símbolo fálico por demais transparente. A moça de côr de rosa representa a imagem do que você desejaria ser, em companhia do eleito do seu coração (o jovem elegante).

Você, Violeta, ainda não esqueceu um velho e grande amor. Vale a pena esquecer?...

● ROSA RUBRA — (Rio)

SONHO — *Você me conta que a mãe de suas amigas está gravemente enfêrma. Sonhou que, indo visitá-la, encontrou-a de pé e aparentemente bem disposta, embora muito pálida. Atrás dela, elevava-se uma entidade parecida com uma hárpia, cujas mãos em garra pareciam querer cravar-se na cabeça da enfêrma. Ao contar êste sonho à sua amiga, acrescentou você, ela lhe disse que a mãe, na semi-inconsciência da moléstia, tivera um acesso de furor, tentando morder a enfermeira.*

INTERPRETAÇÃO — Seu sonho, Rosa Rubra, é um caso de desdobramento psíquico. No seu desejo de ajudar a essa pessoa, cujo estado lhe parece gravíssimo, você teve, nêle, uma advertência: na hora da passagem para um outro mundo, ela vai precisar de assistência espiritual, para que dela se afastem as entidades inferiores.

JACARÉ

— Jacaré !
— Jacaré ! Jacaré... é...
— Doida suja !
— Feiticeira !
— Fiau...

E lá se ia a pobre velha, coberta de andrajos, acompanhada por molecotes da rua, malcriados, que se divertiam a torturá-la. Pobrezinha! Ninguém sabia seu verdadeiro nome. Lembro-me — eu tinha, então, uns seis anos — Jacaré era o «papão» das crianças desobedientes e, muitas vêzes, seu feio apelido fôra invocado para obrigar-me a tomar sopa, a dormir cedo, a ingerir um remédio amargo. Era só: «Jacaré, vem buscar esta menina rebelde...» Que resultado assombroso! Como eram diferentes as meninas do meu tempo! E para que quereria Jacaré tantas meninas teimosas? Ora: para fazer sabão!...

Pobre Jacaré. De sua triste história conhecia-se, apenas, o presente miserável e adivinhava-se um futuro desgraçado. E o passado? Todos o ignoravam. Hoje, a menininha que tinha mêdo de virar sabão e que, muito ao contrário, virou mãe de família, chegou a conhecer tôda a dolorosa vida de Jacaré, verdadeira «via crucis...»

Ela tivera uma filha que, ao morrer, lhe deixara um netinho. Viviam os dois na maior miséria, num quarto imundo e abafado. Toninho, — assim se chamava o garôto — já contava dois anos e era o seu grande tesouro. Para dar-lhe de comer, entretanto, Jacaré esmolava. Sim. Tentara trabalhar... Quereria alguém aquêle trapo ambulante e sujo em casa? E a criança? Se houvesse, ao menos, onde a deixar?... Mas não havia, e Jacaré esmolava.

A princípio, ia tudo bem, à custa das esmolas. Mais tarde, porém, era-lhe a mesma negada por transeuntes apressados ou desalmados galhofeiros.

Que fazer? Deixar morrer de fome o Toninho? Nunca.

A solução, a seu ver, seria única: Furtar. E Jacaré deu para furtar nos botequins, nas padarias, nas carroças ambulantes — sempre sob uma chuva de imprecações que obrigavam as mães zelosas a tapar os ouvidos das filhinhas inocentes.

Infeliz! Nenhuma palavra de confôrto. Nenhum olhar de piedade. Nenhuma solução digna para o seu caso. E a pobre ia sofrendo, sofrendo... sofrendo... Nas horas de maior angústia, uma dor aguda subia-lhe à garganta, secava-lhe a língua e entorpecia-lhe os membros. Tinha sêde, sêde tal que a água não abrandava. Quase exangue, olhos fixos, na bôca um esgar e o peito a arfar numa terrível ânsia de matar a insopitável sêde que a abrasava, a infeliz punha-se a chorar, a gemer, como que a pedir misericórdia a sêres invisíveis...

Súbito, transfigurava-se! E' que havia uma garrafinha que lhe dava alívio. Lá estava ela acenando-lhe com uma promessa de esquecimento, — ela, a querida garrafinha de cachaça! E Jacaré bebia... bebia... bebia... tentando afogar no álcool sua dor!

....

Dois anos passaram-se.

Jacaré curvava-se mais e mais ao pêso da miséria. A cara contorcida, lembrando um animal medonho, era o reflexo vivo da ruína a que a arrastara a cachaça. Nada quase tinha ainda de comum com um ser humano. Seu corpo — mísera carcaça — era mais uma trouxa comprida e estreita. E o olhar? Sim. O olhar, quase extinto, era o de uma idiota, tal a falta de movimento e expressão!

Pobre Jacaré! O álcool perturbara-lhe a alma. Não falava mais. Emitia, apenas, uns sons rouquenhos, semelhantes aos grunhidos de porcos. E continuava a beber, a furtar, a pedir esmolas.

O destino cruel zombava ainda de sua infelicidade: tocava no que tinha de mais caro, na razão de seu viver — se é que vivia! Toninho, o garôto, agonizava. A triste criança não conseguira medrar naquele lôdo, e, à míngua de luz e alimento, fenecia. Dia e noite o coitadinho delirava. Acocorada a um canto, Jacaré só via a garrafa de cachaça... Embrutecera!

Certa noite, enquanto nuvens carregadas de eletricidade prometiam um grande temporal, ouviam-se, fazendo côro com trovões ameaçadores, sons ritmados e impressionantes, tal como um zabumba, acompanhados de lamentações e preces. De vez em quando, uma voz chorosa de timbre claro deixava escapar do côro, com mais nitidez, as quadrinhas marcantes do candomblé:

«Oh! Lírio Branco!
Oh! Rei do Mar...
Segura o PONTO
Para apertar...»

Auguém penetrou no barracão condenado onde, sôbre leito enegrecido e poeirento, o Toninho ia morrendo. Tomando o doentinho nos braços, esgueirou-se, seguido de perto por Jacaré demente, e sumiu lá dentro, no «reino...» Ia em busca de mezinhas para o moribundo. Garrafadas, passes, rezas... Quem sabe?

E o côro engrossando:

«... Segura o PONTO
Para apertar...»

Acelerava-se o ritmo enlouquecedor do bombo. Baixavam os caboclos, entre fumaça de pitos, garrafas de cachaça e contorsões frenéticas dos médiuns... Angola, Congo, Loanda, circulando atàvicamente, dentro de veias entumecidas...

Umbanda em sacros rituais de feitiçaria — expansão natural de uma raça ainda virgem e desamparada, em solo estranho. Eclosão, lógica, de recalques milenários — ódio, vingança simbólica de uma raça de fortes, livres e guerreiros, contra grilhões. Era o gemido de um povo desterrado — lamento infeliz do negro...

Quem nunca viu, devia ver. Algo inesquecível! Não sòmente ver! Sentir... Ouvir... Ritmo alucinante. Bombo em fúria. E o bamboleio, a dança convulsa com desengonço, com estrebuchamentos epitiáticos... Dança de sonâmbulos, aqui; de endemoinhados, ali, de místicos, acolá. Quizomba... E o cheiro! Cheiro de outras terras, outros mundos, outras Eras... Fumo de rôlo. Cachaça. Suor. Vela acesa. Cheiro de África. Cheiro de mandinga... Pemba... E o quadro inesquecível! Centralizando a própria alucinação ambiente, uma visão dantesca: O próprio ritmo materializado! A própria encarnação do demo. O régulo... O soba daquele reino tartáreo... O Pai de Santo!... E, fazendo fundo, a caixa de rufo, percuciente, ensurdecedora...

E clamores lancinantes... Vozes masculinas clangorosas afinando-se com lamentos femininos. Promiscuidade de sons. Bailado de sons, tendo, como corifeu, a voz cava do tantã..

(Continua na pág 40)

Conto de LOURDES B. C. JIDICE

Ilustração de GIPSOM







QUANDO, pela primeira vez eu vi os seus lábios tremerem pertinho dos meus, eu enrubeci ao recordar-me daquele antigo beijo misterioso e divino enquanto eu dormia à sombra das árvores naquela clareira enigmática, e adivinhei que um outro estava diante de meus lábios, e que, agora, seria um beijo ardente e verdadeiro.

E veio. Eu ainda lhe sinto o sabor estranho e gostoso, quente como lava, e depois a triste doçura de uma saudade depositada no fundo de minhalma.

Era então aquilo, o beijo? Um beijo? E eu o escutava falar depressa, cada vez mais depressa, tôda aquela sensação se evolava, enquanto meus lábios sofriam a ardência de um desejo deixado pelos seus.

De outra vez êle me tomou as mãos e me conduziu a umas veredas no recôndito da floresta. Em volta, os raios do sol vermelho, e além, o castelo triste e solitário onde sua vida se extinguia lânguidamente.

Os tectos de ardosia e os milhares quadrados das janelas luziam sob a ardência do sol naquela tarde luminosa. De onde estávamos, parecia um castelo de ouro.

Na região lhe chamavam de "O castelo louco". A maioria ignorava o porquê dêsse nome, bem como muitos não sabiam nada sôbre os seus moradores.

Não era êle o palácio maravilhoso daqueles contos de Manoue, os quais povoaram tôda a minha infância e me embalaram de sonhos. Era melhor que um palácio: era uma coisa delicada e linda como êsses desenhos rendados que os flocos do inverno desenham nas vidraças ou à bôca dos poços.

Finas guirlandes de pedras, arabescos e milagres de arquitetura surgiam de todos os cantos, com tôrres e seteiras medievais; mas se notava a ação do tempo implacável que havia inscrito em seus muros o sinal das ruinas. Eu senti uma incontida tristeza em meu peito, ao olhar, mais de perto, a obra do tempo destruidor contra tanta beleza perdida naquelas brenhas.

Êle não me largava a mão. De súbito eu senti que êle estremecia. Começou a chorar silenciosamente, como deviam chorar os homens, sem lamentações, suspiros e soluços, um pranto quase sem lágrimas. Num impulso incontido e involuntário eu me dirigi a êle:

— Não chore! Nós faremos re-

UM PRINCIPE EM MINHA VIDA

Novela de MICHEL DAVET

mover os entulhos e arrancaremos as ervas daninhas, com as nossas mãos, ambos unidos! Pobre castelo! — Murmurei, por fim.

Enxugando seus olhos num gesto brusco, falou:

— Que venha abaixo! Que se desmorone! E' a minha prisão. Não deveria eu mesmo ajudar a destruí-lo?

E enquanto me falava assim, vi que uma velha mulher descia um lanço de escadas e vinha estender peças de roupa recém-lavadas sôbre as estátuas de pedra. Mas o sol já se escondera. Êle hesita, olha o céu e se afasta com tôda a sua tristeza.

— Vou partir, diz com voz sentida, com voz trêmula. Aniouta não gosta de ver-me fora de casa a estas horas.

Uma voz grita lá do castelo: era a mesma senhora idosa a quem eu dera, naquela noite, o meu fichu para agasalhar aquêle meu príncipe encantado que ia enfêrmo e com febre. Ela falava uma língua rude e estranha, misto de prece e de ordem, num "patois" esquisito muito diferente do nosso.

Pouco a pouco êle abandonou a minha mão. Seus olhos tristonhos me deram adeus com ar de quem pede perdão.

— E' a minha aia. Parte, agora. Ainda voltarás aqui.

Curvou-se sôbre meus dedos para beijá-los numa atitude discreta e social, como um cavalheiro que beija a mão a uma dama num salão.

Durante muito tempo eu fiquei ali a contemplar tudo o que meus olhos viam, inquieta, já envôlta na sombra da noite, sem saber que mistério envolvia aquêle castelo enigmático de habitantes mais enigmáticos ainda.

Ao regressar a minha casa, já tarde, Malique se espantou com a minha cara fechada ao olhar para êle.

Capítulo XV

Sim, depois de algum tempo, Malique se mostrava preocupado e inqueto com os meus modos. Como poderia êle adivinhar que eu tinha um segrêdo, uma felicidade que eu mantinha em silêncio, escondendo-a dêle?

Uma tarde, quando eu olhava os crepúsculo a sonhar com o meu príncipe louro, êle veio sentar-se perto a mim. Pegou-me no braço e puxou-me para perto de si.

— Bertille, venha um pouco para mim.

— Não pense nisso! Você me machuca. V a m o s ! Largue-me, Malique!

Mas êle não me largava. Seus olhos muito claros procuravam os meus.

— Bertille, há qualquer coisa com você!

— Qualquer c o i s a ? O que, então?

Malique apoiou sua fronte sôbre meu ombro sem maiores preocupações, falou:

— Eu não desejo mais do que a sua felicidade, vê-la em nossa casa, a cantar, rir, a mexer em tudo, a ordenar as coisas. Mas você sai e só volta à noite. Nossa casa é apenas uma casa morta. E eu vejo algo de misterioso em seus olhos!

— Em meus olhos?...

Êle encolhe os ombros numa atitude de quem não sabe como explicar-se.

— Sei apenas, Bertille, que você já não é mais a antiga Bertille, não mais parece com aquela Bertille de outrora.

Eu sentia naquela voz familiar os tremores de uma inquietação fraternal, dúvidas que eu antigamente não conhecia, e sobretudo, essa tristeza que seu orgulho de camponês impedia de confessar.

Eu respondi procurando fingir despreocupação:

— Bem. Vamos lá. Que é que você está a imaginar? Eu estou como sempre estive, contente, é tudo. Contente porque estamos na primavera, contente porque...

Estaquei numa reticência. Malique tornou:

— Também houve outras primaveras no passado!

De súbito eu me senti possuida de sentimentos recalcados, de mágoa íntima, de qualquer coisa que se misturava entre uma saudade indefinida e um ciume antigo que continuava escondido em meu coração, guardado no fundo de meu ser durante anos e anos; diante das palavras de Malique eu experimentei brusco prazer, uma espécie de vaidade mórbida e indefinida. Suas palavras me agradaram. Eu me senti envaidecida, exaltada, e pensei que agora poderia escolher entre os dois que me amavam, podendo fazer o mal e o bem, proporcionar a felicidade ou o desespêro. Só esta idéia me tornava blandiciosa e doce. Então lhe perguntei sem poder disfarçar os meus pensamentos íntimos ao mesmo tempo em que metia minhas mãos em sua cabeleira revolta cheia de terra:

— Malique, é verdade que você tem uma amante lá na vila?

Êle não me respondeu imediatamente. Cerrou os olhos ao contacto caricioso de minhas mãos em seus cabelos e parecia fora do mundo.

Ah! Como eu parecia má, uma coquete da cidade! Eu, que nada sabia, educada na ingenuidade em que Manoue me criara!

Ouvindo aquela pergunta indiscreta, Malique perguntou:

— Quem lhe contou semelhante história? — E abriu os olhos como quem está espantado.

— Eu sei... eu adivinho tudo.

Êle retirou os seus braços de mim e baixou a cabeça desolado.

— Uma namorada, heim? Não, eu não tenho nenhuma namorada ou amante, nem aqui, nem em qualquer outra parte. Eu teria a você, se você quisesse amar-me!

Ouvindo-lhes e s t a s palavras, senti que tôda a minha alegria se ia embora, enquanto o remorso e a lembrança do outro a quem eu amava, tomava o seu lugar em meu pensamento.

Meus lampejos de ciúmes não eram mais que carvões remexidos na cinza.

E coisa curiosa: todos os dias eu me sentia como que mais jovem. Há em nossa existência uma época em que nada mais existe do que o canto da juventude e o desejo de amar.

Cont. no próximo número)

R E S U M O   D A   P A R T E   J Á   P U B L I C A D A :

Bertille, orfã de pai e mãe, fôra criada e educada por sua velha tia Manoue, que residia em uma fazendola do sul da França. Com elas vivia Malique, outro filho adotivo de Manoue. Bertille crescera ouvindo histórias de príncipes encantados, e, uma vez, adormecendo na floresta, sentiu que alguém a beijava e fugia. Ficou impressionada e contou a Manoue e a Malique, que procuraram desvanecê-la disso. Anos depois, quando ela já estava com dezessete anos, morreu a tia. O Padre — com quem ela fizera a primeira comunhão, procurou convencer Malique de que devia casar-se com ela Mas como? Eram verdadeiros irmãos. Bertille, porém, tornou a encontrar-se com seu príncipe encantado, que morava num velho castelo dos arredores, da fazendola de Manoue. Malique notou que ela já não era a mesma; Bertille procurou esconder o seu amor, e se virou para êle com ciúmes de certa amizade que o rapaz mantinha com outra jovem.

Tradução de RENATO DE ALENCAR   **Ilustração de RAMON**





MEMÓRIAS DE UM JUIZ

Conto de JAIME DE RANVILLE

LAVRADO o decreto que me aposentava, apressei-me a despachar os últimos processos; nem muitos, nem poucos. Na comarca sonolenta e pacata, o mais trabalhoso eram demandas. Já agora, podia avançar noites a dentro; dispunha do resto da vida para descansar. Batista, o escrivão, que fôra cabo da polícia, chamava àquilo uma faxina. A comparação me desagradou; de certo modo, convertia a balança da justiça em vassoura de quartel.

Das minhas mãos, meu sucessor, quarenta e cinco anos mais moço, recebeu apenas um processo; autos de desquite: F. M. F. versus M. A. S. Demoraram-me a sentença umas sombras de esperança de reconciliação. Em tôda a minha longa vida de magistrado, nunca desfiz o nó górdio pelo juiz de paz. Mas o meu sucessor era um dr. Alexandre. Sem um fio de cabelo branco, sem uma ruga na fronte. Entreguei-lhe a vara desolado. Nas suas mãos, o sabre da justiça seria como a espada de soldado nas mãos do outro Alexandre, o macedônio; o nó insolúvel do matrimônio se romperia ao primeiro golpe.

Embarquei pesaroso para uma estação de águas.

Normalmente, seria viagem de sete horas, pela Central. Cá dentro, porém, roía-me a impressão duma jornada para sempre, como se abandonasse êste planêta em busca de outras esferas. Aposentar-se é ensaiar para morrer; o descanso do inativo não pode ser menos aborrecido e monótono que o repouso do sepulto. Meu cérebro reagia. Olhando, pela janelinha, a chuva que encharcava o vale sombrio e triste, por fôrça do hábito pensava nos autos, como se houvesse de proferir sentença.

Os companheiros, uns liam, outros cochilavam ou cochichavam. Cochilo é um sono apenas cochichado; daí uma raiz comum nessas palavras. Se o destino me não tivesse feito juiz, eu teria saído gramático e lexicógrafo. Crítico é que não; é mais fácil condenar um inocente a trinta anos de cadeia do que gabar um mau livro. Mas onde me leva a digressão? Fizeram bem aposentando-me; já não conduzo em linha reta os pensamentos; êles me saem por aí bêbados e caducos. Influência longínqua das curvas da Central.

Atrás de mim, em bancos colocados frente a frente, dois casais viajavam amuados; só de vez em quando algum dêles dizia qualquer coisa. Notei que todos liam o mesmo folheto, absortos, como se estudassem, concentrados, evitando conhecer da presença dos outros. Casais indiferentes, quem sabe; brigados, talvez. Refleti sôbre a sorte dos amôres que esfriam, da felicidade que entardece fria e chuvosa, como o vale lá fora, precedendo a noite com o drama do desquite ou a tragédia do crime.

O rápido parou numa estação sem vida. Que era? Que seria?

Um sujeito de boné veio acender a luz. Depois atravessou o vagão informando: «Barreira caída! Três horas de espera!» Era como se anunciasse as estações: «Pindamonhangaba! Guaratinguetá!» A displicência da rotina. Quantas barreiras já não teriam desmoronado em sua vida? A intriga da vida alheia! Não é por nada que se inventou o crime!

Mas ia pelo carro um pandemônio nada propício a tais filosofias. Comentários irosos em voz alterada, piadas, ironias contra uma administração secularmente inepta, evocações de outras barreiras, descarrilamentos, desastres, vítimas... Enrolei o impermeável como um travesseiro, encostei-o de encontro à janela e chamei o sono atrasado. Êle veio, perturbado com tanto barulho. Sonhei com F. M. F. versus M. A. S. As partes discutiam no tribunal. Ela, aos trinta e oito, num traje esportivo, movendo-se com graça e vivacidade, esparzindo ondas de um perfume estonteante, revolucionava o fôro íntimo do Batista, menos atento a seu trabalho de escrivão, do que às freqüentes indiscrições da cava das mangas e do decote. O marido, pouco mais velho, bastante calvo, grisalho e enrugado, franzino, feições repelentes, era, imaginem só, acusado de maus tratos e infidelidades. Às invectivas da palavrosa consorte, sorria cínico e expelia ironias. Ela foi elevando cada vez mais o tom; ganhou um agudo tal que me despertou. Acordado, continuei a ouví-la. Endireitei o corpo, esfreguei os olhos. O trem não se movia. A discussão azeda prosseguia atrás de mim. Haviam-se rompido as hostilidades, como eu pressentira; isso aqueceu-me por instantes a vaidade.

— Não sei o que você viu nesse sujeito.

— Olhos de mulher vêem diferente.

— Portanto, admite que me traí.

— Não admiti coisa nenhuma, seu idiota.

— Mas eu tenho certeza plena — interveio a outra mulher.

— Qual a certeza que não é plena? — regougou o marido. — Você sabe lá o que quer dizer pleno?

— Sei sim; pleno é cheio.

— Cheio ando eu de suas cismas.

— E os bilhetes? — gritou enérgico o primeiro.

— Que bilhetes?

— Os que tirei daquele enchimento?

(Cont. na pág. 40)

Ilustração de M. QUEIROZ

SHIKATAGANAI!

QUER O JAPÃO A TERCEIRA GUERRA MUNDIAL?

DEMAREE Bess escreveu, de Tóquio, para a grande revista "Saturday Evening Post", uma reportagem que causou sensação, mesmo àqueles que se mantêm a postos no exame da marcha do mundo, através da politica internacional. Começa o jornalista pela análise semântica da palavra japonêsa "shikataganai", e nos diz que já não é apenas o povo nipônico que a pronuncia de maneira exclamativa, mas os próprios norte-americanos, que vivem em Tóquio, também se interessam pela expressão e dizem muito apreensivos: "Shikataganai!"

Para nós, brasileiros, o "shikataganai" não tem muita repercussão; mas como também já nos vimos envolvidos nas duas grandes guerras que estalaram pelo Velho Mundo, sem nenhuma consulta prévia a êste adorável e pacifico Pindorama, é claro que também fazemos côro com nipões e ianques, e perguntamos: "Shikataganai?". Que diabo quer dizer isso? Segundo a tradução do repórter, aquêle têrmo encerra uma frase por aglutinação e que os americanos traduziram por: "What else could we do?" Em nossa lingua seria: "Que mais poderiamos fazer?" Mas a expressão idiomática não é assim tão fácil de tradução. Se é dita com um encolher de ombros, com um sorriso amarelo, pode ter outro sentido, inclusive o de sugerir uma ponte entre o Oriente e o Ocidente no mais perfeito sentido politico internacional.

Por êsse motivo, tanto americanos como japonêses se perguntam inquietos: "Que poderiamos fazer mais?" Diz Mr. Bess que ambos êsses povos têm bastantes razões para estar descontentes com as circunstâncias que os uniram tão fortemente após a segunda grande guerra. Depois de seis anos e oito meses de ocupação militar, o govêrno japonês reconquista, quase por completo, a soberania nacional. Entretanto, por outro lado, é o govêrno nipônico quem aceita a permanência de guarnições militares de terra, mar e ar no solo japonês, pelo fato de estar o pais desarmado desde sua rendição em 1945, e tornar-se fácil prêsa de qualquer agressor, antes de sua restauração militar. Se as tropas americanas saissem imediatamente, surgiria, pois, êsse perigo que os técnicos militares e os politicos julgam muito grave. Assim, é o Japão o único pais que acordou, como vencido, com uma ocupação indefinida, com o vencedor. Surge esta interrogação: "Sob o ponto de vista japonês e americano, poderia julgar-se sólido êsse estado de coisas?" Seria o atual Japão, para com os Estados Unidos, o mesmo Japão do ataque a Pearl Harbor? Qual teria sido o efeito sôbre os japonêses, dessa longa ocupação americana, e qual seria o atual estado de espirito dos nipônicos em face de sua derrota na guerra? Teriam os Estados Unidos e o Japão encontrado, finalmente, bases



Operários, estudantes e homens e mulheres do povo residentes em Tóquio, membros do PC nipônico, numa demonstração hostil aos norte-americanos. Nesse dia a polícia interveio, resultando três mortos e mais de trezentos feridos.



O General Mac Arthur, que no início da guerra não se pôde manter nos mares do Japão e que voltou da Austrália para vingar a derrota de Corrigidor, impondo aos japonêses a mais amarga capitulação da história daquele povo. Mas o vitorioso não exerceu vingança e, pelo contrário, ditou ao vencido uma Constituição liberal

sólidas para uma aliança de prazo indefinido, depois de tantas décadas de mútua desconfiança?

Conta-nos o repórter, que fôra ao Japão após a guerra, justamente para certificar-se de tudo isso e encontrar resposta a tais perguntas, agora mais fáceis de obter pelo fato de ter terminado a ocupação militar americana mais ostensiva. De setembro de 1945 até ao último mês de abril, a situação era a de conquistadores que dão ordens, e de conquistados que as recebem e acatam. O Japão reconquistou, com a assinatura do tratado de paz, a sua soberania; mas a situação entre os dois povos continua infinitamente complicada, igualmente como quando estava o repórter lá pelo Japão em 1930. E Demaree Bess, depois de conversar com americanos, japonêses, asiáticos de outras nações e com europeus residentes no Japão e conhecedores do estado de espírito que ali reina, só teve uma impressão: todo mundo está certo de que nunca foi tão séria a divergência entre japonêses e americanos. Na verdade, raciocinou o jornalista, ninguém seria capaz de admitir a hipótese de julgar que japonêses e americanos, depois de brigarem na mais feroz guerra da história do mundo, chegassem a harmonizar-se em entendimentos fraternais, como jamais o fizeram antes de tal conflito. Na apreciação do repórter, a guerra civil chinesa fêz que os Estados Unidos e o Japão apertassem mais os laços dêsses entendimentos em meio a uma confusão e desconfianças recíprocas. E' útil à segurança da América que o Japão se torne num baluarte anticomunista e bem armado. Mas essas novas concepções se chocam com as idéias de Mac Arthur, que advogava a desmilitarização para o país ocupado e vencido, sendo mesmo inscrito na Constituição de 1946 um artigo, o nono, que determinava para o país uma existência pacífica. Contudo, antes mesmo de sair de lá, o próprio general Mac Arthur já pensava de maneira diversa. A grande maioria da população nipônica, entretanto, acolheu com muito entusiasmo a política de paz interna e harmonia externa, anulando qualquer possibilidade de guerra. O motivo era simples: a última só desgraças trouxe ao povo, e, até hoje, os japonêses não compreendem a sua razão de ser. Mas a situação do mundo e, especialmente, daquela mesma região do extremo oriente mudou bastante de dois anos para cá, e os japonêses reconhecem que a guerra da Coréia, se não fôsse pela presença dos Estados Unidos, estaria hoje ameaçando o Japão, com a vitória dos comunistas do norte sôbre a Coréia do Sul.



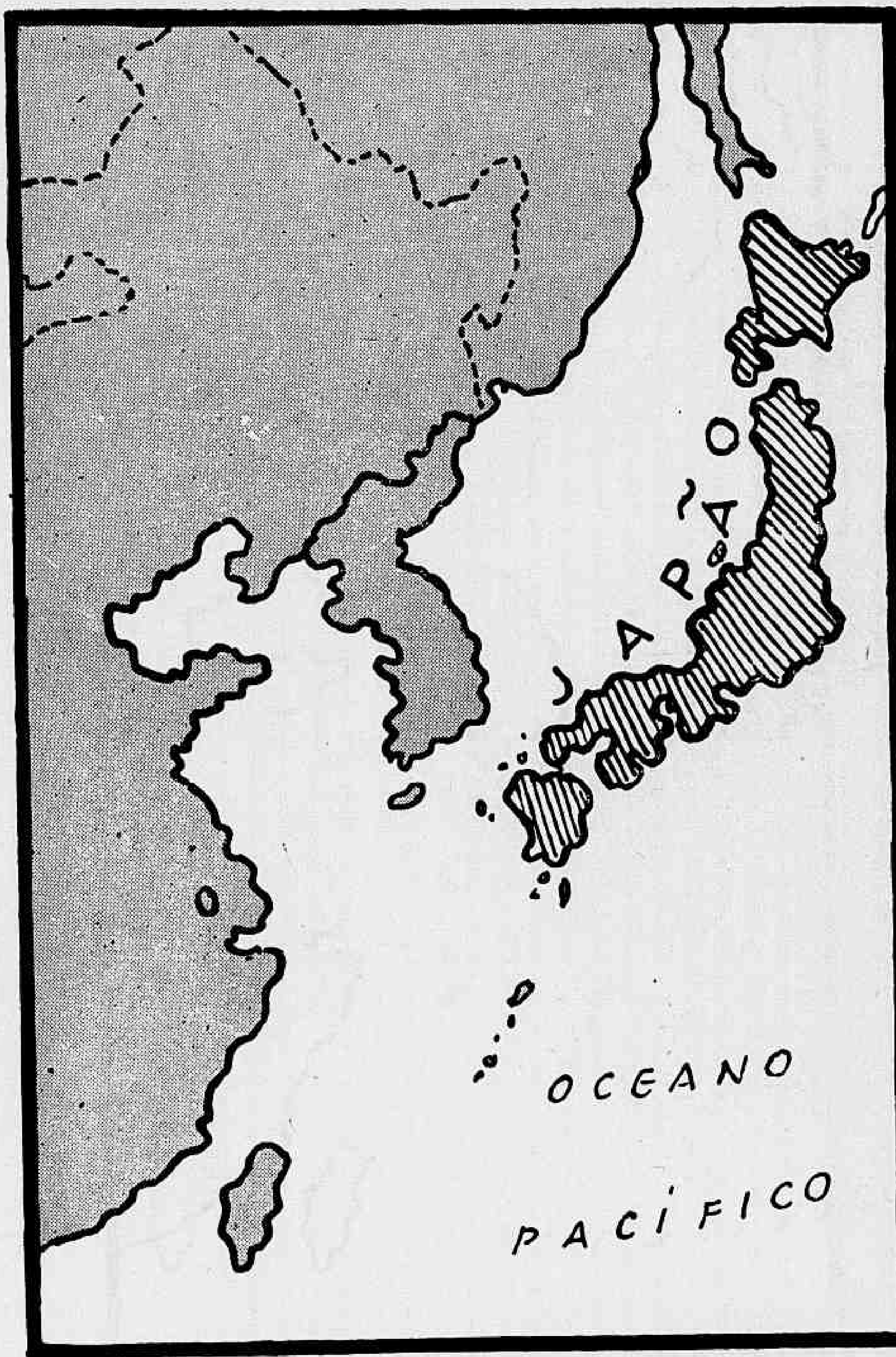
Tojo, criminoso de guerra japonês e um dos maiores responsáveis pelo traiçoeiro ataque a Pearl Harbor, diante do Tribunal Militar norte-americano que o julgou. Vejam o ríctus de seu amargo sorriso tipicamente oriental...



As agitações sociais e políticas no Japão, especialmente em suas maiores cidades, continuam a produzir choques sangrentos entre a polícia e as massas operárias. Muitas vêzes as refregas são verdadeiras batalhas, das quais resultam mortos e feridos. Vejam aqui um dêsses campos de demonstrações...

Foi também motivo de observação do repórter a surprêsa que a ocupação americana causou aos japonêses depois da derrota militar. Depois da rendição, sofrendo tôda a humilhação decorrente de um fato dêstes, os nipões esperaram o pior; mas, com surprêsa para a grande maioria, não foi tão mau o conquistador, como êles esperavam. Espírito de pesquisador, Demaree Bess entrevistou o escritor japonês sôbre a nova Constituição política de sua pátria ditada pelos vencedores, e êle respondeu que achava que a mesma deveria ser mantida, pois era "uma Constituição muito boa", apesar de os japonêses terem feito pouco, ou mesmo nada para a sua criação, acrescentou Akimoto.

O problema japonês para dentro do próprio país se mostra, pois, sob aspectos complexos e muito intrincados. Embora o espírito nacional seja muito patriótico, desejando ver sua terra emancipada, independente, soberana e dentro daquele velho *self-government* de antes da segunda grande guerra, permanecem os japonêses a temer a retirada total das fôrças e autoridades norte-americanas de seu solo, pelo fato de a situação nacional ter-se enfraquecido muito após a perda do império e diminuído sua influência e prestígio na própria Ásia, da qual era líder. Apurou, por fim, o jornalista, que a maior esperança dos dirigentes políticos japonêses está na eclosão da terceira guerra mundial, entre os Estados Unidos e a Rússia, e que o Japão deve aguardar o momento preciso para readquirir sua posição de líder asiático.



Estirando-se numa série de ilhas diante da Coréia e da Sibéria, o Japão, com cento e quarenta e quatro mil quilômetros quadrados e mais de oitenta milhões de habitantes, constitui um dos mais sérios problemas para a segurança dos Estados Unidos da América e de seus aliados Ocidentais.

Tojo, escrevendo em 1948, mais de oito meses antes do ataque vermelho à Coréia do Sul, êsse famoso chefe nipão na guerra contra os Estados Unidos declarou: "A terceira guerra mundial não poderá ser evitada, e um dos seus grandes teatros de luta será no Japão, China e Coréia". Os americanos e inglêses, que comandaram a guerra, cometeram três erros tremendos em relação ao Extremo-Oriente: *a*) destruíram o Japão, baluarte anticomunista na Ásia; *b*) permitiram a transformação da Mandchúria em base comunista, *c*) dividiram a Coréia em duas partes, provocando um conflito armado na Ásia Oriental. Tendo desarmado o Japão, ficaram os americanos obrigados a defender-lhe o povo e o solo, bem como ajudar cêrca de 80 milhões de habitantes a viver.

Mas, conforme observação do jornalista, de cujo trabalho nos servimos, lavra naquele país uma grande vontade de paz e milhões de japonêses fazem a campanha anti-americana, pedindo que êles voltem para sua terra, repetindo o "slogan" inspirado pelos comunistas: "Go home!"

Como terminará tudo isto? O mundo vai rolando pelos espaços e os homens responsáveis se mantêm ao leme das nações líderes, todos com vontade de evitar a terceira guerra mundial, que, no julgamento do velho Tojo, é inevitável e se iniciará entre a Rússia e os Estados Unidos. Que farão os japonêses? Eis a grande incógnita... Shikataganai!... — repetem êles, como um estribilho.

UMA HEROÍNA DE OITO ANOS



ROBERT Christou, de 14 anos, trabalhava na propriedade agrícola do Sr. Adam de Gramaud, e era considerado um garôto ativo e inteligente. A 2 de julho último, pelas três horas da tarde, o sol jorrando claridade e calor, o patrão lhe pediu que levasse o ancinho para um camponês da vizinhança. Christou atrelando um animal ao aparelho rural e, montando na selinha, seguiu o seu caminho para cumprir a ordem. Tôda a Haute-Vienne queimava de mormaço. O calor era sufocante, e o ar como que tremia acima dos trigais. Era a hora da sesta. Por isso o animal parecia ainda estar a cochilar na cocheira de onde Christou o retirou para aquêle serviço. Por sua vez o próprio menino não resistia às tentações de um cochilo. E então sobreveio um acidente que estêve a pique de tornar-se numa tragédia. A certa altura, ao passar a cancela, o pobre menino perdeu o equilíbrio e foi cair, justamente, no alcance dos dentes do ancinho. Largou as rédeas do animal e ficou tonto com o acontecido.

Em face daquele baque, o cavalo se assustou e disparou como que aturdido. Robert fecha os olhos. Sentia os efeitos daquelas pontas de garfo a remexer a terra e a feri-lo de tôda forma, enquanto seu corpo era rodado, massacrado, esfregado de encontro ao solo, espetado pelos ganchos do ancinho, na disparada do animal assombrado. Para êle era uma vez o mundo... Mas, foi justamente aí que se deu o imprevisto. A pequena Françoise Adam, de oito anos e mio de idade, tendo ido fechar a cancela, não vira quando se deu o acidente; entretanto, teve sua atenção despertada para o estado de espanto em que estava o animal, e, percebendo o acidente, empunhou um chicote e investiu para o cavalo que corria, procurando detê-lo. Mas o animal não lhe obedeceu e continuou. Era a morte para o pobre rapazinho. Ela não desanimou nem teve mêdo de perseguir o cavalo. Não era a primeira vez que ela via um animal tomar o freio nos dentes. E então, corajosamente, enfrentou-o e lhe vibrou algumas chicotadas no focinho ordenando-lhe que parasse. Segurou-lhe as rédeas e conseguiu detê-lo. O animal bufava, espumante, inquieto. Mas cedeu. O menino, todo machucado, sangrando em alguns pontos do corpo, procurou sair daquela armadilha. Sua blusa, suas calças estavam em farrapos. No peito havia uma chaga a sangrar, e um dos olhos estava machucado e deitando sangue. Sua emoção foi tão grande que sentiu desmaiar. Recuperando a calma disse à sua companheirinha:

— Ora bem! Foi você? — Falou, ofegante, reconhecendo a menina que lhe salvara a vida.

E ela lhe respondeu:

— Não é lá muito boa a idéia de rolar entre as grades de um ancinho sob as patas de um cavalo...

Ela estava radiante de orgulho e contentamento.

Roberto lhe beija a cabecinha...

Pois bem: algumas horas mais tarde, com igual sangue-frio e admirável coragem, tinha essa mesma criança e heroina, retirado de um bebedouro o seu pequenino irmão Paul-Louis, de dois anos e meio de idade. Salvara outra vida!

EDGARD ESTRÊLA DIZ:

Não existe congestionamento do tráfego!

EDGARD ESTRÊLA, à primeira vista, não agrada. E' necessário acompanhá-lo no trato dos assuntos atinentes à repartição que dirige, a fim de que se alcance o «porquê» de seu nervosismo. Falta-lhe tempo para cuidar da própria saúde, tamanhos os «abacaxis» que vêm ter às suas mãos. Aliás, quando o procuramos no acanhado gabinete da Diretoria do Serviço do Trânsito, êle acabara de passar pelo Hospital do Pronto Socorro, vítima que fôra de séria intoxicação. E, ao invés de guardar o leito, ali estava para atender a uma interminável fila de motoristas.

Diante do que observamos, Edgard Estrêla revelou-se, para nós, uma das raríssimas autoridades acessíveis dêste gigante adormecido. Vimo-lo receber pessoas de tôdas as condições sociais, sem carregar na importância do cargo que desempenha. Presenciamo-lo tratar com a máxima urbanidade a motoristas e trocadores. Alguns, por sinal, conhecedores de todos os matizes do baixo calão. Mas, êle conhece de sobra o terreno em que pisa. Daí, procurar o melhor trato possível com aquêles que primam pela ausência dos mais comesinhos princípios educacionais, por saber que êles precisam de melhor ambiente.

Essa autoridade dinâmica, de «tics» nervosos acentuados, vive em contínuo movimento. Distribui-se entre audiências públicas, telefonemas freqüentes e ordens ditadas pelo aparelho da R. P., acarretando dificuldades a quem pretende entrevistá-lo. E' preciso bancar a ostra para não perdê-lo de vista.

NADA COM O SENADOR...

Edgard Estrêla mostrou-se irritado quando ligamos o caso de sua exoneração ao incidente provocado pela retirada do carro do senador Melo Viana da porta do Teatro Municipal. Mas soube controlar-se. A seu ver, o fato originou-se de um mandato de segurança contra certa medida do general Lima Câmara, então à testa da chefatura de Polícia. Como represália, êste apeou-o da Diretoria do Serviço do Trânsito, através da designação do major Côrtes para tão espinhoso cargo.

Acostumado à luta, reagiu. Bateu à porta da Justiça, visando garantir os seus direitos. Por isso, quando Getúlio reconsiderou o ato injusto de seu antecessor, êle preferiu aguardar a palavra final do judiciário, fazendo ciente ao Primeiro Mandatário da Nação. A Justiça não o desiludiu, reconhecendo-lhe a vitalicidade do pôsto. A essa altura, os que afirmavam que a numerosíssima classe de profissionais do volante apreciara a atitude do general Lima Câmara, tiveram sua decepçãozinha. E' que milhares de motoristas congestionaram as dependências do Serviço de Trânsito, aguardando a solenidade da volta do Homem à repartição da Praça da Independência. Todos manifestavam contentamento com êsse retôrno que, para a maioria, constitui novo impulso à melhoria do tráfego na capital do país.

PASSEANDO, ESPERAVA...

Em sã consciência, o diretor do Serviço de Trân-

Atento a tôdas as questões atinentes ao Serviço do Trânsito, Edgard Estrêla não se prende ao gabinete da Praça da Independência. Êle vem para o meio da rua comandar e auxiliar o desafôgo de veículos.



O problema é, em parte, de espaço. Daí, os estudos que Edgard Estrêla está empreendendo para solucionar o angustioso problema do tráfego. Assim, não temos dúvida, acabar-se-á a confusão no trânsito.



Estrêla, que já mostrou que tem estrêla, pois foi convidado para voltar ao cargo que ocupara, e depois ganhou na Justiça, sua reintegração, tem longa experiência e não disse que não há congestionamento do tráfego para fazer sensacionalismo. Êle entende que a questão é de "espaço vital" e que o estacionamento, em certos pontos e os bondes noutro é que ocasionam eventuais congestionamentos. Aí está o Largo da Carioca, com o vasto estacionamento e, ao fundo, à direita do Tabuleiro da Baiana, a garganta da Rua Senador Dantas. Qual a opinião do Diretor do Trânsito a êste respeito?

O DIRETOR DO SERVIÇO DO TRÂNSITO CONSIDERA O TACÔMETRO APENAS UM APARELHO... ★ TAMBÉM DESCRÊ DA IMPORTÂNCIA DO EXAME PSICOTÉCNICO ★ JAMAIS PENSOU EM ARREFECER O ÂNIMO DAQUELES QUE TÊM O DEVER DE REPRIMIR ABUSOS ★ SEM A COOPERAÇÃO DA PREFEITURA, NADA FEITO! ★ RETIRADA DOS BONDES DO CENTRO E EXTINÇÃO DA MÃO ÚNICA NA AVENIDA

Reportagem de ARMANDO MIGUEIS

Fotos de ARNALDO VIEIRA e MILAN

sito julga ter agido sempre cem por cento em sua administração, embora a sua atividade seja de caráter repressivo.

Agarrado à lei, não transige no seu cumprimento. Mesmo em se tratando de aplicá-la contra um amigo do peito. A êsse respeito, contou-nos o veterano radialista Cid Prado, de quem Estrêla é um antigo companheiro, que solicitando, certa vez, sua benevolência para a própria irmã, êle reprovou-a categòricamente, em virtude da mesma não se encontrar em condições para dirigir. Essa maneira de seguir à risca a nossa Carta Magna, tornou-o cotadíssimo entre quantos possuem uma carteira concedida pela Diretoria do Serviço do Trânsito.

Os próprios motoristas, quando examinados por Edgard Estrêla, apregoam, com certo orgulho, seu ingresso na classe dos que dirigem. E' que sem desprestigiar os demais examinadores, êles reconhecem no nosso reportado, verdadeira autoridade em matéria de trânsito. Por isso, sua responsabilidade à testa da repartição da antiga Praça Tiradentes cresce de vulto.

Durante o tempo em que permaneceu na cêrca, Estrêla pôde observar melhor as deficiências do serviço, uma vez que estava livre das contínuas audiências, das chusmas de reclamações e dos intermináveis pedidos. Êle, como simples cidadão, deu de percorrer os principais pontos de tráfego. Por vêzes, sentia-se envolvido por dezenas de carros, perdendo minutos preciosos em se desvencilhar do trânsito denso e irritante. Porém, tal situação não lhe mexia com os nervos. Ganhava experiência e tirava conclusões, as quais, dentre em breve, entrarão em execução.

NÃO DA PARA SER JUIZ...

Abordado, por nós, a respeito de seus antecessores, preferiu silenciar. Isto, porém, não impediu que conseguíssemos sua palavra a propósito do esvaziamento de pneus. Estrêla, de imediato, assegurou-nos ser **«uma violência que a lei não per-**



A retirada dos bondes da Rua Primeiro de Março virá ao encontro dos desejos de Edgard Estrêla. Resolvido êsse "abacaxi", a Avenida Rio Branco voltará a ter, como dantes, mão e contra-mão.

muitas entrevistas que já concedeu à imprensa carioca. Houve, até, quem visse nesse gesto, uma atitude de desconsideração aos que o substituiram. Porém, quando tocamos no assunto, êle colocou o caso em seus devidos têrmos.

Não pretende, de modo algum, restituir as carteiras que foram apreendidas, sem primeiramente estudar caso por caso. Aquêles que forem justos, a cassação será mantida. Porque, não é seu pensamento arrefecer o ânimo dos homens que têm a seu cargo reprimir o abuso e preservar a vida do próximo. Tudo quanto fôr dito em contrário, será fruto de imaginações fracas. Para tanto, já baixou uma portaria criando a Comissão de Disciplina do Trânsito, à qual ficarão afetas tôdas as infrações previstas no regulamento do serviço de táxis.

Aproveitando o ensejo, indagamos-lhe que pretende fazer para extinguir a classe de trocadores e motoristas sem compostura. S. S. considerando ser o problema mais de caráter educacional do que pròpriamente repressivo, declarou-nos ter entrado em contato com os dirigentes das emprêsas de ônibus, solicitando-lhes a criação de uma escola para trocadores. Quanto aos motoristas que na hora do «rush» rejeitam passageiros, embora contando com deficiência de elementos para a repressão, promete Edgard Estrêla adotar medidas que visem o benefício coletivo.

— E quando êstes forem funcionários da própria repartição que V. S. dirige? — indagamos.

— Uma vez provada a identidade do motorista, êste será duplamente castigado, porque não se poderá admitir que uma autoridade, embora fora de serviço, seja a primeira a burlar o regulamento do serviço de táxis. Quero frisar, porém, que existem certos motoristas «malandros» que alegam a qualidade de funcionários do Departamento de Segurança Pública, sem o serem.

QUANDO A PREFEITURA ATRAPALHA. .

E' comum atirar-se ao Serviço de Trânsito a responsabilidade do congestionamento do tráfego. Nem sempre a reclamação procede. E' que a Prefeitura tem sua parcela de responsabilidade. Quer esburacando as ruas, quer impedindo que certas providências possam ser postas em prática.

A saída do major Ramiro Gonçalves, por exemplo, atribui-se a sério desentendimento entre êste e as autoridades do Departamento de Concessões da Municipalidade. Daí, a oportunidade desta declaração do atual ocupante da repartição da Praça da Independência:

— O diretor do Serviço de Trânsito que contar com a má vontade da Prefeitura não resolverá coisa alguma. E' necessário um perfeito entendimento para que se chegue a conclusão positivas. Ambos

(Cont. na pág. 10)

mite. Jamais adotaria êsse processo, uma vez que o regulamento do trânsito prevê sanções para os que o infringem».

Também considera inoperante o exame psicotécnico, medida que provocou tremenda celeuma quando de sua criação. E Estrêla explica: **«vários motoristas que obtiveram excelente nota nesse exame, são autênticos loucos... Enquanto isso, outros que foram reprovados, possuem absoluto senso de responsabilidade e se encontram em condições de dirigir. Por êsse motivo, não vejo como concordar com semelhante medida».**

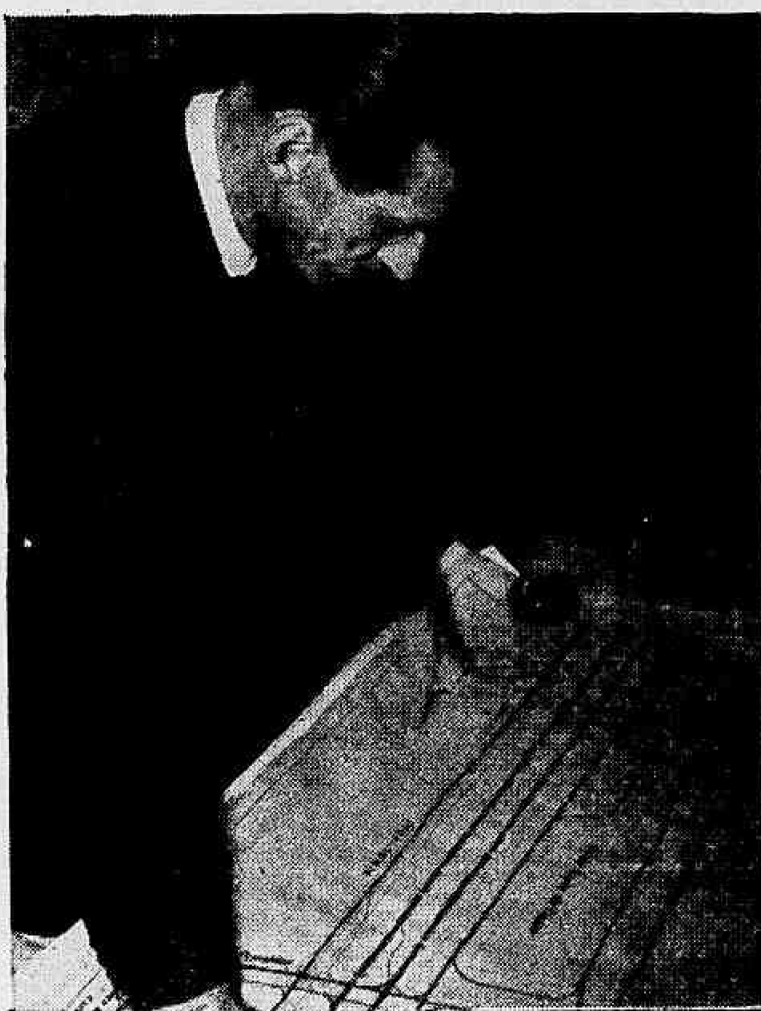
A propósito do tacômetro que, no momento, serve de assunto para uma curiosa enquête, o diretor do Serviço de Trânsito considera-o: **«um aparelho inócuo. Seu efeito é mais psicológico, sabido que não há limite de velocidade para o mesmo».**

Argumentando sôbre a sua deficiência, êle explica-nos que: **«nas ruas em que a velocidade máxima está fixada em trinta quilômetros, certos motoristas correm a sessenta, baseados na marcação do tacômetro. Além disso, torna-se facílimo paralizá-lo, utilizando uma camada de óleo em seu mecanismo. Porém, não penso em abolí-lo, salvo se aparecer um aparelho mais eficiente».**

Para melhor fiscalização, segundo palavras de Estrêla, existe o regulador de velocidade, instrumento colocado pelas fábricas de automóveis.

O CASO DAS CARTEIRAS APREENDIDAS

Falou-se muito de certa promessa feita pelo diretor do Serviço de Trânsito, quando de uma das



Estrêla estuda as novas modificações a serem introduzidas no trânsito. Para isso, foram feitos levantamentos de vários trechos da urbes carioca.



Junto ao eletricista Pinheiro, Edgard Estrêla fiscaliza o funcionamento do sinal existente na rua Santa Luzia, esquina da avenida Rio Branco, onde, existe um enorme buraco atrapalhando o trânsito.

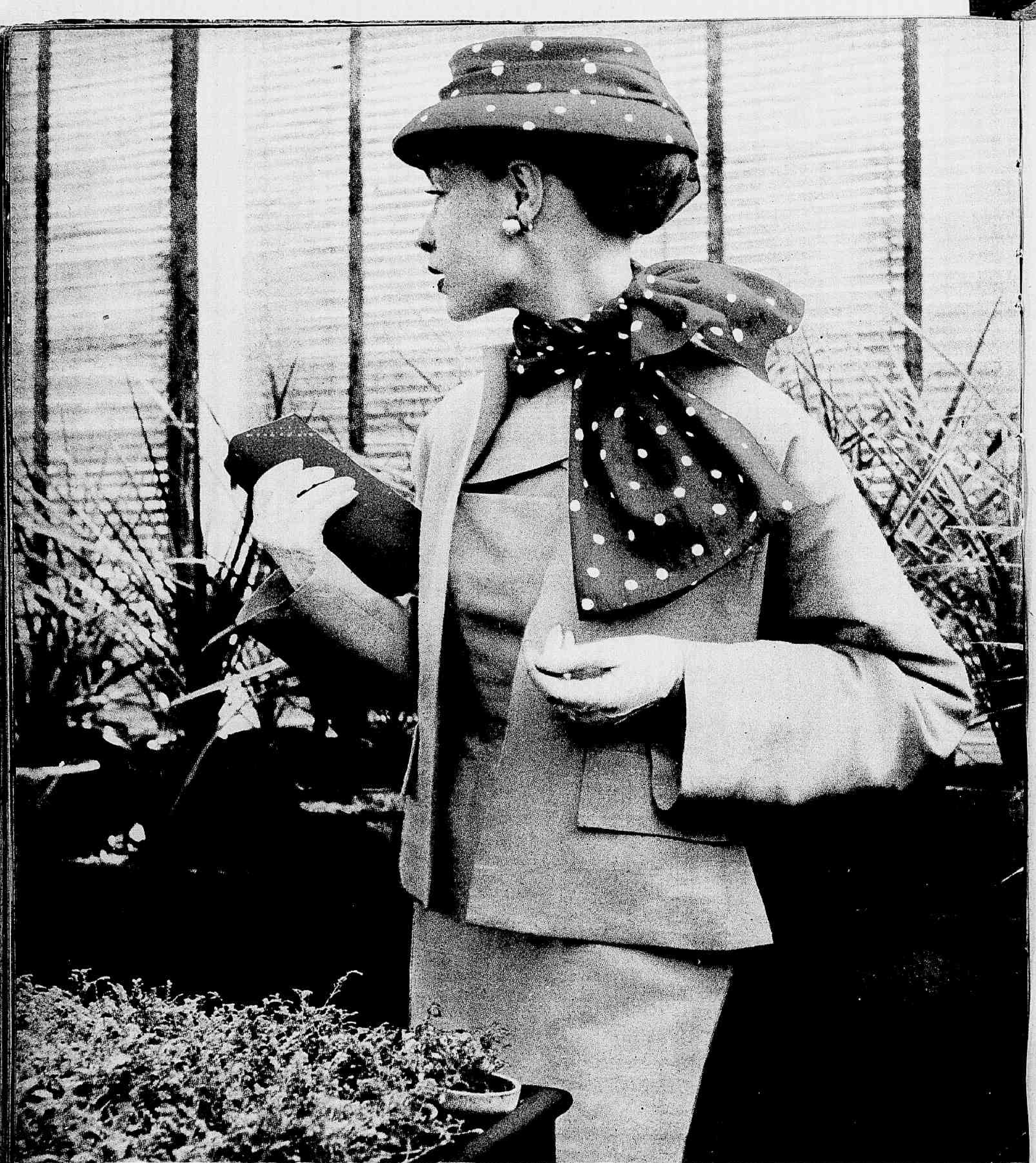




PALHA — *Criação de Jane Blanchot, em palha grossa, guarnecida com galão e gaze, em dois tons diferentes, modêlo muito elegante próprio para os dias de sol do verão.*

chapéus

FÊLTRO — *Modêlo branco de Jean Barthet, em fêltro, com fita gros-grain preta e véu também prêto amarrado no pescoço por uma fita da mesma qualidade da que adorna o chapéu.*



Lanvin — Castillo

Amarrado no pescoço com uma gravata de pois, casaquinho de shantung rosa cobre um simples vestido frente-única no mesmo tecido.

Casaquinho para

VESTIDOS COM OU SEM ALÇA



N. Ricci

Vestido em gros-grain azul-marinho com suspensórios sôbre uma banda de tecido pois, que forra o casaco.



Worth

Sob êste casaco de linhas clássicas um vestido sem alças em linho verde, com saia plissada e casaco justo.



Duas sugestões

JÓIAS — *As pedras preciosas de reflexos misteriosos, os brilhantes sem rivais, as doces e delicadas pérolas constituem tentações constantes e eternas para a mulher. A notável técnica moderna de ourivesaria permite que uma jóia como a que se vê acima seja usada tanto num colar como com efeito de broche. Os brincos têm como adôrno central um dos motivos-flor-do clips.*

EM ALGODÃO — *Em algodão côr de tabaco êste modêlo de Carven é bordado com lã angorá branca e tem a gola e as mangas em forma forradas de tecido branco igual ao do vestido, modêlo sugestivo e original.*

Semana LITERÁRIA

NOTÍCIAS DOS ESTADOS

OTÁVIO Dias Leite escreveu para "Comicio" uma crônica em que recorda Arduino Bolivar, mestre querido de nós todos, em Minas, desaparecido há pouco. E' assim:

"Morreu mestre Arduino Bolivar. A sua presença evocava o poema de Pedro Nava — "Mestre Aurélio entre as rosas". Mestre Arduino viveu entre rosas. Foi um puro; um imenso coração que jamais conheceu um inimigo. Tão puro que permaneceu monarquista e sempre recusou ser politico. Preferiu seus poetas. Viveu em companhia de Petrarca, Camões, Horácio e Virgilio. Foi amigo leal de Eduardo Prado e Afonso Arinos, formando com êles uma trindade idêntica à santissima.

Certa vez Marques Rebêlo descobriu que a casa de Arduino se assemelhava àquela do filme do "Mundo Nada se Leva". E o Mestre passou pelo mundo integrado nesta filosofia. Do mundo só levou amigos. O que, neste vale de lágrimas, é raro.

O Mestre Arduino Bolivar foi famoso pelas suas distrações e a respeito correm várias anedotas. Entre elas recordo a seguinte: — Certa vez o Mestre convidou o seu amigo Versiani Veloso para jantar. À hora marcada o convidado compareceu. Foi recebido pelo anfitrião e ficou esperando pelo repasto. O tempo foi passando e nada. Quando a fome apertou, o seu amigo reclamou:

— Arduino, penso que você se esqueceu de que sou convidado para jantar...

O Mestre deu conta de si e lembrou-se que realmente o havia convidado para o jantar, e num gesto espontâneo tirou cinco mil réis do bôlso, dizendo-lhe:

— Que diabo, me esqueci que nós já comemos. Toma êste cinco mil réis e vai jantar no "Colosso"...

★

REALIZOU-SE a primeira mostra individual de Arte fotográfica de Dreyfus Azoubel, no "hall" do Cine Teatro "Artur Azevedo", tendo discursado, à inauguração, o Prof. Nascimento Morais Filho. ★ Ambrósio Amorim expõe, atualmente, as suas aquarelas e alguns óleos, na Academia de Letras local. ★ Estêve nesta capital a poetisa Ana Amélia Queiroz Carneiro de Mendonça. ★ Os pintores Paiva, Figuerêdo e Yedo fizeram uma exposição de suas telas, em Teresina, à época do centenário dessa capital. ★ José Olavo da Silva, um dos "novos", estêve no Recife, onde entrou em contato com o grupo "Região".



EXPOSIÇÃO FOTOGRAFICA EM S. LUIS DO MARANHÃO — Durante a exposição de arte fotográfica de Dreyfus Azoubel, em S. Luis, realizada no "hall" do Teatro "Artur Azevedo", aparecem, no "cliché", ao centro, em cordial palestra, o expositor, o teatrólogo Geraldo Bento e o poeta Lago Burnett; à esquerda, vê-se o radialista Élbert Teixeira e, à direita, os escritores Antônio Luis de Oliveira e Carlos Madeira.

FORA DO PRELO

● **O MENOR ANÃO DO MUNDO** — As qualidades que se exigem dos autores de livros para a infância e a juventude, são, especialmente, simplicidade e bom-humor, vale dizer, clareza e alegria. Sabe tê-las Edi Costa Lima, conforme demonstram suas obras "Pau-Brasil" e "O macaco e o confeito", a que se vem juntar, agora, "O menor anão do mundo".

Publicado pelas Edições Melhoramentos e ilustrado por Osvaldo Storni, o volume oferece momentos de satisfação para a garotada.

● **JANJÃO QUER UM CACHORRO** — O amor das crianças normais aos bichos é reconhecido, no mundo inteiro, como prova de caráter bem formado. Pelo menos, de caráter no rumo certo. Os cães, notadamente, representam um papel muito importante no caso. E' o assunto da história de "Janjão quer um cachorro", trabalho gráfico das Edições Melhoramentos, da lavra de Inês Hogan, tradução de Mário Donato. Já em terceira edição.

● **HISTÓRIA DO BRASIL** — Educador dos mais acatados do país, Basílio de Magalhães jamais se satisfez de aproveitar material dos compêndios vulgares. Quanto êrro ainda se encontra em tais volumes, acusando, no autor, o crime de apenas copiar velhas obras, sem nenhuma evolução dos métodos de pesquisa; do descobrimento de papéis, revelações, documentos, nada conhece.

Basílio de Magalhães, porém, acompanha, com infatigável devoção, tudo quanto represente progresso indiscutível no estudo. Em conseqüência, os seus livros contêm amplos tesouros de informação, quer em forma expositiva, quer através de notas e comentários admiráveis. E' o que se nos depara na "História do Brasil", 2.ª série, para os cursos clássico e científico. Mais uma vez refulge a honestidade mental de Basílio de Magalhães, proporcionando, aos estudantes, farta messe de noções úteis, mundificadas das inverdades que, infelizmente, até hoje se acham em trabalhos dedicados a ensinar. Excelente a edição feita pela tradicional Livraria Francisco Alves.

NO MUNDO DAS LETRAS

● *UMA ATRIZ ESPIRITUOSA — Sabe-se que a atriz Kat Hepburn é uma grande leitora e sabe escolher suas leituras. Desembarcando recentemente em Marselha, entre outras coisas, disse ela aos repórteres que havia lido, durante a travessia, tôda a obra de Proust. E acrescentou:*

— Foi bom que viesse por mar. Se viesse de avião teria ganho tempo, mas teria perdido "Le Temps Perdu"...

● *JOÃO DE BARROS — O grande escritor português, tão amigo do Brasil, foi recentemente festejadíssimo em Portugal, por motivo da publicação de seu último livro de poemas. Entre outras homenagens prestadas a João de Barros, assinala-se a exposição de seus livros e a placa aposta à casa em que nasceu, em Figueira-da-Foz. Além disso, teve lugar uma sessão especial da Academia em sua honra.*

● *AS MEMÓRIAS DE PIERRE FRONDAIE — Estão sendo aguardadas com ansiedade e certa apreensão as memórias que o escritor Pierre Frondaie escreveu, contando muitos fatos e anedotas de seus contemporâneos, muitos dêles, mesmo a maioria, ainda vivos. A senhora Pierre Frondaie está com certo escrúpulo em publicar essas memórias, tanto pela irreverência com que são tratados muitos personagens ilustres, como pelo apressado com que escreveu o autor célebre a última parte dessa obra a aparecer pòstumamente.*

● *"LER" — Temos recebido regularmente o mensário português, dedicado a letras, artes e ciências, "Ler", direção de Francisco Lyon de Castro, amplamente informativo e primorosamente colaborado, tanto na parte editorial como nos artigos assinados. "Ler" trata não apenas do movimento intelectual português, mas dedica largo espaço aos acontecimentos mundiais, abrindo ainda muitas colunas para tratar de assuntos brasileiros.*

Em apresentação gráfica muito simpática e moderna, "Ler", distribuido no Brasil pela Livraria Antunes, já conta com um largo público no Rio, em São Paulo e nas outras principais cidades do Brasil, destinando-se a uma obra de aproximação do mais alto merecimento, ao mesmo tempo que nos traz em dia com as letras, as artes e as ciências em Portugal.

UM LIVRO:

"TARTUFO"

GUILHERME Figueiredo vem de editar sua tradução de "Tartufo", de Molière, que acaba de apareser em obra gráfica da Imprensa Nacional. Além de vazar o texto em tradução livre, o autor brasileiro realizou o "tour de force" que é tê-lo pôsto em versos duodecassílabos, como no original. E mais: Guilherme Figueiredo enriqueceu esta tradução com um prólogo inspirado nas petições feitas por Molière a Luís XVI, a fim de que a peça pudesse ser representada, depois que, por duas vêzes, foi interditada. Èsse prólogo é, sem dúvida, muito de estimar-se: tanto representa uma apresentação da peça e do personagem, como, além disso, junta bastante côr ao espetáculo, pois lhe acrescenta a nota antiga do prólogo clássico. Tôda a tradução é cuidada e os versos de Guilherme Figueiredo conseguiram brilhantemente o tom ousado dos de Molière: mais do que as palavras do autor, soube o tradutor conservar a essência da peça, o tom dos versos, a idéia dessa tremenda sátira cuja frescura se conservou através do tempo, provocando hilaridade e, ao mesmo tempo, fazendo meditar. Esta comédia que participa do cômico e do dramático, tendo enriquecido a galeria dos tipos humanos com a verdade e a síntese do "Tartufo", nada perdeu na nova tradução brasileira. Isso, naturalmente, se deve ao espírito de sátira do próprio tradutor, sentido combativo de seu teatro, sempre apresentando, sob a aparência humorística, a notação crítica, a fôrça panfletária. Era natural que "Tartufo" despertasse o interêsse de Guilherme Figueiredo. Primeiro, porque êle é, entre nossos autores novos o que mais se insere nas altas tradições clássicas do teatro. Segundo, porque é bem um descendente distante do mestre francês, tanto por fazer do teatro um instrumento de luta, como porque revela uma formação bem francesa, no seu humorismo, possuindo também a mesma compreensão do lado humano da arte teatral, ainda na linha molieresca. Tudo isso se patenteia nesta tradução de "Tartufo" que veio por certo enriquecer nossa literatura teatral com uma obra que vale o original e que se apresenta modestamente, possibilitando a nossos elencos representar em nossa língua essa imortal obra-prima dando-lhe, mais do que as palavras, a essência dos cinco atos de Molière.

EDMUNDO LYS

PASSATEMPO

LIDERGRAMA N.º 22

A	Audacioso	3	104	40	76	60		
B	Sem malícia, franca	1	47	138	95	102	82	41
C	Isento	66	9	33	122	115		
D	Levantar com linga	56	4	94	67	128	100	
E	Luminosa, que tem vivacidade	148	73	46	18	58	123	
F	Intensidade na pronúncia	7	106	2	142	27	81	
G	Escutada	31	52	72	59	151	121	
H	Assinale	68	145	26	51	112	10	
I	Diástase, fermento solúvel	24	5	116	12	87	71	
J	Decoroso, honesto	6	57	17	64	15	144	154
K	Inveja	14	20	54	119	129	92	152
L	Deslumbrar, tirar a vista	13	43	141	8	150		
M	Que contém ovos (fem.)	50	114	125	97			
N	Arma branca, de lâmina longa e ponteaguda	28	79	108	55	11	84	
O	Estrofe de oito versos	63	96	80	35	124	113	
P	Estância de criação de cavalos de raça	77	16	30	86	132		
Q	Raivosa	143	126	23	42	69		
R	Presta serviços	105	19	62	118	38		
S	Que causa mêdo (fem.)	133	149	90	22	70	99	
T	Detestada	109	146	131	49	74	107	
U	Cinta de madeira ao pé das paredes	34	140	153	45	29	135	
V	Incorre, recai	137	44	21	78	127	89	
W	Sentar-se à banca ou à mesa	25	103	36	65	91	117	110
X	Estendida horizontalmente	120	98	83	101	136	48	147
Y	Induz a êrro; torna cego	134	88	32	61	139	75	
Z	Veste de novo	39	93	37	53	111	85	130

B 1	F 2	■	A 3	D 4	I 5	J 6	F 7	■	L 8	■	C 9	H 10	N 11
I 12	L 13	K 14	J 15	P 16	■	J 17	E 18	R 19	K 20	V 21	S 22	Q 23	■
I 24	■	W 25	H 26	F 27	N 28	■	U 29	P 30	G 31	Y 32	C 33	U 34	O 35
■	W 36	■	Z 37	R 38	Z 39	A 40	B 41	Q 42	L 43	■	V 44	U 45	■
E 46	B 47	X 48	T 49	■	M 50	■	H 51	G 52	Z 53	■	K 54	N 55	D 56
J 57	■	E 58	G 59	A 60	Y 61	R 62	■	O 63	■	J 64	W 65	C 66	D 67
H 68	Q 69	■	S 70	I 71	■	G 72	E 73	T 74	Y 75	■	A 76	■	P 77
V 78	N 79	O 80	F 81	B 82	X 83	N 84	■	Z 85	P 86	I 87	Y 88	V 89	S 90
■	W 91	K 92	Z 93	D 94	B 95	O 96	M 97	■	X 98	■	S 99	D 100	X 101
B 102	■	W 103	A 104	R 105	F 106	T 107	■	N 108	T 109	W 110	■	Z 111	H 112
O 113	■	M 114	C 115	I 116	■	W 117	■	R 118	K 119	X 120	G 121	■	C 122
E 123	■	O 124	M 125	Q 126	V 127	D 128	K 129	Z 130	■	T 131	P 132	S 133	Y 134
■	U 135	■	X 136	■	V 137	B 138	Y 139	U 140	L 141	F 142	Q 143	J 44	H 145
■	T 146	X 147	■	E 148	S 149	L 150	G 151	K 152	U 153	J 154	Otaner - Rio		

EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra numa casa. Depois se transportam para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de baixo para cima as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras. E, no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras.

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA N. 21 — V. HUGO — OS TRABALHADORES DO MAR. — "Por tôda a parte uma divina plenitude e um intumescimento misterioso faziam adivinhar o esfôrço pânico e sagrado da seiva em ação: o que brilhava, brilhava mais, o que amava, amava melhor."

MEMÓRIAS DE UM . . .

(Cont. da pág. 26)

— Tinham data?

— Quer me enganar que...

— Pacheco, não seja besta; você sabe muito bem que Marta foi minha namorada.

— Cale essa bôca suja antes que a esborrache!

— Bem, para isso é preciso alguma fôrça e muita coragem.

— Mulher, não me faça subir o sangue à cabeça.

— Sangue ou cachaça?

— Que é isso, Pacheco! Numa mulher não se bate...

— ... nem com uma flor. O grande cavalheiro! Dom Juan de copa e cozinha.

— Largue... Está me torcendo o braço! Bruto!

Ergui-me dum salto, para intervir. Inclinei-me sôbre o grupo, que me fitou interrogativamente, surprêso.

— Perdoem-me a intromissão — comecei. Sou um velho juiz; tenho vivido muito, julgado inúmeras causas; conheço tôdas as comédias e dramas da vida, e desgraçadamente as tragédias também. Muitas desarmonias conjugais se resolveram no meu tribunal com a restauração completa da ventura do lar. Consintam que os aconselhe, para o seu bem. Quem foi feliz uma vez, por que não o será de novo?

Naqueles semblantes, uma expressão jovial, desconcertante, inconcebível, aguava a minha eloqüência; interrompi o discurso, perplexo.

Uma das moças, abafando o riso, assumiu um tom respeitoso para esclarecer-me:

— Senhor Juiz, não conhece, como pensa, tôdas as comédias da vida. Nem nós, que somos atores, todos os quatro, conhecemos tantas assim. O trem está parado há muitas horas, com prejuízo de nosso trabalho; nós temos de ensaiar.

Ainda agora me sinto mal, quando recordo aquêles instantes; tive de enxugar a testa. Cuidei tirar-me de embaraços galantemente:

— E' que representam com tal naturalidade, tão ao vivo, que lograriam ao mais esperto. Aceitem os meus cumprimentos calorosos. Quando me fôr possível, irei assistir à peça. Como se chama a comédia?

— Um Juiz Encabulado — informou ela solicita.

Houve um instante de suspensão; depois rompemos todos os cinco numa gargalhada gostosa. E' verdade que um juiz não deve dar gargalhadas; mas eu estava aposentado, não esqueçam.

JACARÉ

(Cont. da pág. 23)

Tudo girando. O «reino», a terra, os energúmenos, o bombo, a razão!...

Tudo leve, etéreo, subindo... Vazio...

Sobrando, só o ritmo. Ritmo... ritmo... ritmo... ritmo...

Loucura!

Perdurando, ritmo... ritmo quente.

Ritmo em tudo. No corpo, no sangue, ritmo... No cérebro, ritmo... Na alma, ritmo... E ritmo no chão, nas paredes, nas portas e janelas. Ritmo na alucinação... Enfim: Delírio em conjunto!!!

Ritmo, também, dentro do tempo, marcando, no relógio dos séculos, a imensa hora mística!

Depois... Madrugada! Sons guturais de lúgubres acentos. Cansaço. Retirada pressurosa dos caboclos... Corpos amarrotados, cérebros confusos. Agonia do ritmo! Derradeiras mensagens do tantã... E... o despertar, dentro da realidade!

No «reino», a realidade era: ressaca. Fora: Temporal. Relâmpagos, trovões furiosos, sacudindo montanhas, num frêmito louco de destruição. Desafio! O Verão brasileiro ao surgir com dias claros de sol ardente, estimulando à vida e ao prazer, descobre, também, o que há de dissonante no seio da humanidade... Alegria de viver é privilégio de alguns. Como em célebre cena Bíblica, há os que se sentam à mesa do rico e tomam parte no banquete e há os que, de rastros, esmolam as migalhas caídas ao chão. E a Natureza, como que arrependida de ter espalhado tanta luz, desabafa-se em tremendos temporais, tentando despertar consciências, tentando avisar: «Oh! Egoísta humanidade! São de todos vós essa relva que molho, êsses campos que enriqueço... Tomai vosso quinhão sem maldade!...»

E' a voz da Vida. A voz da verdade que marca páginas, em nossa História, com o gemido do pobre, com o lamento dos esquecidos da sorte, com a expansão natural das inferioridades, com o abandono dos miseráveis... Isso, o alicerce macabro de um país!

Essa a realidade do lado de fora do «reino», em volta do «reino», dentro do próprio «reino». Sim. Lá dentro, ressaca de macumba... E macumba? Macumba é fuga. Fuga de místicos à realidade. Tentativas de subidas ou descidas. Ou o Bem contra o Mal ou o Mal contra o Bem. Passes que descarregam... Pontos que carregam... Mezinhas! Venenos! Deus?... Preces, Diabo?... Despachos!

E Toninho? Agonizante, recebeu passes, foi rezado, tomou drogas...

De volta ao sórdido leito, estrebuchou que nem medium, e entregou a alminha a Deus. Mais um anjo que o mundo não quis!

Jacaré viu Toninho de olhos escancarados, hirto, língua pendida. Algo deslocou-se no cérebro da avó, rompendo, momentâneamente, as telas da demência: — «Sim. Toninho morto. Mas... Quem o matara?» «Novamente o caos».

E Jacaré procurava o miserável assassino em tôda parte, por baixo das esteiras esfarrapadas, em meio a um montão de trapos — onde a morte se escondera...

Súbito! Ei-lo colado à parede — o assassino! Um vulto gigantesco e disforme que surgira por cima da cama do seu Toninho; à luz bruxuleante da última candeia furtada, o vulto ia e vinha ameaçadoramente. Armando-se de um cacête ela bateu no vulto... Mas êle também se armara e avançava para ela. Desnorteada, deu uma cacetada na cama, — onde jazia morto o Toninho. Infeliz! O vulto zombava dela fazendo o mesmo. Era sua própria sombra! Gargalhadas sinistras ela ouvia, o que mais aumentava o seu furor contra o vulto que escarnecia dela... Desgraçada! Era ela quem ria!...

Durante muito tempo vagou pelas ruas a bater em tôdas as sombras que encontrava, até o dia em que a polícia resolveu recolhê-la ao Hospício. Jacaré! Produto perfeito das negligências de uma sociedade! E' louca e vive enjaulada a chicotear a própria sombra. Nos momentos de alguma calma, senta-se tristonha e chama baixinho:

— Toninho!...

NÃO EXISTE...

(Cont. da pág. 34)

os serviços se completam, por isso é que não pode existir discordância.

Tratamos, então, de saber a exatidão da notícia que assegurava a retirada dos bondes do centro da cidade. Mais uma vez Estrêla voltou a falar na Prefeitura, assegurando caber a esta repartição a iniciativa. Êle propôs semelhante medida atendendo ao número elevado de automóveis e ônibus que trafegam na Capital da República e a morosidade dos transportes coletivos da Light. Porém, não quer dizer que os bondes fiquem muito distanciados do centro da cidade. Sua idéia é trazê-los até a Praça da

(Cont. na pág. 52)

MAIS UMA VEZ NO CINEMA

QUO VADIS

DE ENRICO GUAZZONI A MERVYN LE ROY ★ DAS 45 MIL LIBRAS GASTAS PELA "CINES" EM 1913, AOS OITO MILHÕES EMPREGADOS 38 ANOS DEPOIS ★ DE COMO TANTO HOLLYWOOD COMO A ITALIA GANHARAM COM A REALIZAÇÃO DO FILME NOS ESTUDIOS ROMANOS

De LUIZ ALIPIO DE BARROS

(Fotos M. G. M.)

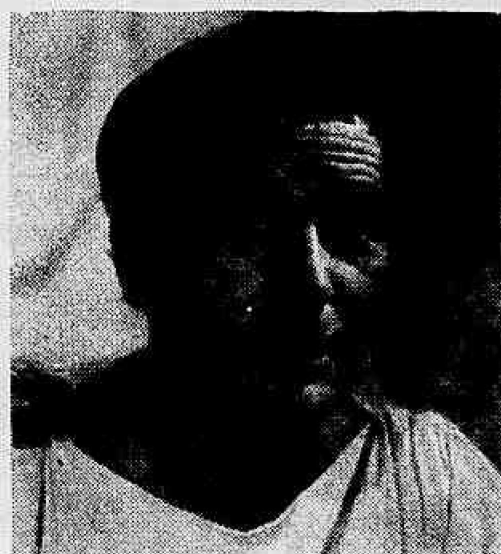




ROBERT TAYLOR
Marcos Vinício



DEBORAH KERR
Lígia



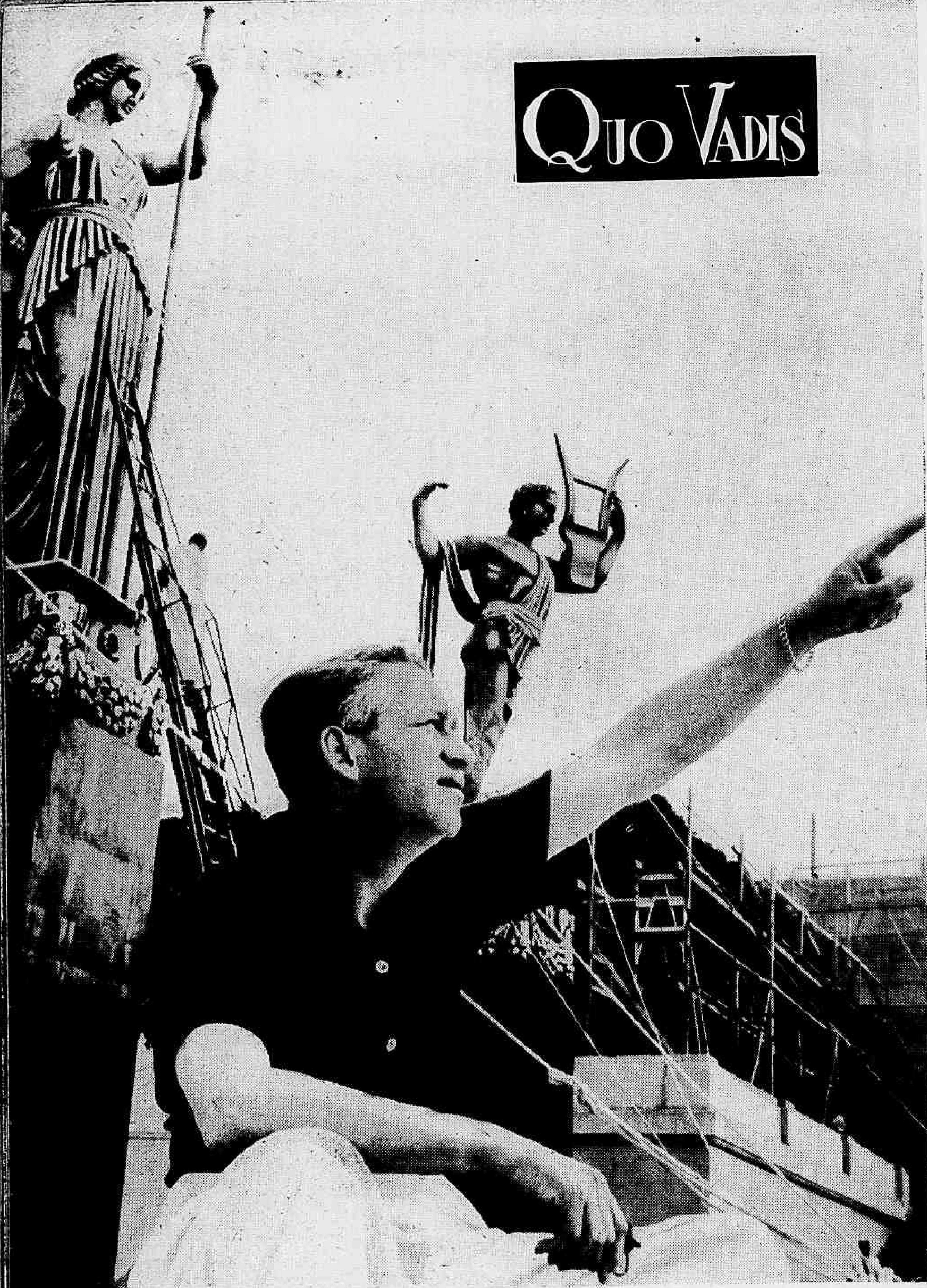
LEO GENN
Petrônio



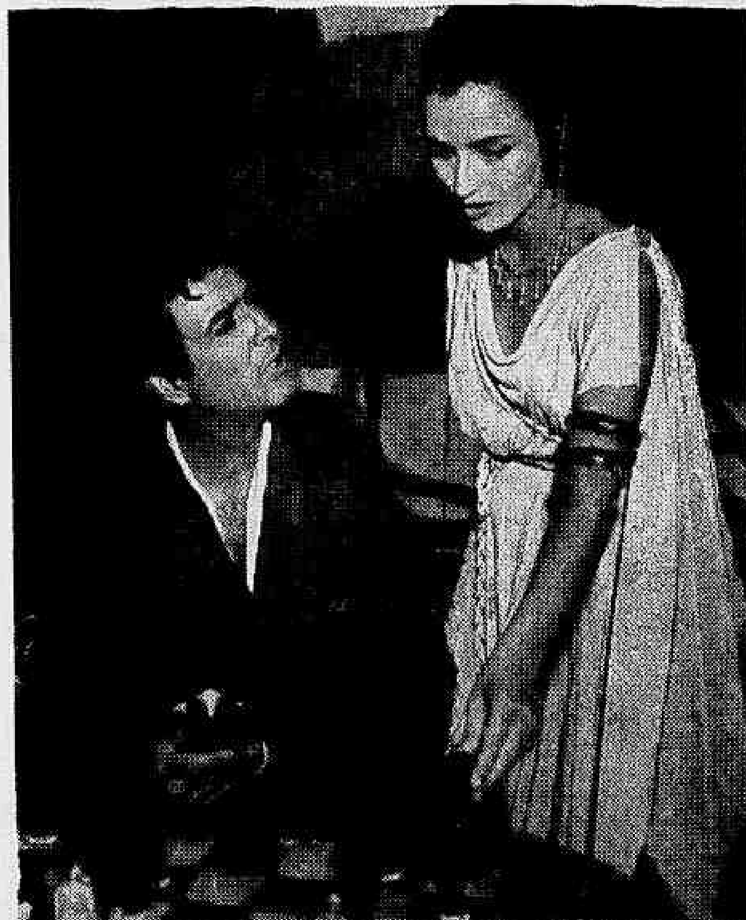
PATRICIA LAFFAN
Popéa

SEGUE

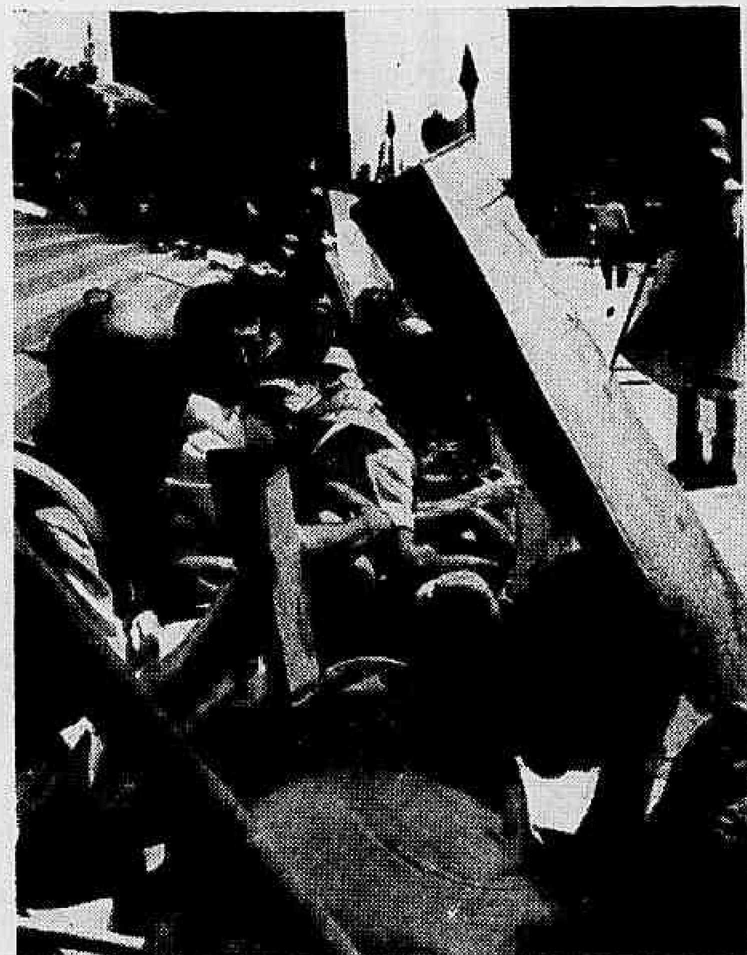
QUO VADIS



MERVYN LE ROY, o conhecido diretor de Hollywood, dirigiu o último "Quo Vadis" com a espetaculosidade dos dois italianos anteriores. Na foto, Le Roy orienta os trabalhos de cenografia nos estúdios da "Cinecittà". Le Roy realizou em Holllywood filmes importantes como "Little Caesar" e "O Fugitivo"...



EM UM DOS INTERVALOS de filmagem em "Cinecittà", Robert Taylor conversa com Marina Berti, que no filme interpreta a escrava Eunice. Marina é uma das mais belas atrizes da península.



EM UM DOS "SETS" de "Cinecittà", em Roma, extras italianos descansam em um dos intervalos de filmagem de "Quo Vadis". Observem o relógio no pulso do extra que aparece em primeiro plano...

ANO DE 1913. O cinema italiano tinha já passado a fase de grandes lutas mas ainda de indecisões dos seus primeiros dias. Alberini, Arturo Ambrosio, Carlo Rossi, Ottolenghi, os irmãos Tronconome, Luca Comerio, Ernesto Maria Pasqualli e alguns outros pioneiros tinham sido os responsáveis pelos primeiros passos do cinema italiano, com a fundação de suas companhias produtoras e a realização dos seus filmes. Alberini, viu o seu modesto estúdio de Via Veio transformar-se, em 1906, na mais poderosa sociedade cinematográfica de então na Itália, a marca «Cines»; Ambrosio, por sua vez, comerciante de instrumentos de ótica e fotografia, desenvolvia a «Ambosio Films», companhia de grande poder econômico também.

E dentro das primeiras tentativas, na sua luta por um lugar ao sol na competência cinematográfica de então, o cinema italiano, que recebia a influência do cinema francês com suas tendências para a literatura e para o teatro («Film D'Art»), descobriu uma fórmula que iria projetá-lo além das fronteiras da península, extasiando ao público de todo o mundo com a espetaculosidade cênica das suas **reconstituições históricas**. «Quo Vadis?» e «Cabiria» iriam tornar-se, se não uma contribuição ao sentido verdadeiro da arte cinematográfica pelo menos uma séria influência — já que o grande público aceitou gloriosamente a fórmula — nos domínios comerciais do novo espetáculo.

Em 1905 Alberini, realiza, no estúdio de Via Veio, «La presa di Roma», ambiciosa tentativa de grande espetáculo, com grande número de figurantes. O filme reconstituia, em sete quadros e duzentos e cinqüenta metros, as jornadas de setembro de 1870, que determinaram a unidade italiana. «La presa di Roma» seria a primeira experiência da nova fórmula.

Ambrosio, em fins de 1908, anunciava a **película mais sensacional da época** — «Os últimos dias de Pompéia. O filme, extraído do famoso romance de Bulwer Lytton, foi interpretado por Lyda de Roberti, fotografado por Giovanni Vitrotti e foi lançado numa cópia de 370 metros. Mário Caserini, por sua vez, fêz para a «Cines», em 1908, uma evocação da Roma antiga em «Catilina» (276 metros) e em 1909 buscou as jornadas do «Risorgimento» em «Anita Garibaldi», espécie de biografia heróica da brasileira Anita Ribeiro, espôsa de Giuseppe Garibaldi.

Mas foi em 1913, com «Quo Vadis?», de Enrico Guazzoni, que a fórmula encontrou a fôrça necessária para estabelecer a base sólida de um ciclo que iria afirmar-se furiosamente nos complexos terrenos do comércio cinematográfico. Por um longo período as **reconstituições históricas** iriam dominar, até o esgotamento, a indústria fílmica italiana. Se «Quo Vadis?» era o princípio de uma época faustuosa, «Cabiria», realizado um ano depois, em 1914, por Pastrone, com uma história cinematográfica escrita por Gabriel D'Annunzio, seria a consagração mundial do gênero.

ENRICO GUAZZONI. Foi o mais assíduo cultivador das **reconstituições cinematográficas**, onde alcançou os seus mais rotundos triunfos. Guazzoni havia sido pintor, e segundo os seus inimigos mais violentos, refugiara-se no cinema por ter fracassado na pintura. De formação artística «eminentemente clássica», como diz o historiador Fernandez Cuenca, «êste classicismo ia servir perfeitamente a Guazzoni, ao apresentar seus vastos afrescos da história romana».

A obra mais importante de Guazzoni se desenvolve nos estúdios da «Cines», companhia para quem realiza em 1909, «Bruto», em 1910, «Maccabei», e em



TAMBÉM NUM INTERVALO de filmagem a atriz cinematográfica Deborah Kerr (Lígia) conversa com um negro que faz no "Quo Vadis" um escravo núbio. Cuidado na seleção de tipos humanos.



MIKLOS ROZSA dá os últimos retoques na "Dança Assíria", um dos momentos da partitura musical do filme. Ao lado: três gigantes, em pé, Buddy Baer (à esquerda), "boxeur" que vive o papel de Brutus.

1911, «Agripina», «Jerusalém Libertada», e «S. Francisco de Assis». A mais importante destas obras foi sem dúvida «Jerusalém Libertada», tema heróico, segundo os versos de Torquato Tasso. Guazzoni, seis anos mais tarde, faria uma nova versão do filme. Em 1912 o realizador completa uma obra muito mais importante do que as anteriores, «Marco Antônio e Cleópatra», e aí sua personalidade se consolida. «Com um justo conceito do ritmo e da criação do clima dramático», diz Cuenca, «Guazzoni servia-se dos grandes movimentos de massas e das ações secundárias, destacadas como principais em um jôgo de violência expressiva». Com «Marco Antônio e Cleópatra» Guazzoni havia demonstrado sua capacidade para abordar temas mais ambiosos. E em princípios de 1913 o realizador alcançaria o maior dos seus triunfos com «Quo Vadis?», a primeira produção italiana de ampla repercussão internacional. O filme alcançou um êxito «sem precedentes», como afirmou o historiador norte-americano Terry Ramsaye. Outro historiador e crítico «yankee» Lewis Jacobs, escreveu que sòmente no Teatro Astor, de N. York, uma das casas de espetáculos mais categorizadas da Broadway, o filme foi projetado ininterruptamente desde abril até dezembro de 1913, a um dólar e meio a entrada, quando o preço usual dos melhores cinemas era de cinqüenta centavos, ao mesmo tempo que vinte e dois circuitos especiais repetiam o êxito da pelícuia em todo o território dos Estados Unidos e no Canadá. «Quo Vadis?» foi bem acolhido em tôda a parte. Fernandez Cuenca cita que o jornal «O Globo», de Madrid, escreveu na época que «a multidão faz fila na Zarzuela para ver «Quo Vadis?».

O PRIMEIRO «QUO VADIS?». O filme veio fortalecer ainda mais a notável situação econômica da «Cines», companhia que possuia, na época, os melhores estúdios do país, e era capaz de lançar ao público em apenas oito dias «um drama, uma comédia, duas fitas cômicas curtas e dois filmes naturais». Havia muita confiança em Guazzoni, na «Cines». Os seus acertos anteriores não permitiam mais dúvidas quanto à capacidade do realizador. Guazzoni sabia disso, e pensava em realizações mais amplas. Daí ter procurado assunto para seu filme mais famoso na novela do polaco Henryk Sienkiewicz, um autêntico sucesso perante o grande público, já que o livro era uma apaixonante evocação literária dos primeiros tempos do Cristianismo, tendo por cenário a Roma da época de Nero, da faustuosidade imperial, das bacanais e dos massacres dos cristãos nas arenas.

O filme, depois de pronto, teve uma metragem que lhe dava duas horas e meia de projeção, e custou 45 mil libras, cifra elevada para a baratez da produção italiana de então. A cenografia do filme — com «décors» enormes reconstituindo aspectos da antiga Roma — foi feita pelo valenciano Enrique Santos. Os leões foram alugados no Jardim Zoológico de Roma e uma notável quantidade de «extras» tomou parte no filme sem receber nada, apenas pelo prazer de trabalhar perante as cameras. Gustavo Serena, já então galã assíduo das películas de Francesca Bertini, interpretou Petrônio, o poeta e árbitro da elegância; Amleto Novelli, o Marco Vinício; Lea Giunchi, a Lígia; Mário Castellani, impressionantemente forte, interpretou Ursus, escravo de Lígia; Carlo Cattaneo, foi o Nero, e Lia Orlandi, a Popéia, mulher de Nero. Mas, segundo todos os historiadores, o personagem mais importante na obra de Guazzoni era a multidão, uma multidão que se movimentava na tela orientada por mão de





CENA REPRESENTANDO uma bacanal dos tempos de Nero. Naturalmente que o código de censura do cinema norte-americano não permite, nesta situação, uma reprodução mais crua e mais realista de uma bacanal romana. Os romanos do cinema norte-americano têm que ser mais comportados...



PETER USTINOV, que representa o papel de Nero, famoso ator, diretor e escritor do cinema britânico.

mestre, por um condutor experimentado que sabia tirar partido dramático e espetaculosidade da massa humana.

O «QUO VADIS?» DE 1923. O cinema italiano tentou outra edição ambiciosa da história usada com êxito por Guazzoni. Encarregou-se da realização do filme, no ano de 1923, o alemão George Jacoby, que foi buscar o grande ator Emil Jannings, na Alemanha, para interpretar a figura de Nero. Os gastos foram elevadíssimos, mas os resultados, artísticos e comerciais, foram pouco convincentes. O ciclo das **reconstituições históricas**, com aquêle impressionante aparato cênico do cinema italiano, chegava ao ocaso. O público saturara-se dos Marco Antônio, Cleópatra, Messalina, Agripina, César, Bruto, Nero, de todos os heróis e vilões da história romana. A época era dos dramalhões sentimentais da Bertini, da Menichelli e da Hesperia, com seus suspiros impressionantes, seus olhares lânguidos, seus beijos complicados e mortes quilométricas. O «Quo Vadis?», de Jacoby e «Os últimos dias de Pompéia», realizado três anos mais tarde por Anleto Palermi e Carmine Gallone, foram os últimos estertores de um gênero esgotado. Algum tempo depois o cinema italiano iniciava a sua fase mais trágica — a fase do fascismo, apesar de Mussolini ter oferecido grandes oportunidades técnicas e econômicas à indústria. Mas nem só de dinheiro e técnica vive o cinema; é preciso também que exista inteligência, bom-gôsto e liberdade de pensamento. E o cinema fascista italiano foi um cinema amorfo, inexpressivo.

TRINTA E TANTOS ANOS DEPOIS. Chegaram os norte-americanos. A indústria poderosa, o dólar, a ilimitada capacidade técnica e econômica. O tema estava dormindo no pensamento dos produtores, apesar de se encontrar sempre presente nas livrarias de todo o mundo, em tôdas as línguas. O romance de Sienkiewicz era um tema pesado para se filmar, exigia uma produção acima do normal, com um dispêndio maior de capital. Até que a Metro Goldwyn Mayer pensou mais detalhadamente no problema, e encontrou uma solução satisfatória. A Metro tinha na Itália uma grande soma de dinheiro, e de acôrdo com as exigências das leis italianas era-lhe difícil transferir o dinheiro para os Estados Unidos. Daí a solução: realizar o filme na Itália, nos estúdios italianos, com material italiano. Apenas alguns atores, o diretor, a produção, película em côres, alguns técnicos seriam norte-americanos, ou, no caso dos atores, também inglêses. E o filme foi feito, sem preocupação de gastos. Incluindo a publicidade (lançamento espetacular nos Estados Unidos, convenções, etc.) o filme, segundo anunciam os porta-vozes da Metro, ficou em quase 8 milhões de dólares. Mas a verdade é que, seguindo as pegadas de «Sansão e Dalila», de DeMille e «David e Betsabá», de Henry King, o «Quo Vadis?» moderno parece que anda já com lucros na sua contabilidade.

A ROMA ANTIGA EM TECNICOLOR. O «Quo Vadis?» moderno, como o primeiro, foi produzido com características espetaculares. Criou-se uma verdadeira onda publicitária em tôrno da produção, e justamente por ter sido realizado pelos norte-americanos fora dos Estados Unidos a onda cresceu mais ainda. Durante meses e meses atores, técnicos e especialistas atravessaram o Atlântico e durante meses e meses Roma transformou-se em quartel-general de uma expedição cinematográfica americana. Os estúdios magníficos de «Cinecitta» foram alugados, e nos seus palcos e pátios e arredores característicos de Roma as cameras, as gruas, os refletores, os microfones e todo o complicado ma-

MOMENTO do grande incêndio de Roma, preparado por Nero. Na foto: o ator Robert Taylor (Marco Vinício) com uma garotinha nos braços. Cenas de grande espetaculosidade e agitação.



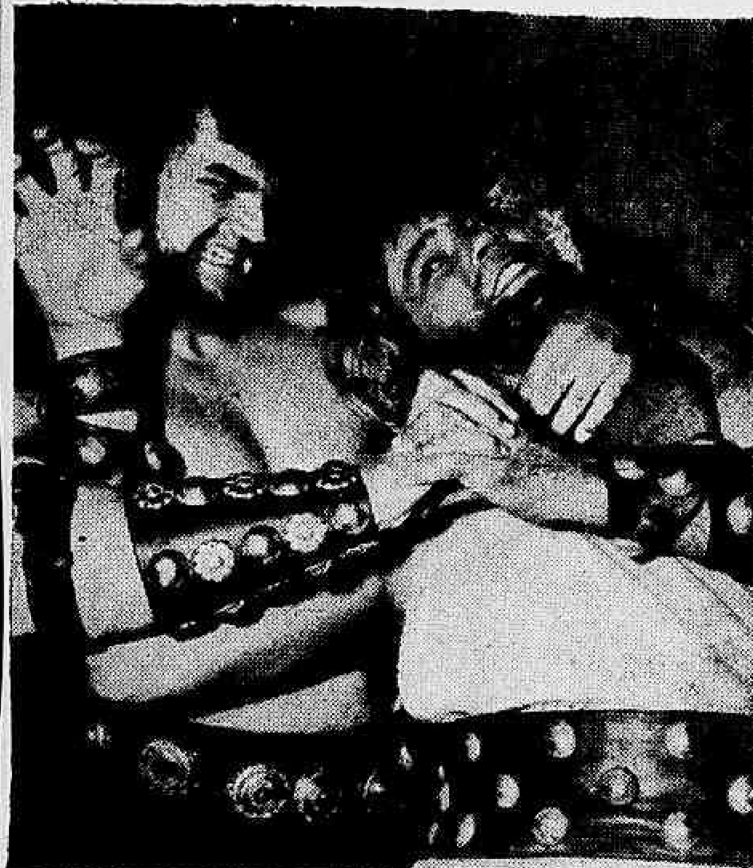
terial de filmagem estiveram em função vigorosa. Foi um grande negócio para Hollywood e para a Itália. Hollywood (a Metro) porque resolveu um problema de transferência de moeda, e a Itália porque viu milhões de liras serem distribuidas pelo país, a emprêsas, técnicos, atores nacionais e sobretudo por uma verdadeira multidão de «extras» (30 mil), pequenos felizes beneficiários de um negócio monumental. A produção, tôda rodada pelo processo tecnicolor, pertence hoje à lista das mais caras já realizadas pelo cinema em todos os tempos.

MERVYN LE ROY. Quando a Metro iniciou os preparativos para a filmagem de «Quo Vadis?», chegou a convidar para dirigir o filme o magnífico John Huston. Certa publicidade foi mesmo feita em tôrno do acontecimento. Mas parece que Huston não entrou em acôrdo com relação à realização do filme. Então, a Metro passou tôda a responsabilidade diretiva da película ao diretor Mervyn Le Roy (com a produção de Sam Zimbalist. Le Roy é um nome tradicional do cinema norte-americano. Naturalmente, êle é um diretor com altos e baixos na sua carreira, mas há na sua lista de filmes alguns títulos de primeira qualidade, como «Little Caesar», «I'm a Fugitive from a Chain Gang» ou «They Won't Forget».

ROBERT TAYLOR ENCABEÇA A LISTA DE ATORES. Na enorme lista de atores de «Quo Vadis?» Robert Taylor, de acôrdo com os interêsses publicitários, aparece em primeiro plano. Interpreta êle o guerreiro romano Marco Vinício, que se apaixona pela cristã Ligia e se converte ao Cristianismo; Ligia é interpretada pela belíssima inglesinha Deborah Kerr; outro ator britânico, Peter Ustinov (escritor, ator e diretor), vive o incompreensível Nero; Petrônio, o árbitro da elegância, é vivido por outro inglês, Leo Genn; Popéa, a mulher de Nero, pela inglêsa Patricia Laffan; a linda italiana Marina Berti vive a figura da escrava Eunice; o ex-boxeur Buddy Baer, a figura grandalhona de Ursus, escravo e defensor de Ligia. No numeroso elenco vamos encontrar ainda: Finlay Currie (São Pedro), Rosalie Crutchley (Acte), Abraham Sofaer (São Paulo) e Peter Miles.

MÚSICA A CARÁTER. A música do moderno «Quo Vadis?», que está fazendo grande sucesso na sua edição comercial em discos, foi composta por um compositor famoso de Hollywodd, o húngaro dr. Miklos Rozsa, que contou com a colaboração, nas letras das canções, de Hug Gray. Para compor as canções que lembrar as canções de dois mil anos atrás, Rozsa e Gray dizem ter feito investigações na história grega, a qual regista algumas das melodias cantadas naquela época, e as que indubitàvelmente influiram no estilo da música romana. Afirmam os compositores que grande parte da música era de ordem litúrgica, com hinos entoados em louvor a Júpiter, Marte e outros deuses pagãos.

(Cont. na pg. 52)



LUTA VIOLENTA entre Brutus (Buddy Baer) e outro gigante, interpretado por Arthur Walge.



ASSASSINATO de Nero (P. Ustinov) por Acte, (R. Crutchley) amante de Nero desbancada por Popéa.



EMOCIONANTE LUTA entre Brutus (B. Baer) e um touro manso. Brutus luta para salvar a vida de Ligia.

CONVERSA DE MULHER

CENA DE BAR



O piano suave ia ligando os freqüentadores provenientes de diferentes pontos do mundo, pela magia das melodias do país de cada um, de todos conhecidas. E em pouco, naquele ambiente cosmopolita, em que os brasileiros constituíam minoria, todos confraternizavam, cantarolando em conjunto as canções de maior **appeal** e dirigindo sorrisos de umas mesas para outras aos representantes da nacionalidade da composição, destacados pela camaradagem generalizada como homenageados do momento. Esparsos, dois ou três casais jovens de namorados conseguiam isolar-se semi-enlaçados, silenciosos e estáticos, como pares estatuários ali postos para acrescentar mais uma nota característica ao conjunto.

● Em alguns grupos, apesar da música, a conversa prosseguia macia, quase sem elevações.

— E' um "sous, sous, sous-Domergue" — fêz-se ouvir em dado instante a voz um tanto gutural de Michel Simon, mais esforçada do que habitualmente no tom de indignação, referindo-se ao grande retrato de mulherzinha que é o único quadro nas paredes de madeira clara, recortadas em alguns pontos sôbre aquários quadrados.

— Deixe disso, meu velho — objetou Barreto Leite Filho, com um brilho malicioso no olhar faiscante por trás dos óculos, largando o vozeirão gaúcho que lhe é tão difícil conter. — E' um autêntico. E você sabe que para pintar tão mal assim só mesmo o próprio.

● O pianista tcheco, sob aplausos discretos, ergueu-se, cumprimentou agradecendo e se retirou, para uma pausa de repouso no repertório de cêrca de uma centena de peças que sabe de cor e oferece à escolha rápida do público. Substituiu-o logo um excelente tocador de violão do norte, xará do mais rixento jogador de futebol brasileiro.

● O jovem inglês absolutamente "gentleman" que tinha parte na direção do estabelecimento veio cumprimentar-nos em nossa mesa, informando que a cozinha poderia preparar tais e tais pratos saborosos e ligeiros, se o desejássemos, e que quanto a bebidas o estabelecimento não temia qualquer pedido.

— Um Pernod.

— Um Dubonnet.

— Um Calvados.

As solicitações foram rápidas, num jôgo de associação dos que a fizeram com o intuito malévolo de desmentir a segurança do proprietário. O "garçon", entretanto, que ouvia a oferta e percebia a perfídia dos fregueses, apesar de um sutil ar aflito, acabou atendendo a todos.

● Um escocês desinibido acompanhava então o violonista num samba de Noel Rosa. A mocinha perguntou:

— Êsses peixinhos vermelhinhos tão bonitinhos podem ter filhotes aí nesses aquários cheios de plantinhas?

E o rapaz, apontando os bichinhos que, tomando ar na superfície, se refletiam no espelho formado:

— Qual, você não vê que são narcisistas? — **ISOLETTE**

TUDO ISTO



INDECISA — Qual dêles escolher? E Tilda Thamar, estrêla argentina, que está brilhando em Paris e cuja foto não dá uma idéia exata do seu onduloso e estonteante jeito de agradar e de fazer fãs, ficou indecisa. Dior, o famoso Dior, cuja imaginação produz vestidos, perfumes e jóias de enlouquecer a gente, Dior apresentou para o lindo colo de Tilda, que poderia bem entrar na competição Zsa Zsa Gabor — Corinne Calvet, Jane Russell... êste manequim constelado de colares. Que escolher? Coral rodeado de ouro? Negras pedras a contrastar com a alvura de seu colo? Cintilantes pedras alvas, que cairiam sôbre o elegante busto como corações simbólicos? Tilda pensa. E se a leitora resolvesse por ela?

OSSOS DO OFÍCIO — Ler sua revista, bem descansado, num recanto confortável, gostar do que é sensacional, apreciar o que é bom... O coisas boas. E a gente nem se lembra dos apuros e das dificuldades com que lutam os que procuram servir ao público sempre e sempre o melhor para distração de seu espírito, ou informação à sua curiosidade exigente. E aqui vemos, em Nova York, o jovem estudante David Labouncey, indignado, querendo quebrar a máquina do fotógrafo? E' que no quarto de David fôra encontrado morto um seu colega e as marcas digitais eram dêste furioso moço, um assassino, esbravejando contra a audácia do repórter-fotógrafo, **um bandido**, segundo êle...

ACONTECEU



INACREDITÁVEL! — Nos Estados Unidos, paraíso das crianças, onde estas recebem todos os cuidados, e a educação da infância e a dos pais é um dos orgulhos do povo, lavra a indignação contra o incrível procedimento dos pais dêste garôto de 9 anos, Charles Utter, o pequenino mártir. Seus odiosos pais, que mais pareceriam monstros, diàriamente o prendiam com pesadíssimas correntes. Charles era a vítima de um drama tremendo. O pai, de 68 anos, casara-se com uma mulher de 30 primaveras... Ambos, interrogados pelo juiz de Camdem, em New Jersey, recusaram-se explicar os motivos da maldade. Um mundo de suposições e de hipóteses enche as imaginações. E a base de tôdas as interpretações repousa naquela diferença de idade. Que houve? Que teria havido? E os mais complexos complexos surgem nos mais simples comentários...



ROTINA DE BELEZA

NÃO HÁ BELEZA SEM SAÚDE



● A NECESSIDADE DE UM EXAME MÉDICO REGULAR

Tôdas as mulheres antes dos quarenta anos devem se fazer examinar por um médico uma vez por ano. Depois dos quarenta anos, duas vêzes por ano. De um modo geral, êsse exame consiste em: exame do coração e dos pulmões, da cabeça, do pescoço e extremidades, dos olhos, língua, nariz e garganta, além de exames abdominais. A pressão deve ser tomada. Além disso, devem ser feitos os seguintes exames de laboratório: contagem de glóbulos do sangue, electrocardiograma, teste de metabolismo basal, radiografics, colheita de secreções para exame.

● PODEM ÊSSES EXAMES PROVOCAR TEMORES E PESSIMISMOS?

Qualquer pessoa inteligente sabe que uma máquina necessita de cuidados e atenções, de fiscalização, para que seu trabalho seja o melhor possível. Nosso corpo é uma máquina completa e intrincada, com partes insubstituíveis. Uma mulher inteligente e emocionalmente normal deve cuidar de sua saúde. Só os angustiados, neuróticos, temem o exame médico. E justamente êstes são os que o necessitam mais, e mais aliviados ficarão ao ouvir do médico que tudo está bem.

● OBSERVAÇÕES PRÓPRIAS

Além do exame médico regular, a mulher deve consultar um especialista sempre que ocorram os seguintes sintomas: dor repetida em qualquer parte do corpo, tosse insistente, irregularidades orgânicas ou hemorragia insólita, por pequena que seja. Os seios às vêzes aparecem com pequenos caroços ou quistos que nem sempre são cancerosos mas não devem ser descuidados.

● A OBESIDADE É UMA AMEAÇA À SAÚDE?

Estatísticas recentes indicam que as pessoas de pêso exagerado são predispostas a males do coração, pressão alta e diabetes — e há alguma evidência de que igualmente ao câncer.

● QUAIS AS CAUSAS DA OBESIDADE?

O pêso excessivo é causado exclusivamente pelo seguinte: ingestão de alimentos em excesso sôbre a energia despendida. Só pode ser curado de uma maneira: comendo menos do que se despende. Podem existir, no entanto, muitos fatôres que concorram para êsse excesso em aproveitamento sôbre o gasto — fatôres glandulares, ou hereditários ou psicogênicos. Uma prova de metabolismo basal indicará, por exemplo, se a tireóide é preguiçosa e portanto os alimentos não estão sendo queimados com a rapidez normal e vão se transformando em gordura. Quanto aos fatôres hereditários, segundo informou um estudioso em 1936 (Gates, citando Gurney) um estudo comparativo de 63 mulheres com pêso excessivo provou que quando os pais têm pêso excessivo 41% de seus filhos também o têm, assim como pais de altura acima do normal têm 73% dos filhos igualmente com altura fora do comum. Causas emocionais provocam um exagerado desejo de comer e resultam em gordura. Como essas causas são subconscientes, o paciente não pode combatê-las sòzinho. Assumem diversas formas: defesa, mêdo de competição, infelicidade, desejo de vingança, ansiedade amorosa, entre outras. Podem ser curadas pelo médico que as revele ao doente, o qual, compreendendo o que se passa, mostra-se disposto a entrar numa dieta de poucas calorias e perde pêso.

FILHO, MEU FILHO

Texto e [illegible] de [illegible]DO MARTINA

[illegible]GENS:

JEAN	RENATO SCANZINI
MARIO	FRANCO FABRIZI
ZAIRA	LUIZA ALLIANI
SOLANGE	LICIA NA[illegible]
DUPUIS	MAXINO [illegible]
JOANA	NIETTA ZOCCHI

CAPITULO 14 — (resumo da parte já publicada)

NA casa da família Morales o filho dos Dupuis encontrou um mundo completamente diferente do em que tinha vivido até então. D. Maria Cruz desvelou-se em doces carinhos e [illegible] a simpatia da criança. Jean substituía a ausência de [illegible]. Mario [illegible] devia partir e com ele Jean. Diante disso resolveu a família Morales adotar a criança. Depois de muita insistência e somente pela intervenção de [illegible], Mario consente em separar-se de seu garôto. O que seria agora a sua vida sem o menino [illegible] sozinho a perambular pelo mundo?

JEAN AGUARDOU INÚTILMENTE A VINDA DE ZAIRA. D. MARIA CRUZ ENGENDRAVA MIL DESCULPAS PARA ILUDÍ-LO. NO DIA SEGUINTE...

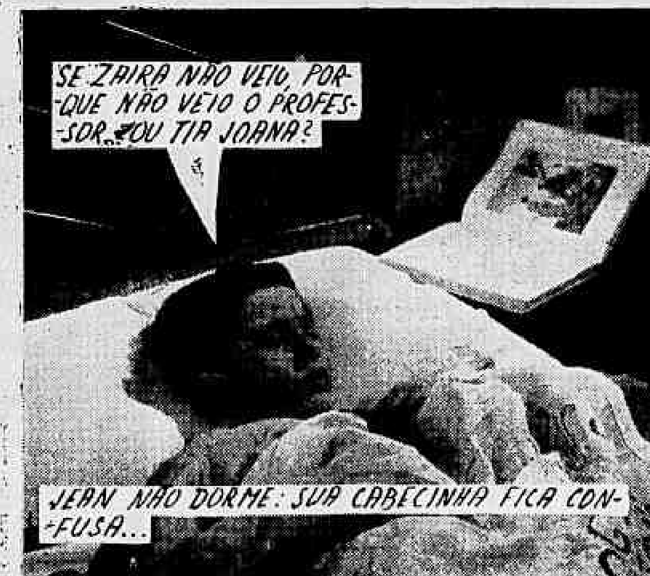


COM O CORAÇÃO BATENDO FORTE, JEAN CONSEGUE SAIR NAS PONTAS DOS PÉS ATÉ AO JARDIM, E DAÍ TOMA A ESTRADA QUE CONDUZ ÀS BARRACAS DO CIRCO...











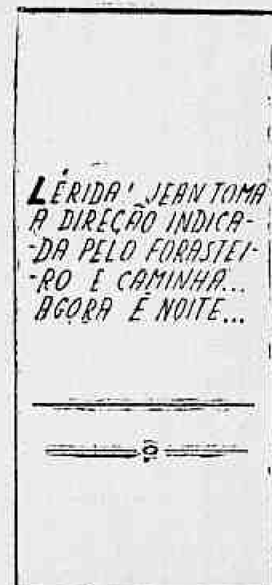


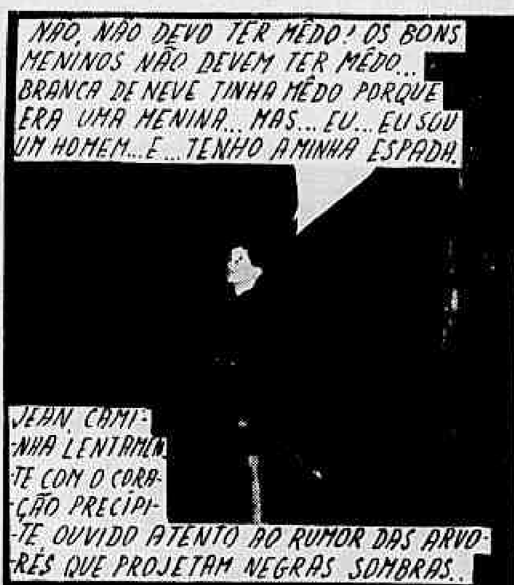
















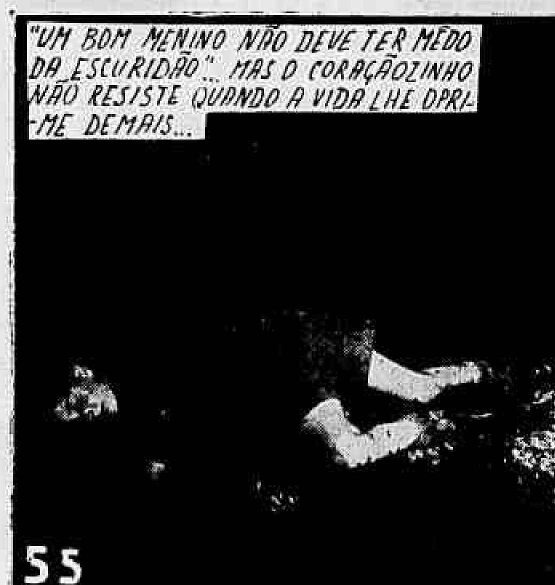


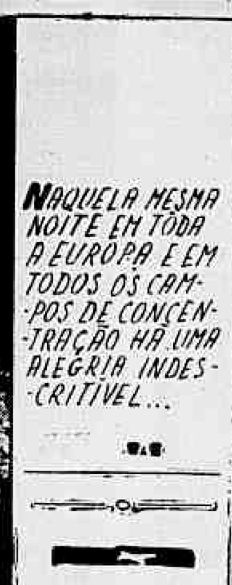


















A SAÚDE DO BEBÊ

Regurgitação e vômitos na criança

DR. SABÓIA RIBEIRO

A manifestação do vômito, na criança, possui sem dúvida importância prática, pois que reina, a miúde, confusão entre o *verdadeiro vômito* e a simples *regurgitação*, tão freqüente nos primeiros meses de vida, e sem maior importância.

● A regurgitação não significa senão que a criança mamou em demasia. Nada mais. E' fácil de compreender a tendência do bebê em expelir o excesso de leite deglutindo, pela regurgitação. De fato, o lactente não possui a grande curvatura existente no adulto, para baixo e à esquerda daquêle órgão. O estômago, nêle, é raso na sua parte inferior, dispondo-se, aí, em linha reta, conformado naturalmente pela posição horizontal e deitada em que o lactente permanece a maior parte do tempo, durante todo o primeiro ano. Só mais tarde, com o andar e a posição vertical, desce o fundo do estômago e se define e desenha a grande curvatura do estômago. Ora, desde que a criança mama mais prolongadamente, o excesso de leite deglutido é repelido com grande facilidade devido à conformação do estômago; e a regurgitação. A diferença, com o vômito pròpriamente, está em que, na regurgitação, a criança está perfeitamente saudável, bom pêso, côres, dormindo bem; no vômito verdadeiro, o contrário se dá, a começar pelo pêso, que não prospera, está caindo a olhos vistos, todos os sinais da doença.

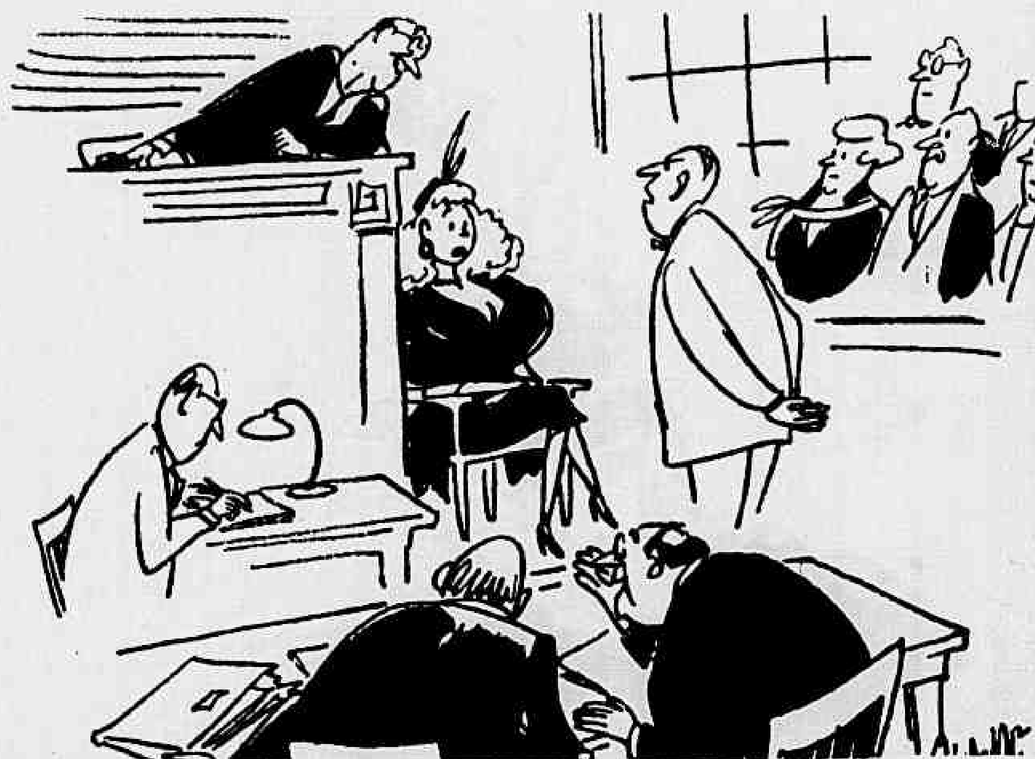
Existem duas maneiras de controlar a regurgitação. Primeiro, não deixar a criança permanecer mais de 15 minutos no seio, no máximo, 20 minutos; segundo, colocar o menino em posição vertical, fazendo com que expila o ar deglutido durante a mamada. Para isto, interromper a mamada, prosseguindo depois, até completar o tempo da mamada.

● E' simplesmente errôneo supor que é necessário que a criança fique muito tempo no seio para alimentar-se bem. "Pesagens repetidas e controles patentearam que a criança toma 2/3 de seu alimento nos primeiros 5 minutos, 1/4 nos seguintes, e o resto nos últimos 10 minutos". Portanto, não adianta ficar além de 15, 20 minutos, no seio, quando das mamaduras. O modo de mamar, varia de um bebê para outro. O lactante nervoso, muito sofrêgo no ato de mamar, enche-se depressa, e após 10 minutos de sucção abandona o seio, e cansado do esfôrço, adormece. O de temperamento fleugmático, mama mais a vagar, e só daí a vinte minutos se dará por satisfeito. Acima de 20 minutos o tempo da amamentação deve ser cortado, por desnecessário.

● Como se disse, regurgitação com o pêso bom não indica anormalidade, quando muito, amamentação e leite em demasia. O vômito que deve ser encarado com inteira seriedade, é o que se reveste de caráter súbito, com sinais manifestos de doença, inclusive febre, ou sintomas evidentes de intoxicação (sonolência, perda do conhecimento). Ou em seguida a um período de perda de vivacidade da criança, do apetite e notório estado de prisão de ventre. O primeiro, quase sempre indicativo de uma infecção. O último, mais encontradiço no menino mais crescido, devido a um distúrbio crônico da esfera nutritiva (e muitas vêzes deficiência das vitaminas do complexo B) ou uma infecção crônica que cumpre ser vigiada sem demora.

No menino de peito, não enganará o caráter sério do "vômito em jato", mesmo porque coincide, sempre, com o precário estado de nutrição da criança, e em que o tratamento anti-espeasmódico ajudado do regime dietético, muitas vêzes, resolve completamente o problema da cura.

Caricatura estrangeira



NO JÚRI — Ótimo. Agora começo a pensar que até o juiz também está do nosso lado.

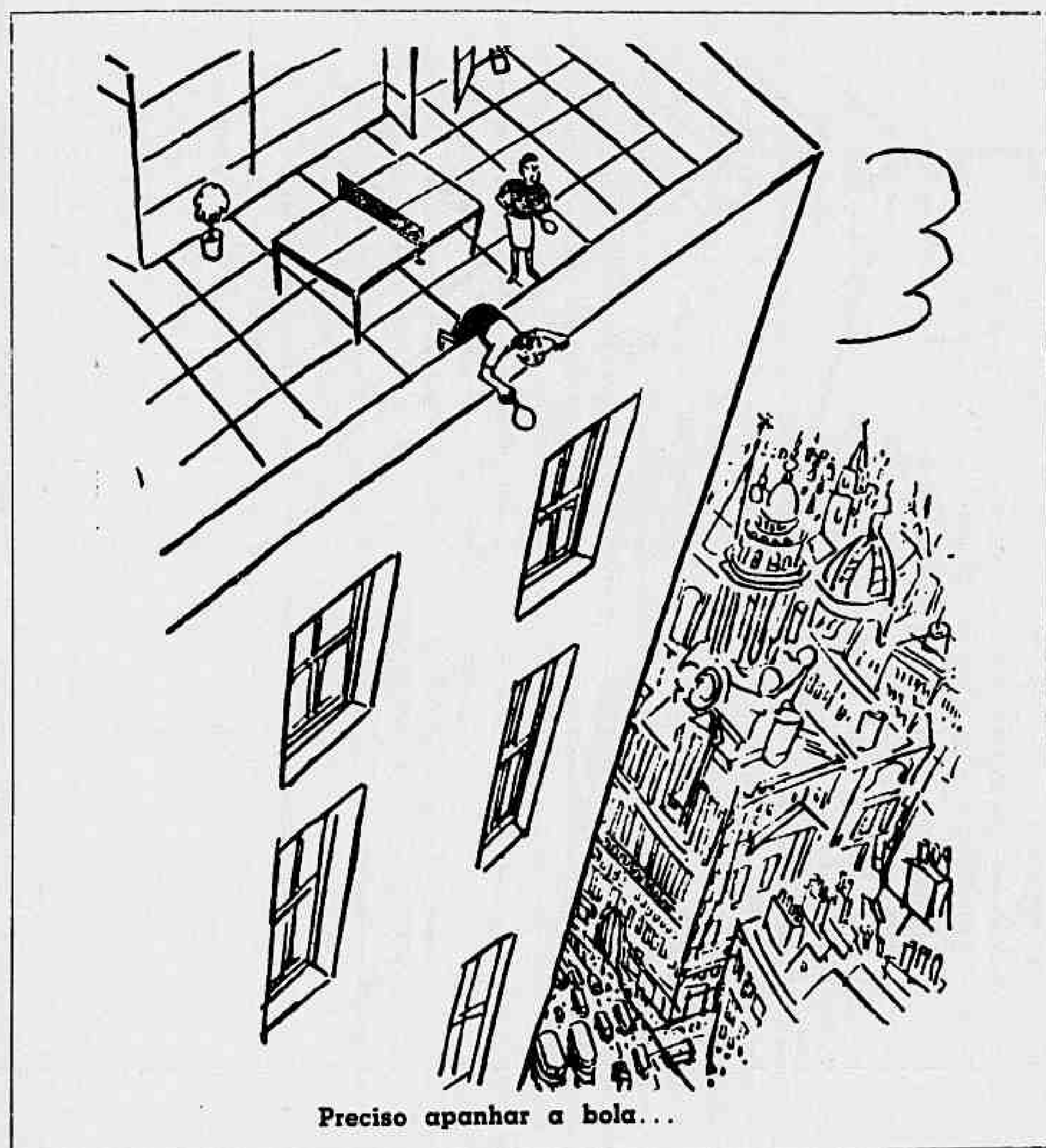


NA PRAIA — Não chamo nunca mais o "salva-vida" dêste pôsto, aquêle bonitão. Êle salva a gente tão depressa.



AS VISITAS DISTRAÍDAS — Estão perguntando se não vimos o bebêzinho dêles na cama, quando apanhamos os "manteux".


No "atelier".


Preciso apanhar a bola...


Assim leva mais tempo... mas garanto que "êles", mesmo usando a técnica mais moderna, não descobrirão as impressões digitais...

À LUZ DA PSICANÁLISE

A Psicologia dos bairros e a função moral das paróquias

Pelo DR. LUIZ FRAGA

HÁ, na longa estrada da vida, iniciando-se no período da adolescência, uma encruzilhada da qual partem dois caminhos:

1 — o da virtude, do verdadeiro amor, formado à base da verdade, da sincera dedicação quiçá, do sacrifício que sublima;

2 — o caminho do vicio cuja preocupação única é o gôzo e que se caracteriza precisamente pela mentira.

● O primeiro pensa no plantio do carvalho, para a sombra do amanhã. E' o coração ao serviço da inteligência. E' o equilíbrio, a sobriedade, a sensatez.

● O segundo, planta a couve para a colheita imediata. Desperta paixões passageiras que, à semelhança do fogo, ardem e deixam cinzas às vêzes. E' o pivot de quantas revoluções têm havido sôbre a terra. O que faz sair das entranhas da sociedade, hordas de miseráveis, aos quais ficaram desconhecidos todos os benefícios sociais. Espécies de selvagens, que vivem no meio da civilização, sem terem nada de comum com ela; que passam todos os dias por nós, sem terem nada de comum conosco mas, cujas massas formidáveis aparecem, de repente, nos dias de desgraça, para nos pedir contas de nosso egoismo e para nos punir de sua ignorância. Um oferece a escada pela qual se galga a verdadeira felicidade. Esta escada é a verdade, qual seja o seu aspecto, sejam quais forem as suas conseqüências.

O outro, a que desce à lama, à podridão. Seus degraus são formados pela mentira, ainda que burilada mas, sempre repelente. Nas grandes cidades, o burburinho do centro comercial, o requinte de certos clubes de diversões, o ambiente das "boites" diluem a mal formada educação dos jovens, determinando-lhes muitas vêzes, um porvir de lágrimas e atrozes sofrimentos.

Fontes de tristezas futuras são também os salões de bilhar, os grupinhos dos cafés e das esquinas, o despudor com que, por vêzes, meninas, na antemanhã da puberdade, se exibem, nas praias, com o andar copiado nos modelos de Hollywood. Alguém chamou a isto o "mal de Copacabana". Tais moços são os forjadores da indisciplina alarmante que preocupa aos educadores. Já é tempo de os pais colaborarem mais diretamente com os colégios, na educação e na disciplina dos filhos. Há no Rio de Janeiro, algumas centenas de pais que não conhecem nem são conhecidos nos colégios que os filhos freqüentam. Mandam-nos ao colégio, pôsto que lhes paguem as despesas, o que julgam bastante para de lá trazerem um certificado. Cuidado, pais de família, atentai bem nas conseqüências desastrosas de vossa displicência. Temei por vós mesmos, jovens, atenuai os impulsos de vossa índole, olhai mais de frente para o futuro.

● Os bairros são refúgios, nos laboratórios dos quais, sob a constante vigilância e os seqüentes conselhos das paróquias verdadeiros celeiros de boa moral, se processam as reações benfazejas.

● A paróquia é o complemento do lar, sem os seus possíveis excessos e a sua displicência natural. E' o verdadeiro conselho de família, da numerosa família dos bairros. A Santa Missa aos domingos e os sermões, estimulam o espírito, concitando-nos às boas ações. Fazem-nos meditar no "connais-toi-toi-même", e nos despertam o desejo de corrigir-nos. E' a luz benéfica que nos retempera o espírito e nos encoraja para as refregas.

Torne seu busto
MAIS JOVEM
MAIS FIRME



Pasta Russa

Conserva e dá aos seios firmeza, perfeição e encanto. PRÁTICO, DISCRETO, EFICIENTE. Garantia absoluta, comprovada em famosos institutos de beleza. Nas drogarias, farmácias e perfumarias.



Clínica Dr. Santos Dias

CONSULTAS: Cr$ 30,00

Tratamento e cura pela hormonioterapia e alta freqüência específica, da velhice precóce, da função sexual no homem e na mulher, irritabilidade, fadiga e insônia, nos casos indicados.

MOLÉSTIAS SEXUAIS — IMPOTÊNCIA

Rua São José, 50 — 9º andar — Conjunto 903. Tel.: 32-6230.

Enfermagem a cargo de técnico e profissional diplomado.

Horário: — Diàriamente, das 14 às 19 horas.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº ...
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

XII CONFERÊNCIA DE TISIOLOGISTAS

VISITA A SÃO PAULO EM DOIS AVIÕES ESPECIAIS DA «NACIONAL» ★ HOMENAGEM DO GOVÊRNO DO ESTADO-



Viajando em dois aviões especiais da "Nacional" Transportes Aéreos, estiveram, no princípio do mês, em visita a São Paulo, os cientistas que participaram da XII Conferência da "Union Internacionale Contre la Tuberculosis" e do II Congresso Internacional do "American College of Chest Physicians", realizados no Rio de Janeiro. Na capital paulista os tisiologistas tiveram o ensejo de observar o que se vem realizando em S. Paulo no terreno da profilaxia e da luta contra a tuberculose. O govêrno do Estado homenageou seus convidados oficiais, oferecendo um almôço, comparecendo ao mesmo o Secretário da Saúde, que, em nome do govêrno, saudou os congressistas, dizendo da importância dos congressos ora realizados e dos resultados alcançados. No clichê, um grupo de cientistas no momento do desembarque de um dos aviões da "Nacional" Transportes Aéreos, que os conduziu à capital bandeirante.

NÃO EXISTE...

(Cont. da pág. 40)

República, na zona Norte e Lapa, na zona Sul, uma vez que êles constituem por excelência, a condução predileta de grande número da população carioca.

Também a modificação do trânsito na avenida Rio Branco, fato assegurado por muitos, sòmente será levado a têrmo, caso os bondes sejam retirados do centro da cidade. Tal não se verificando, êle permanecerá do mesmo modo, embora o diretor do Serviço de Trânsito discorde da maneira porque é feito. Aliás, sua argumentação, nesse ponto, é segura. Êle asseverou-nos que até mesmo um ginasta será incapaz de atravessar o cruzamento da rua Sete de Setembro com a Avenida, em virtude da sinalização estar sempre contra o pedestre. Enquanto isso, noutros pontos da nossa principal artéria, o tráfego mostra-se completamente morto. Por fim, Estrêla acha que a mão única na avenida Rio Branco fere a dignidade da mesma.

Concluindo as «perseguições» a Edgar Estrêla, a fim de poder entrevistá-lo, tivemos da operosa autoridade, a afirmativa de que não existe, em absoluto, congestionamento do tráfego. Há, isto sim, trânsito denso, em virtude da falta de espaço...

QUO VADIS

(Cont. da pág. 45)

Segundo Rozsa, os romanos faziam evolucionar seus ritmos musicais com o emprêgo das palavras, e assim êle teve que estudar a poesia grega para dar uma idéia do tempo básico da música. Diz Rozsa que ao escrever o acompanhamento musical de «Quo Vadis?» sujeitou-se a três principais determinações: a influência grega sôbre a música romana na época de Nero; o emprêgo de antigas melodias judias (que foram a base das primeiras composições rituais na religião Católica Romana); e, finalmente, o emprêgo de um ar marcial, baseado na música grega e siciliana, nos episódios militares do filme.

A circunstância de que os romanos não tenham deixado registro algum de sua música, não impediu que o homem moderno descobrisse a classe de instrumentos musicais que costumavam usar. A cerâmica, as estátuas e as pinturas que nos legaram os antigos habitantes de Roma, contém reproduções de homens e mulheres tocando instrumentos musicais, tais como os chamados «aulos» (espécie de flautas duplas), os «salpinx» (imensos clarins), as «buccinas» (antecessor do moderno cornetin), o «lituus» (um grande tubo de bronze) e outros instrumentos raros. Entre êstes se fala de uma espécie de gaita que muitos historiadores asseveram ter sido introduzida na Escócia pelos romanos. Foi necessário fabricar-se réplicas de todos êsses instrumentos para dar autenticidade aos episódios históricos de «Quo Vadis?».

Acentua Rozsa que o único aspecto em que êle tomou a liberdade de fazer algumas improvisações foi na harmonização. Convém notar que a música de 2 mil anos atrás era totalmente homófona e tinha-se que tocar tudo em uníssono. A harmonia, como se conhece agora, começou a desenvolver-se sete séculos depois dos acontecimentos registrados por Sienkiewicz em «Quo Vadis?».

Nascido na Hungria, Niklos Rozsa está há muito em Hollywood. Entre as suas partituras musicais de maior sucesso encontram-se, em primeiro lugar, a de «Spellbound» (Quando fala o coração), e depois as de «The Killers» (Assassinos), «Nacked City» (Cidade Nua), «The Lost Weekend» (Farrapo Humano) e «Double Indemnity» (Pacto de Sangue).

A HISTÓRIA. Bàsicamente, a história do moderno «Quo Vadis?» resume-se no seguinte: a película começa com o retôrno do guerreiro romano Marco Vinício, depois de sua vitoriosa campanha à frente dos exércitos romanos nas regiões britânicas. Conhece êle então Lígia, jovem cristã retida como refém pelas autoridades romanas, e por ela se enamora; porém, seu ascetismo com relação às crenças religiosas de Lígia constitui uma forte barreira que o impede inicialmente de satisfazer suas inclinações amorosas. Mais tarde Vinício é convertido à religião de Lígia. Mas o caprichoso Nero manda incendiar a cidade de Roma, incitando a ira popular contra os cristãos, apontando-os como culpados. Nero manda prender o maior número possível de cristãos para convertê-los em alimento das feras do circo, e obedecendo a sugestão de sua mulher Popéa, que estava enciumada, pois amava Venício, faz atar Lígia em um poste no centro do circo, para que ali seja atacada por um touro furioso. Pretendendo dar mais espetaculosidade ao acontecimento, Nero oferece deixar Lígia em liberdade se o escravo desta, o fortíssimo Ursus, lograr vencer o touro numa luta em que não pode usar outra arma a não ser suas próprias mãos e seu corpo descomunal. Porém, terminada a peleja, que teve Ursus como vencedor, Nero nega-se a cumprir a promessa. Vinício salta, então, para a arena e, enquanto procura salvar Lígia, incita a multidão contra o imperador. Mais tarde, Nero, perseguido pela multidão sublevada, encerra-se em seu palácio e, depois de estrangular Popéa, é assassinada por sua amante anterior, Acte.

Respostas ao teste

1—Guardas-marinha
2—Rezende
3—Barrancos cobertos de mato que as águas lavam
4—Castanheiro do Pará
5—Eugênio Monglave
6—Relações Exteriores
7—Diogo Alvares Correia
8—Penedo
9—1863
10—Espiga de milho pequena e falhada
11—Bró
12—Criado de quarto
13—A pinha
14—A vista
15—Ceará.



6 LIVROS NOVOS EM CADA MÊS!

COMPRE NO RIO EM NOSSOS BALCÕES: AV. RIO BRANCO, 25 E RUA MÉXICO, 128 (sobreloja) E EM S. PAULO: RUA CONS. CRISPINIANO, 403 — NO INTERIOR PEÇA PELO REEMBÔLSO POSTAL (para o Rio)

Nº 10 — 15,00 · 152 - 10,00 · Nº 64 — 15,00 · Nº 9 — 15,00 · Nº 78 - 10,00 · Nº 34 — 15,00 · Nº 123 — 15,00 · 154 — 15,00 · Nº 137 — 15,00 · 135 — 15,00 · Nº 29 — 10,00 · 63 — 10,00 · 56 — 20,00

75 - 30,00 · Nº 42 — 30,00 · Nº 70 — 30,00 · Nº 36 — 15,00 · 138 - 15,00 · Nº 122 — 15,00 · 153 - 15,00 · Nº 139 — 20,00 · 156 - 15,00 · 149 — 15,00 · 161 - 15,00 · 159 - 15,00 · 167 - 15,00

Nº 77 — 60,00 · Nº 7-15,00 · Nº 5 — 15,00 · Nº 2 — 20,00 · Nº 66 — 15,00 · Nº 92 — 15,00 · Nº 6 — 20,00 · Nº 125 — 20,00 · Nº 126 — 20,00 · Nº 67 — 15,00 · 87 - 20,00 · 166 - 20,00 · 174 - 20,00

50 - 15,00 · Nº 136 — 20,00 · Nº 124 — 20,00 · Nº 23 — 15,00 · Nº 18 — 15,00 · Nº 4 — 15,00 · Nº 91 — 15,00 · Nº 95 — 20,00 · Nº 3 - 15,00 · Nº 130 — 20,00 · Nº 127 — 20,00 · 145 - 20,00 · 164 - 15,00

Nº 33 — 20,00 · Nº 93 - 15,00 · Nº 1 — 20,00 · Nº 140 — 25,00 · Nº 131 — 20,00 · 133 - 20,00 · Nº 30 — 15,00 · Nº 143 — 15,00 · Nº 21 — 15,00 · 162 - 15,00 · 163 - 15,00 · Nº 90 — 15,00 · 165 - 15,00

128 - 15,00 · 17 - 10,00 · 65 - 15,00 · 81 - 10,00 · Nº 46 - 10,00 · Nº 60 — 10,00 · Nº 121 - 10,00 · Nº 142 — 10,00 · Nº 148 - 15,00 · 84 - 10,00 · 176 - 10,00 · 175 - 10,00 · 171 - 15,00

Nº 89 - 40,00 · Nº 69 — 15,00 · Nº 27 — 15,00 · 168 - 15,00 · Nº 26 - 15,00 · Nº 24 — 12,00 · Nº 25 — 12,00 · Nº 31 — 12,00 · Nº 85 — 15,00 · Nº 79 — 10,00 · Nº 86 — 10,00 · 83 - 20,00

Nº 37 — 30,00 · Nº 11 — 15,00 · Nº 39 — 15,00 · Nº 14 — 15,00 · Nº 13 — 15,00 · Nº 12 — 10,00 · Nº 15 — 15,00 · 147 — 15,00 · 151 — 15,00

Nº 16 — 15,00 · Nº 68 — 10,00 · 158 - 15,00 · Nº 82 — 10,00 · Nº 22-15,00 · 157 — 10,00 · Nº 88 — 15,00 · 80 - 15,00 · 144 - 15,00

Nº 44 — 30,00 · 129 — 15,00 · Nº 94 — 15,00 · Nº 96 — 15,00 · Nº 32 — 12,00 · 59 — 30,00 · 169 - 15,00 · 155 - 15,00

Nº 40 — 40,00 · 173 - 15,00 · 172 - 15,00 · 178 - 15,00 · 28 - 15,00 · 146 — 15,00 · 170 — 15,00 · 141 — 15,00 · 8 - 15,00

EDITORA GERTUM CARNEIRO S.A.

Avenida Rio Branco, 25 - Dep. 9-B - Rio de Janeiro

(Não mande dinheiro, nem selos, nada adiantado) Peço enviar pelo Reembôlso Postal os livros, cujos números indico abaixo:

....

....

....

....

BASTA INDICAR O NÚMERO

Nos pedidos abaixo de CR$ 100,00, há aumento de 10%

NOME ....

RUA ....

LOCALIDADE ....

ESTADO ....

(NÃO TEMOS CATÁLOGO)



NO ESCRITÓRIO DE ALMIRANTE — O ensaio para o "show" em homenagem a Noel Rosa — o poeta de Vila Isabel — está fervendo. Almirante e Aracy de Almeida, o "samba em pessoa", os músicos da orquestra absorvidos e a família, mais o Saci — que êles estão criando — estão embevecidos...

O incrível, fantástico, extraordinário ALMIRANTE!

— Henrique Brito ou Braguinha, não sei qual dos dois, continua Almirante, recebeu um convite da "Parlophon", para gravar em disco umas coisas otimas que êles tocavam no violão. Gostaram e perguntaram se êle não podia indicar outras coisas. Quem perguntou foi Carlos Campeão, daquela emprêsa de gravação. O conjunto começou a ser gravado e conhecido.

— Qual a primeira gravação?

— Galo Garnizé, exatamente. Quem muito me animou a prosseguir foi o velho Braga, como o chamavamos, o sr. Jeronymo José F. Braga Neto, diretor da Fábrica Confiança Industrial. No seu salão do antigo Palacete Maswell, em Vila Isabel, é que ensaiamos o "Bando dos Tangarás", que iria substituir o "Flor do Tempo". Dele faziam parte, Henrique Brito e Noel Rosa.



O célebre "Bando dos Tangarás", ensaiando nos estúdios da fábrica de discos Parlophon. Assinalados: Almirante e Noel Rosa.

"LA CONHECI ÊSSE MAROTO..."

— Lá eu conheci êsse maroto, diz d. Ilka.

— Ela era uma meninazinha, diz d. Carmen, a mãe. Meu marido gostava muito dos rapazes. E Almirante, com êsse geito dêle, caiu logo no goto de Jerônimo, que não era velho, como êles o chamam. A rapaziada é que era uma garotada, que não tinha vinte anos. Quando meu marido no seu barco ia a pescarias, os levava.

— E foi lá, como está vendo, que eu comecei a ser feliz... Vê-la e namorá-la foi obra de um momento.

— Deixa disso Almirante, você tinha uma namorada então.

— É, mas você desbancou.

— Sim, mas dizendo assim, parece que você chegou lá em casa, viu e pronto. Olha, não ponha essas coisas na **REVISTA DA SEMANA**, diz d. Ilka, mas entre namôro, noivado e casamento levou três anos.

Aproveitamos o embevecimento do olhar de Almirante, olhando com carinho para a senhora e fizemos o fotógrafo fixar o casal juntinho, feliz, feliz.

Aracy de Almeida e um bando de modernos tangarás, de uma orquestra que vinha ensaiar o "show" de evocação a Noel Rosa, irrompem pela sala, num falatório entre expansões de todos, que aderem ao uisque gostoso do barman fidalgo.

— Mas, deixem-me concluir ràpidamente aqui a história do Bando dos Tangarás. Organizamo-lo, por amor à arte, ninguém ganhava nada, cada qual mais pronto e contente da vida. Noel então era gozadíssimo...

— Como conheceu Noel?

— Em 1923, êle me vendendo uma máquina de projeção velha para cinema. Eu ganhara no Liceu Rio Branco alguns filmes antigos e precisava de u'a máquina, quando o grande pequititinho soube e veio me falar. De máquina, passamos à música e ficamos camaradas. Quando da organização dos Tangarás êle entrou logo, pois desde 1927 já era do "Flor do Tempo".

— Qual o sucesso que o tornou conhecido?

— "Na Pavuna", que gravei e abafou no Carnaval de 1929. Depois, ao que me recorde, "Touradas em Madrid", "Marcinha do Galo Grande", de Lamartine Babo, aquela do "Có...có...ró...có..." "Faustina", a personificação da sogra, da sogra falsificada, como êles pintam por aí e não como a que eu tenho... "Vida amargada", foram outros tantos sucessos.

— Mas você trabalhou no palco nesse tempo?

— Até 1931, sòmente como amador e em festivais de caridade. Foi num dêstes, no Teatro Casino, da Prefeitura, ali no Passeio Público, que o deputado a que me referi me viu e mandou-me chamar pelo Paulo.

QUERIA SER DETETIVE

Quando êle me propôs apresentar-me em público, no seu Cinema Eldorado, pagando-nos dois contos e cem por semana (há 20 anos atrás isso era dinheiro), basta dizer que eu ganhava no Rádio, depois disso, cachés de 20 cruzeiros... fiquei encabulado. Parecia-me

quase uma venalidade... eu ganhar dinheiro no palco! Era um homem moço e gordo, mas que não entregava os pontos com facilidade. No Café Nice, onde se encontrava sempre com Filinto Muller, grande amigo seu, o deputado doublé de empresário argumentava, dizia-me coisas tentadoras sôbre o meu futuro. E quando afirmou que tinha simpatia por mim, então eu me animei e lhe fiz o pedido, que era então a suprema aspiração de minha vida: êle bem podia me arranjar um lugar de detetive na Polícia... Êle riu da minha grande aspiração, profetisou coisas sôbre o meu sucesso e disse que um dia eu ainda haveria de achar graça nessa história de detetive...

Todos riram na sala: o Almirante detetive.

— Foi. Está aqui o programa de estréia no "Eldorado", em que se anuncia o **Bando dos Tangarás**, Almirante e... Noel Rosa, em pessoa, o autor do "Com Que Roupa", diz o anúncio do então Cine Teatro da Avenida, que sempre dava "shows" e onde Carmen Miranda e Francisco Alves depois também apareceram, com Mário Reis. No mesmo programa em que estreamos, estava Elisa Coelho, cantando "No Rancho Fundo..."

O FABULOSO ARQUIVO

Estávamos já no segundo andar do esplendido apartamento, no escritório amplíssimo de Almirante, que mede uns dez metros por dez metros, todo rodeado de estantes, de quadros, caricaturas, recordações e seu fabuloso arquivo.

Almirante é esta coisa incrível: um artista organizado, organizadíssimo.

Seu arquivo está assim dividido: História do nosso Carnaval; partes de piano; orquestrações, músicas em livro. Seu fichário está organizado: por títulos; por autores, por época, por editores, pelo uso (Cinema ou Teatro, ou Rádio), por assunto.

Mais de 50.000 músicas estão arquivadas por êle. Aluda-se vagamente a qualquer música que foi tocada ou cantada no Brasil e em menos de 2 minutos, Almirante está com a música na mão, a história da música, quem cantou pela primeira vez, quem gravou, quem editou, em que época, o diabo a quatro, um pedigree completo.

E não é só. Até uma sintese diária do que faz, anotados dia a dia, há 20 anos, seus contratos, seus programas de rádio, de cinema, de teatro, em festivais, o que disse, o que escreveu, os programas impressos, distribuidos ao público, tôda propaganda feita na imprensa ou em folhetos, tudo, tudo, de tal forma que parece que o presidente do IBGE devia ser êle e mais ninguém. Coisa louca! Arquivo, fichário, pastas, nessa trindade está compendiada tôda a história da música e do Rádio nestas duas décadas. Daí os programas formidáveis, interessantissimos, que o talento de Almirante, sua verve, seu gôsto artístico sabem organizar como ninguém o poderia fazer.

DUAS "GOZADAS" DE NOEL ROSA

Sôbre os tempos do Eldorado, sua estréia como artista pago, Almirante, já no salão amplo, que é seu escritório, estúdio, como poderia ser quase uma quadra de tênis, conta coisas interessantíssimas que encheriam esta entrevista. Não resistimos em repetir duas histórias sôbre Noel Rosa.

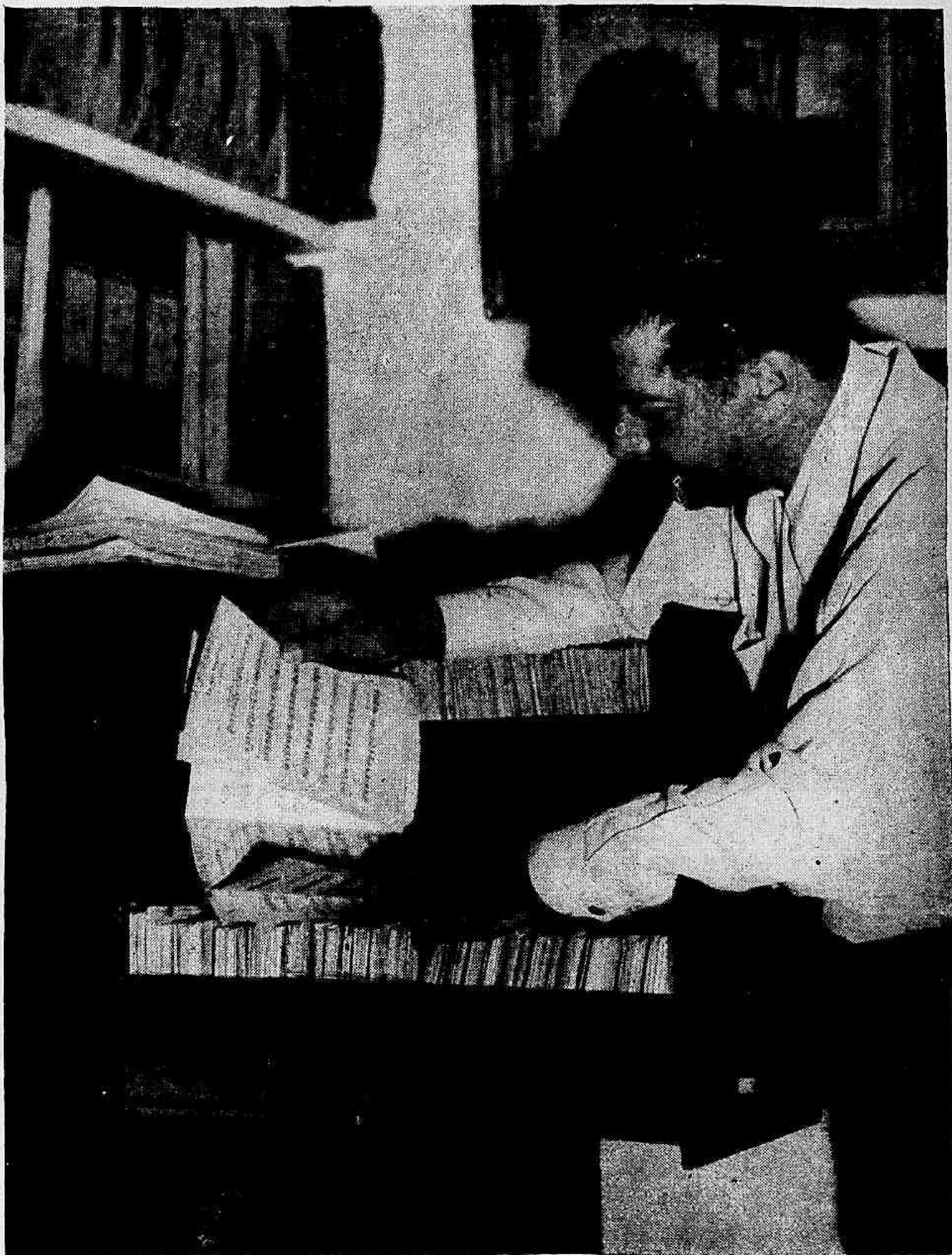
— Noel, diz Almirante, tinha sòmente um terno de roupa, nesse tempo. Mas com que roupa êle ia! Só êle era capaz de usar aquilo, na sua extravagância. Era listrado de marron e branco, listas largas, parecia uma zebra côr de chocolate e êle muito magrinho... Eu andava louco. Uma tarde, na matinée das 4, a casa cheia, estou apresentando o número, em frente à cortina e vejo, com os meus olhos ainda não acostumados direito à luz forte dos refletores da ribalta, o Noel sentado na platéia, com a roupa incrível, que só êle no mundo poderia ter. Olho para trás, grelo as pernas do Bando dos Tangarás, por baixo da cortina, êles estavam sentado em fila e a calça de zebra não estava. Virgem Maria. O Noel resolvera assistir o espetáculo, em vêz de tomar parte no mesmo. Com êle tudo era possivel. Mas abre a cortina e Noel lá está sentadinho com os outros no seu lugar, o violão ao colo, de terno novo azul marinho. E a zebra lá na plateia. Será possível?

Quando acabou o "show", corri para êle: — Que é que houve, que terno é êsse? Você não estava na platéia? — Não, aquêle é um amigo, um camaradão. Êle combinou comigo: na hora do "show" nós trocamos de roupa, aqui dentro. Olha, está chegando... Você não andava implicando com o meu terno marron? E estou implicando com êsses incríveis sapatos sujos seus, Noel, isso é uma vergonha. Vá engraxar isso, meu filho.

— Vou, sim, você tem razão, estão um pouquinho sujos.

Na sessão da noite, na hora do solo de Noel, quando êste puxava uma cadeira, cruzava as pernas, punha o violão ao colo e cantava suas composições, sempre bisadas e trisadas pelas platéias eletrisadas, olho e fico pasmo: Noel só fizera engraxar um dos pés de sapato, o da perna esquerda, que êle cruzava e mostrava ao público. Quando acabou o "show", interpelei-o e Noel, gaguejando um pouco, como era típico nele, quando nervoso: — Não houve tempo, bateu a campainha para começar a sessão e larguei o engraxate, aí na porta do Eldorado. Fomos para o Café Nice, depois do espetáculo e no dia seguinte perguntei ao engraxate: então o Noel não teve tempo de limpar o outro sapato hontem, êle sempre atrazado. — Não, seu Almirante, seu Noel não estava atrazado, não. Ficou aí conversando um tempão. Êle é que não quiz. Disse que o público só ia ver um pé e não era preciso. Pagou, pois, só a metade...

O tempo corria e Almirante precisava ensaiar seus amigos. Aracy estava no princípio



O FABULOSO ARQUIVO — Almirante consulta o arquivo de músicas, onde se encontram mais de cinqüenta mil músicas colecionadas e catalogadas. Em menos de um minuto êle localiza qualquer das músicas ali existentes. Bicho organizado!



MAURICE CHEVALIER E O RECO-RECO — No Rio de Janeiro, Maurice Chevalier, conhecido ator cinematográfico francês, quis conhecer Almirante e pediu-lhe explicações pormenorizadas sôbre nossos diversos instrumentos típicos. Aqui o vemos com um pandeiro na mão, maravilhando-se com o reco-reco.

um pouco nervosa. Almirante havia organizado um "show" completo, com as marcações precisas, tudo aquilo ia dar muito trabalho. Não, podia cantar tanta coisa, assim. Mas Almirante com diplomacia e paciência tudo arranjou. Daí há pouco tudo estava no melhor dos mundos. E tão absorvidos ficaram no ensaio que o repórter e o fotógrafo andaram à solta, aquêle remexendo nos arquivos fotográficos, êste a surpreender aspectos do ensaio. Daí em diante a entrevista tomou aspecto telegráfico. Cada vez que Almirante escapulia um minutinho recebia uma pergunta-flash:

— E' segrêdo, onde nasceu e quando?

— Não, 1908, aqui mesmo, no Engenho Novo.

— Quais as estações de Rádio em que trabalhou?

— Quase tôdas. Comecei na Educadora, depois fui para a antiga Rádio Club, onde, como a ave que volta ao ninho antigo, estou outra vez. Estive na Rádio Sociedade, hoje Roquete Pinto, na Transmissora, hoje Rádio Globo, na Nacional, em várias épocas.

— E atualmente?

— Estou em duas, na Rádio Club, aqui, faço "Academia de Ritmos" e "Incrível, Fantástico, Extraordinário". Na Rádio Record, de São Paulo, a Vida de Noel Rosa e A História do Carnaval.

— Como consegue essa proeza?

INCRÍVEL, FANSTASTICO...

— Simplesmente, eu e minha senhora tomamos o automóvel tôdas as Sextas-feiras pela manhã e Sexta e Sábado trabalho lá. Voltamos e Terças, Quintas e Domingos funciono aqui. Muito simples, como vê...

— Incrível, Fantástico, Extraordinário... E por falar nisso, como lhe veio a idéia dêsse programa?

— E' que eu notava que quando alguém contava algum caso de aparições, alma do outro mundo, havia sempre interêsse. E mais: logo vêm os outros e cada um tem um caso a contar. O repertório seria inexgotável, portanto.

Há qualquer dúvida na turma que ensaia. Almirante é chamado por êles.

Ficamos com a família e o negrinho que o casal está criando, moleque levado, águia, o Sacy, como Almirante o alcunhou.

D. Carmen volta a falar com ternura no genro:

— Meu marido gostava muito de Almirante...

— Adorava! interrompe dona Ilka. Papai



A PARCEIRA — Carmen Miranda, no esplendor de sua glória em Hollywood, não se esquece dos antigos companheiros e colegas do Brasil. Esta fotografia veio com a seguinte dedicatória: — "Alô, Almirante, já se esqueceu da parceira?"

era louco por Almirante, levava-o em seu barco à Jacutinga... ao Joá...

Almirante volta e continuamos a metralhá-lo:

— Qual o menor ordenado que recebeu?

— O menor... foi de graça e o engraçado é que achei muita graça no 2º lugar, que foi 20 mil réis, depois foi subindo, foi subindo e confesso que acho isto agora mais engraçado ainda.

Não lamenta então não ter sido detetive, sua grande aspiração?...

V. não se esqueceu. O homem tinha razão. Um dia v. achará graça disso. De fato, acho uma graça enorme naquela vergonha de ganhar dinheiro. Agora eu teria era de não ganhar...

Qual os programas mais importantes que já criou?

— Importantes não sei, mas, para mim, os de maior significação foram "Curiosidades Musicais", que explorava o folclore e, a meu ver, deu nova orientação aos programas, surgindo a idéia dos programas especiais, marcando uma nova etapa em nosso Rádio. Era ainda o tempo do "Acabaram de ouvir", "E agora vamos apresentar" e não havia programas especiais. Outro programa que devo citar é "Caixa de Perguntas", o primeiro programa de auditório feito no Brasil, tendo um animador a falar com o público e a fazê-lo colaborar com os radialistas para a diversão geral. Também Concurso de Gaitas ocorre-me citar.

— Onde conheceu Carmen Miranda?

— Na travessa do Comércio, perto da casa em que ela morava. Trabalhamos juntos muitas vêzes e ela, agora com sua fama mundial, não se esquece dos velhos companheiros. E Almirante vai buscar no arquivo um mundo de fotos de Carmen e com Carmen. Tiramos duas: uma trabalhando com Almirante, de chapéu côco, em Campinas e outra, entre várias, mandadas da América do Norte, com esta expressiva dedicatória. **"Alô, Almirante, ainda se lembra da antiga parceira? Carmen".**

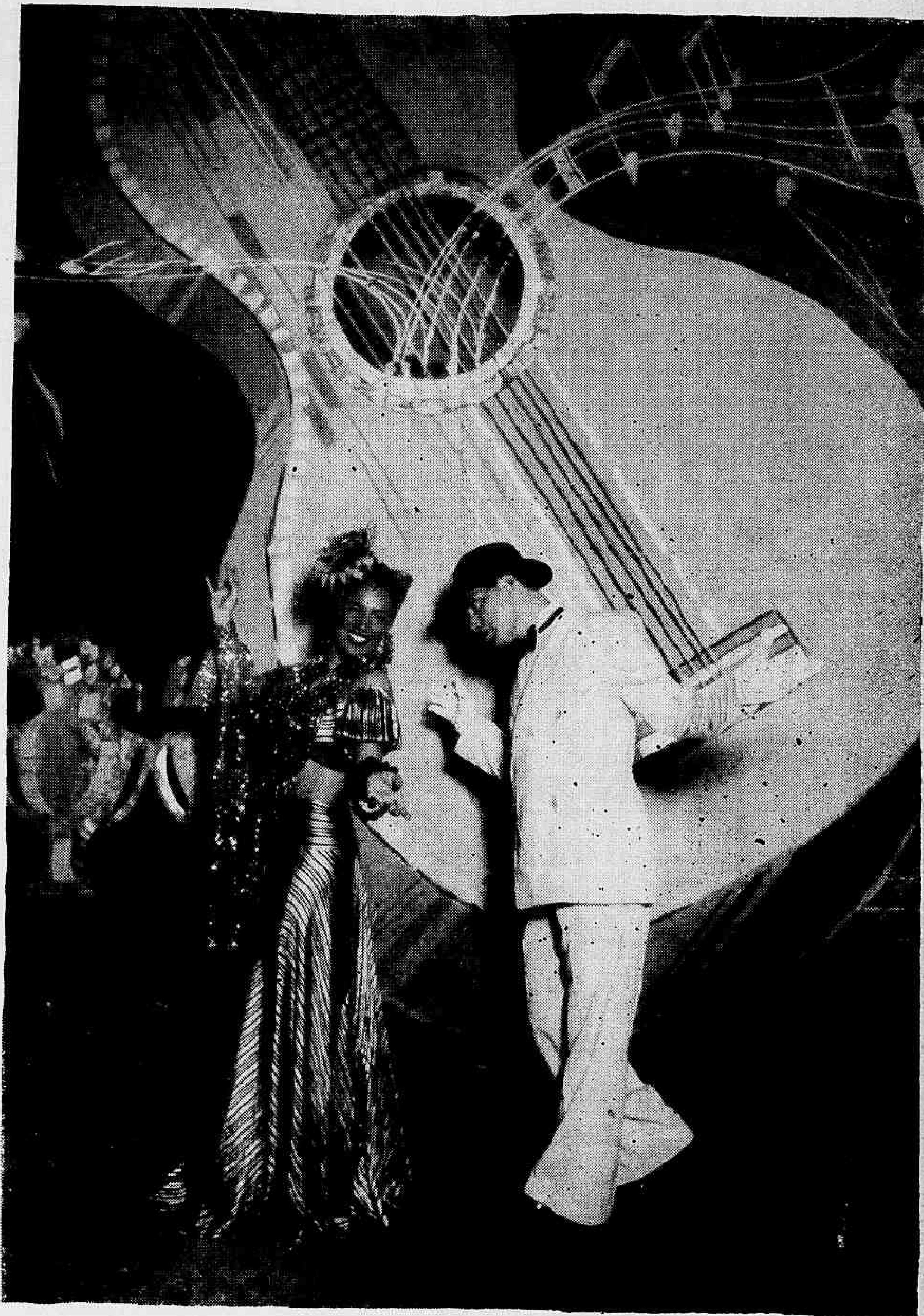
Entre fotos de celebridades achamos curiosa esta com Maurice Chevalier.

— Ah, explicou Almirante, eu andei mostrando e êle vendo como funcíona o reco-reco e o pandeiro.

— E gostou?

— Se não gostou, fingiu muito bem.

Almirante está lançando em São Paulo, no Rádio, com sucesso enorme "A Vida de Noel Rosa". Ninguém melhor do que Almirante conhece e pode contar as aventuras estupendas e saborosas do imortal autor de "Eu Vou pra Vila". E aqui podemos adiantar a novidade. **REVISTA DA SEMANA** vai lançar breve, com exclusividade na imprensa, essa leitura sensacional.



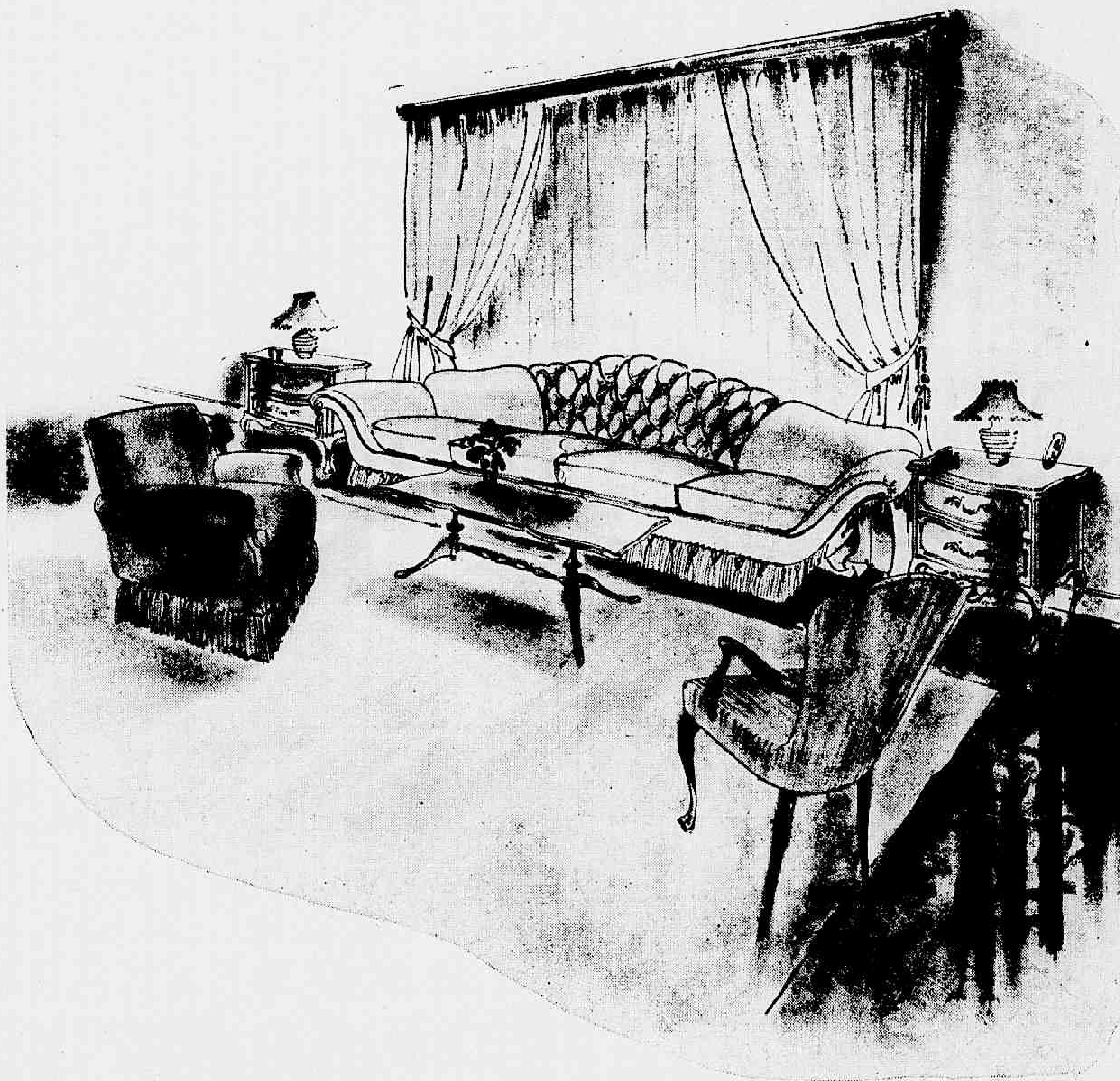
RESPOSTA DE ALMIRANTE — "Não, Carmen, não me esqueci, nem daquele violão do tamanho de um bonde, em cuja frente cantávamos, como neste festival na cidade de Campinas. Sabes quando? Dia 29 de Janeiro. Digo o ano? 1939."



ÚLTIMO FLASH

JACQUES FATH CHEGOU! — O aeroporto do Galeão estava cheio. Uma multidão elegantíssima se comprimia. Baterias de fotógrafos, com "flashes" e "spot lights" os mais completos, se preparavam. Havia nervosismo. O bisonho repórter de antanho, se ressuscitasse, pensaria logo na chegada de algum marajá ou embaixador de alta potência, alguma celebridade na ciência ou na arte. E era tudo isso, o marajá de Corbeville, o embaixador do figurino, de Paris, son Altesse Royale, le Prince de La Aute Couture, e la Princesse Jacques Fath, hoje personagens discutidíssimos nestas terras, que êles chamam de **là bas**... Discutidíssimos, pois a célebre festa do Castelo de Corbeville criou, indubitàvelmente, dois partidos: o dos que acham que êle fêz maravilhosa propaganda do nosso algodão e dos que julgam que sua festa suntuosa, que custou milhões e mais milhões, excedeu não sòmente as expectativas, mas excedeu-se em muitas coisas. A forma excepcionalíssima com que será recebido o famoso costureiro francês talvez redunde até numa reforma do sistema protocolar do Itamarati, pois grave questão de etiquêta já foi — segundo dizem — levantada nos mais altos círculos sociais de São Paulo: a Princesa Jacques Fath de que maneira poderá ser recebida nas esferas governamentais?

MÓVEIS E DECORAÇÕES



orçamentos executados
por técnicos especializados



Tapêtes feitos à mão

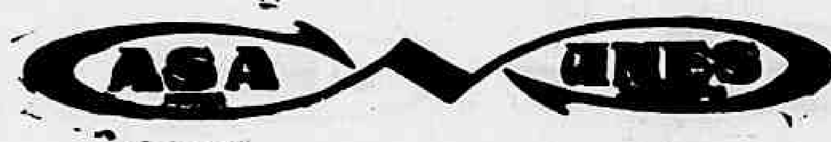
de grande beleza e originalidade

Tapêtes e passadeiras

de forração, em côres lisas e com flores

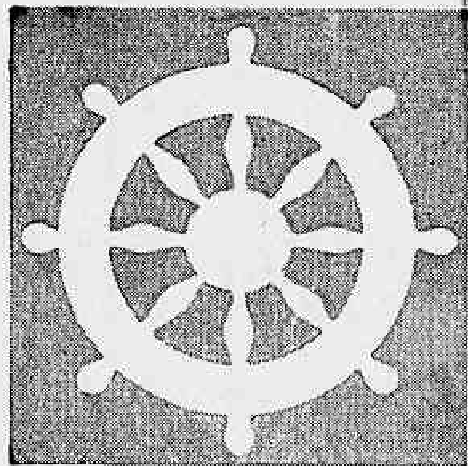
GRUPOS ESTOFADOS

especialidade de nossas oficinas

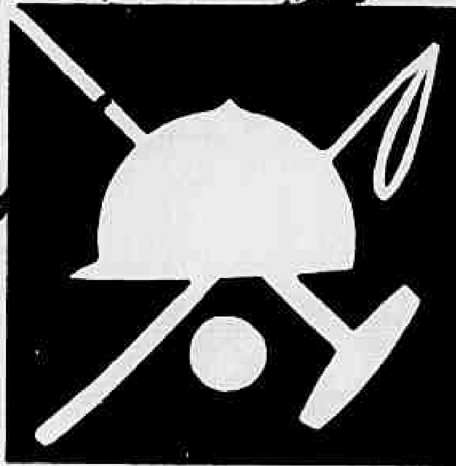


65, rua da CARIOCA, 67 - RIO





o mais procurado em sua classe!



O prestígio ímpar
dos cigarros Hollywood
é o resultado
da consagração unânime
das pessoas
de bom gosto... amantes
da arte e dos
esportes aristocráticos.



cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto

H-88.093

UM PRODUTO SOUZA CRUZ